



FIQUE SÓCIO: 22712000

CAMPEÃO BRASILEIRO

ATA 198

Topper

TEC

MOVIDOS A PAIXÃO

Quatro clubes. Quatro lugares. Vínculos além do futebol

Estevão Rinaldi Pereira

Estevão Rinaldi Pereira

MOVIDOS A PAIXÃO

Quatro clubes. Quatro lugares.
Vínculos além do futebol

Bauru 2014

Copyright © by Estevão Rinaldi Pereira

Preparação de texto

Estevão Rinaldi Pereira

Revisão

Angelo Sottovia Aranha

Estevão Rinaldi Pereira

Mayra Fernanda Ferreira

Produção Editorial

Estevão Rinaldi Pereira

Arte

Coordenação: Gabriel de Castro Hirabahasi

Produção Gráfica: Gabriel de Castro Hirabahasi

Diagramação: Gabriel de Castro Hirabahasi

Fotografia: Estevão Rinaldi Pereira

Colaborações Fotográficas

Mayara Abreu Mendes

Henrique Perazzi de Aquino

Museu do Futebol e Esporte de Araraquara

Acervo Histórico (XV de Jaú, Juventus, Ferroviária e Noroeste)

Jornal da Cidade de Bauru

Pereira, Estevão Rinaldi.

Movidos a Paixão: Quatro clubes. Quatro lugares. Vínculos além do futebol / Estevão Rinaldi Pereira. Bauru, 2014.

181 p

Dedico este livro especialmente a meus pais, João e Cristina, como uma pequena retribuição a todo amor que me deram desde sempre;

A meu avô, Augusto, que me ensinou, entre tantas outras coisas, a amar o futebol. Partiu deste mundo, mas jamais deixará minha memória;

E à minha namorada, Mayara, uma de minhas fontes de felicidade e coragem durante os momentos de trabalho árduo.

Agradecimentos

Agradeço especialmente a meus pais, João e Cristina, incentivadores de tudo aquilo que me proponho a fazer;

À minha namorada, Mayara, que esteve comigo nos momentos de indecisão e incerteza, sempre tendo a paciência necessária para me ajudar em todos os processos de produção do trabalho;

A meu orientador, professor Angelo Sottovia Aranha, e à minha eterna melhor professora, Mayra Fernanda Ferreira, grandes encorajadores de meu projeto e essenciais para o desenvolvimento do mesmo;

A meus familiares em geral, que não me pouparam apoio e atenção;

E a meus amigos, dos mais próximos aos hoje mais distantes, nos quais sei que sempre poderei depositar minha confiança.

Todos contribuíram de alguma forma para que esse sonho pudesse se concretizar.

Estevão Rinaldi Pereira

Nota do Autor

Sou do interior. Nascido e criado em Jaú, uma tranquila cidade paulista famosa também por ser a casa de uma tradicional agremiação esportiva: o XV de Jaú. Desde a infância, quando tive o primeiro contato com o time, me encantei com o clima dos jogos no Zezinho Magalhães, o Jauzão. Eu já havia descoberto a paixão pelo esporte mais popular do planeta antes de conhecer um estádio pessoalmente, mas tendo essa experiência descobri também a paixão que sentia por ir a um campo de futebol. A partir de então, já não poupei mais meu pai, que se cansava de escutar súplicas a cada final de semana, até que me levasse ao estádio.

O tempo voou, vivi muitas histórias dentro e fora do Jauzão e logo me vi obrigado a escolher o que queria fazer da vida. Resolvi ser jornalista, antes de tudo, por gostar de esporte. Acreditava que seria uma motivação que, aliada ao meu gosto pela escrita, seria suficientemente boa para me manter interessado pela profissão, já que falaria sobre o que mais gosto durante todo o tempo. Na universidade, como era de se imaginar, descobri que também me dava prazer escrever sobre outros assuntos.

Só que, se existe algo pelo qual meu coração sempre vai bater mais forte, é o futebol. Tendo essa certeza e sabendo que outros tantos malucos muito mais malucos que eu vivem espalhados por aí, não tive dúvidas na hora de escolher o tema de meu Projeto Experimental de Conclusão de Curso: seria sobre aquele que é, na minha opinião, o esporte mais fantástico de todos.

Queria me aprofundar em um assunto inspirador, que me desse gana de conhecê-lo melhor. Foi então que me veio a ideia de abordar em um livro o vínculo que alguns times do interior têm com as populações de suas respectivas cidades. E o que pode trazer mais inspiração para alguém como eu do que vivenciar e relatar um pouco da paixão que as pessoas têm por seus clubes de futebol?

Eu poderia ter escolhido muitos times. Quantas histórias riquíssimas do mundo da bola estão espalhadas pelas terras tupi-niquins... Em cada região do estado de São Paulo, por exemplo, estão sediados times que já são eternos na memória do futebol brasileiro e não tenho dúvidas de que cada um deles me renderia personagens e relatos belíssimos. Não é à toa que ostentamos a alcunha de país do futebol.

Só que, mais uma vez na vida, eu precisava escolher. Então, primeiramente, senti-me na obrigação prazerosa de trazer o Esporte Clube XV de Novembro de Jaú à lista, não apenas por ser o time de minha cidade, mas por conhecer parte de sua trajetória e saber que, ainda hoje, existem muitas pessoas que manifestam seu amor pelo Galo de forma comovente.

Tive que lembrar, também, do Noroeste Esporte Clube, rival histórico do XV e clube símbolo de Bauru, cidade que me acolheu para que eu pudesse buscar meus sonhos e pela qual eu sinto um carinho enorme. Vivendo lá, aprendi a respeitar ainda mais o Norusca, bem como sua história centenária e seu povo.

As escolhas da Associação Ferroviária de Esportes e do Clube Atlético Juventus se devem a vários fatores. Um deles é a inegável tradição que seus nomes carregam. Assim como os dois primeiros escolhidos, são instituições vencedoras. Além disso, devo confessar que esses dois clubes sempre me desperta-

ram curiosidade e interesse, já que estou acostumado a escutar sobre seus feitos desde menino. Ambos, aliás, são tradicionalmente conhecidos como times charmosos, queridos por todos, além de, é claro, levarem a belíssima cor grená em suas não menos lindas camisas.

Ah! E para quem pensar em contestar a escolha do Juventus, alegando que se trata de um clube da metrópole São Paulo, e não do interior, digo que poucos clubes representam tão bem quanto o Juve a relação de vínculo afetivo entre clube e população, tão comum nas cidades menores. Que me perdoem os paulistanos em geral que gostam do Juventus, mas trata-se de um clube da Mooca, praticamente uma cidade do interior dentro da cidade grande, (aliás, assim ela será tratada aqui). Por essas e outras razões, não hesitei em incluí-lo no projeto, tendo a certeza de que me acrescentaria muito.

Se me perguntarem sobre quais foram os critérios gerais de que fiz uso para selecionar os clubes aqui abordados, direi que a paixão e a tradição são os principais deles. Todos eles têm, cada qual à sua maneira, páginas que só puderam ser escritas porque suas histórias foram movidas a sentimento. Esses quatro clubes fizeram e ainda fazem o coração de muita gente pulsar mais forte. Tão intensa é a relação existente que acaba sendo praticamente impossível, principalmente para quem admira o esporte, dissociar clube e localidade nesses casos. Ferroviária é Araraquara. XV é Jaú. Juventus é Mooca. Noroeste é Bauru.

Há quem os considere “pequenos” no cenário nacional. As aspas, nesse caso, são mais do que necessárias e justificáveis. Todos eles são grandes o suficiente para guardar histórias lindas, capazes de contagiar a alma de um amante de futebol. Devo confessar que algumas chegaram a me emocionar e a quase tra-

zer lágrimas aos meus olhos quando foram lembradas durante as agradáveis conversas com os entrevistados. Se por um lado é óbvio que não podemos compará-los aos papa-títulos da primeira divisão do Brasil, por outro, cada um deles é gigante em significado para suas localidades e para o futebol regional e estadual. Todos eles são essencialmente românticos. Fazem inclusive com que alguém como eu, um jovem de 21 anos, sinta nostalgia por tempos que não tive o prazer de vivenciar.

Quando, enfim, terminei o trabalho de pesquisa e as entrevistas, senti que não poderia ter feito melhores escolhas. A alegria que tive ao passar pelos estádios e poder revisitar um pouco da vida dos times aqui relatados e de seus seguidores foi muito grande, principalmente quando se entende o futebol como cultura e se é completamente apaixonado por toda a atmosfera que o cerca.

Procurei, antes de tudo, falar com pessoas que são mais que conhecedores dos clubes de sua cidade: são verdadeiros apaixonados. Adquiri por todos um enorme respeito e me identifiquei com seus sentimentos, afinal, assim como eu, todos eles vivem a dor e a delícia de torcer por um clube “pequeno”. Com aspas, sim senhor.

Sumário

1. PRÉ-JOGO - Introdução.....	17
2 ESCALAÇÃO - Apresentando clubes e pessoas.....	22
2.1 ORIGENS E HISTÓRIAS ETERNAS.....	23
2.1.1 Da mesa de bar ao coração dos jauenses.....	25
2.1.2 Um clube forte como a Mooca.....	29
2.1.3 Caçula e abusada.....	34
2.1.4 O primeiro e eterno clube de Bauru.....	37
2.2 TRABALHANDO COM SENTIMENTO.....	43
2.2.1 Um noroestino a serviço do Alvirrubro.....	44
2.2.2 Um adotado pelo Norusca.....	46
2.2.3 A nova voz juvenina.....	48
2.2.4 A eterna voz afeana.....	52
2.2.5 A fanática voz quinzeana.....	55
2.2.6 Em casa e fora: tem diferença?.....	57
2.3 SÍMBOLOS DE DEVOÇÃO.....	59
2.3.1 O dono da segunda casa dos quinzeanos.....	62
2.3.2 Alma, vida e sangue rubros.....	68
2.3.3 O papa afeano.....	74
2.3.4 O dono do bar mais grená da Mooca.....	82
3 PRIMEIRO TEMPO - Torcida, paixão e estádio....	88
3.1 O lugar onde tudo acontece.....	91
3.2 Hábitos únicos e marcantes.....	93
3.3 A experiência única do estádio.....	99

3.4 Um evento social.....	105
3.5 Onde nasce o amor.....	107
3.6 Paixão que se renova.....	113
3.7 Coração e pé na estrada.....	117
3.8 Dois times: ambiguidade possível?.....	120

4 SEGUNDO TEMPO - Clube e cidade: relações intensas..123

4.1 A construção das relações.....	126
4.2 XV de Jaú e Juventus: queridos desde sempre.....	126
4.3 Ferroviária e Noroeste: estradas paralelas.....	129
4.4 Paixões acesas e adormecidas.....	134
4.5 Globalização: um problema?.....	142
4.6 Imprensa: cumprindo seu papel.....	145
4.7 Momentos de aproximação.....	146
4.8 O fenômeno da Rua Javari.....	151
4.9 Guerreiros que não medem esforços.....	156
4.10 Olhando para o futuro.....	163

5 PÓS-JOGO - Declarações de amor.....172

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....181

PRÉ-JOGO

Introdução



O que é paixão? Bem, considerando as explicações mais frequentes, pode-se dizer que é um sentimento forte, como o amor, ou o ódio; ou um movimento impetuoso da alma para o bem ou para o mal, por exemplo. Outros a definem como uma espécie de parcialidade, de prevenção pró ou contra alguma coisa; pode também ter a ver com desgosto, mágoa ou sofrimento prolongado. Todas parecem plausíveis, e todas podem ser exemplificadas por meio do que os torcedores de um clube de futebol sentem por seus clubes do coração.

Se não é, tem a ver com um sentimento forte, capaz de despertar o amor por uma instituição da qual se é seguidor fiel e convicto e o ódio por agremiações rivais. Um movimento da alma, que inspira o cidadão a dar sua contribuição ativa no estádio entoando em coro uma canção motivacional e, ao mesmo tempo, o faz perder ridiculamente a razão em momentos de raiva. E esses momentos são tão frequentes que, não raras vezes, o torcedor se flagra dizendo coisas que jamais seria capaz de dizer em seu estado normal, mas que não o envergonham. Afinal, ele tem uma justificativa para isso, talvez a maior delas: ele é um torcedor.

Sua parcialidade é tão grande que ele é capaz de dizer a maior besteira do mundo e ninguém o fará admitir que está errado. Seu clube é o certo, os outros não são nada mais que um amontoado de razões erradas e adversárias. E é claro que, por tantas e tantas vezes, o desgosto vem com a derrota, a mágoa fica e o faz tremer de raiva e perder o sono toda vez que ele se recorda daquela bola que esbarrou na trave e daquela falha que causou o

temível e inaceitável gol do adversário, gerando um sofrimento que se prolonga por dias, semanas, talvez pela vida toda.

Ser torcedor é isso. Nunca é fácil. Não há torcedor de verdade que não sofra, que não tenha perdido noites de sono e que não tenha chorado de alegria ou de tristeza pelo clube que ama.

E quanto a torcer para clubes pequenos? Pense em uma tarefa árdua! Ter que lidar com rebaixamentos, derrotas dolorosas, atletas pouco qualificados, estruturas defasadas, desequilíbrios financeiros, administradores despreparados...enfim, adversidades que trazem incertezas a cada temporada. Será o próximo ano um surto de alegria ou um calvário melancólico?

O quadro, porém, nem sempre foi assim; pelo menos para quem gosta da Ferroviária, do XV de Jaú, do Juventus ou do Noroeste. Esses quatro clubes construíram - cada um à sua maneira - bonitas relações de troca com suas respectivas cidades nas últimas décadas. Tornaram-se os maiores expoentes do orgulho e do bairrismo de cada uma delas. Levaram, junto com seus nomes, os de seu povo. Criaram lendas, cujos feitos até hoje são relatados pelos privilegiados torcedores mais antigos e repassados de geração para geração por meio do velho “boca a boca”. Já botaram medo nos “grandes”, ficaram conhecidos nacionalmente e tiveram suas camisas imortalizadas na história do futebol brasileiro. Tudo isso com o apoio maciço das cidades que, orgulhosas, mantinham seus batimentos cardíacos no mesmo ritmo dos de seus representantes e contribuía para que eles crescessem.

Mas o cenário mudou sensivelmente. Os períodos de glória dentro de campo têm ficado cada vez mais distantes e os torcedores mais novos crescem sem ver os clubes de suas cidades justificarem seus passados gloriosos. Os jogos memoráveis

não são mais tão frequentes e os ídolos são figuras bem raras. Que histórias esses jovens contarão a seus filhos e netos?

Contudo, se parece que as glórias ficaram no passado, a paixão continua, e dá para se arriscar a dizer que é justamente ela que não permitirá tão facilmente que essas agremiações decretem seu fim. Em cada um desses quatro lugares, inúmeros fiéis seguidores têm provado que seus times favoritos continuam gigantes, principalmente em seus corações.

Os estádios nem sempre estão cheios e coloridos como outrora, mas não há uma alma insensível capaz de detectar a paixão presente ali na arquibancada a cada jogo, seja partida decisiva ou não. Fora do estádio, não são raras as camisas dos clubes circulando pelas ruas. E embora muitos se desapontem ao falar da equipe, lembrando com nostalgia os velhos tempos e dizendo não irem ao estádio para não sofrerem, os velhos radinhos portáteis continuam ligados, com a expectativa de receber boas notícias. O amor existe, mesmo que ande adormecido em alguns corações.

É difícil mensurar que posição ocupa o futebol, em uma escala de importância, na vida de alguém. Há quem diga que ele é a coisa mais importante dentre as menos importantes, mas tamanho é o envolvimento de alguns que não existe a mínima possibilidade de afirmar que seu clube figure entre as coisas desimportantes de suas vidas. Ora, paixões nunca são desimportantes.

O livro estará dividido em quatro capítulos com o propósito de compartilhar com os leitores um pouco dos ambientes apaixonantes que cercam esses quatro clubes de futebol.

O primeiro deles, “Escalação”, é dedicado a apresentar alguns personagens importantes por meio de perfis. Você, leitor, vai conhecer mais sobre as origens e parte do passado dos clubes, con-

tados com a contribuição de quem entende do assunto, além de o envolvimento inevitavelmente passional da mídia local e da “vida e obra” dos eternos torcedores-símbolos. O caminho percorrido pelos clubes ao longo das décadas se confunde com a trajetória de cada uma das pessoas apresentadas como coadjuvantes, mas essenciais para que se compreenda o tamanho do sentimentalismo que ronda o passado e o presente dos nossos protagonistas.

“Primeiro tempo”, o capítulo seguinte, vai explorar o lado subjetivo da relação entre apaixonado e time. A insubstituível sensação de ir ao estádio e as emoções que afloram em virtude disso serão retratadas. A ideia é fundamentar uma tese na qual todo fanático acredita: torcer por um time de futebol é uma das melhores coisas do mundo. Tudo isso, é claro, será aplicado à realidade dos times abordados no livro.

O capítulo seguinte, intitulado “Segundo tempo”, vai abordar aspectos históricos, atuais e futuros das longas relações entre as populações e os times locais em questão. E quanta coisa existe por trás delas. Sabendo das semelhanças e diferenças existentes entre os quatro lugares tratados e tomando cuidado para não generalizar determinadas situações, a ideia é mostrá-las como realmente são: intensas, às vezes problemáticas, mas sempre apaixonadas.

Chegando próximo ao fim, o quarto e último segmento, “Pós-jogo”, registrará, por meio de frases influenciadas unicamente pelo coração, a devoção e até mesmo pela loucura – no melhor dos sentidos – de uns de nossos torcedores fanáticos.

De posse desse guia rápido, é hora de entrar em campo e preparar-se para viajar e se aprofundar em quatro realidades distintas e ao mesmo tempo tão semelhantes. É hora de conhecer melhor e, por que não, se apaixonar um pouco por quatro camisas belíssimas de nosso futebol. Começa o jogo!



ESCALAÇÃO

Apresentando clubes e pessoas

Origens e histórias eternas

O que dá início a um clube de futebol? Com que intenção se cria um time? Por diversão, talvez, seja o primeiro motivo. No contexto do início do século vinte, as opções de lazer eram bem mais escassas que hoje. A recreação ficava por conta de algumas atividades, entre elas o futebol, cuja popularidade vinha aumentando ano após ano desde sua introdução no Brasil, no final do século dezenove, pelo entusiasta inglês Charles Muller. Criar uma equipe era, então, uma forma de aglutinar pessoas a fim de desempenhar uma atividade recreativa. No entanto, com o passar dos anos, dos jogos e das grandes vitórias, a formação de equipes passou a ser levada cada vez mais a sério. Muito provavelmente, os fundadores dos times protagonistas deste livro não tinham noção de que suas criações tomariam proporções tão grandes e seriam consideradas, um dia, símbolos de populações inteiras.

Para as gerações que hoje veem os times de suas cidades em situações complicadas talvez seja difícil acreditar que as camisas verde e amarela, do XV, alvirrubra, do Noroeste, e grená, do Juventus e da Ferroviária, guardem tanta tradição e tenham revelado jogadores importantíssimos para o futebol paulista e brasileiro. O fato é que todos esses clubes podem se gabar por terem sido pedras muito incômodas nos sapatos das agremiações consideradas grandes nos cenários nacional e estadual.

Não é à toa que o Juventus, por exemplo, é conhecido até hoje pela alcunha de “moleque travesso”, apelido recebido graças à “surpresa” que o time preparou logo no ano em fez

sua estreia na primeira divisão do campeonato estadual, em 1930. Nessa ocasião, o “moleque” derrotou o Corinthians em pleno Parque São Jorge pelo placar de dois a um. Várias outras partidas memoráveis viriam a acontecer nos anos e décadas seguintes e fortaleceriam o apelido mais do que merecido.

O XV de Jaú, que vive a triste e amarga realidade da quarta divisão paulista, pouco lembra o Galo da Comarca que costumava ser imbatível em seu antigo e primeiro estádio, o Artur Simões, alçapão do time nos anos 50. Em uma mesma temporada, em 1955, o Galo bateu Portuguesa, Santos e Corinthians, fazendo cinco gols em cada um. Uma vez, perguntado sobre o pior lugar para se jogar, o saudoso Djalma Santos, eterno lateral do Palmeiras e da Seleção Brasileira, respondeu sem hesitar: ‘É Jaú. Estádio ruim, torcida ruim e time bom’. Muitas outras grandes vitórias seriam construídas também no segundo e definitivo estádio, o Zezinho Magalhães.

A Ferroviária não foge à regra. Em 1983, foi montado um belo esquadrão que disputou a Taça de Ouro (equivalente à Série A do Campeonato Brasileiro) e caiu no Grupo G, onde também estavam o Botafogo carioca e o Internacional de Porto Alegre. Resultado: classificou-se como o primeiro entre os cinco participantes e das quatro partidas que disputou contra os grandes, venceu três e empatou uma. Feito histórico da Ferrinha e motivo de orgulho para sua torcida.

E o que dizer do Norusca? Conhecido historicamente como “time ioiô” por ter colecionado muitos altos e baixos durante sua existência, o time bauruense pode se orgulhar de ter aproveitado – e muito bem – suas boas fases. Logo na inauguração do então novo estádio Alfredo de Castilho, em 1960, a vitória por três a dois diante do poderoso Palmeiras marcou

o início com o pé direito dentro da nova casa e mostrou a força que o time teria ali dentro. Entre as partidas marcantes do clube centenário, também está a sensacional virada sobre o São Paulo, em 1987. O time da capital até saiu na frente, mas Rodinaldo marcou duas vezes, decretou o placar final que deu a vitória para o Alvirrubro e cravou seu nome na história.

Conhecer as raízes e os primeiros passos é fundamental para que se consiga entender tudo o que se passou ao decorrer das longas vidas de nossos protagonistas. A intenção deste capítulo não é recontar suas extensas trajetórias (cada uma delas renderia enormes livros!), mas trazer, com a contribuição de pessoas que falam com a propriedade de quem conhece os clubes como a palma de suas mãos, detalhes de suas fundações, bem como momentos e pessoas importantes que enriqueceram a caminhada de cada um deles.

Da mesa de bar ao coração dos jauenses

Sérgio de Souza Gomes, o Serginho, é quase uma enciclopédia ambulante do futebol. Sentar-se para conversar com ele é como ter uma aula sobre o esporte bretão. Suas histórias, geralmente sobre o XV de Jaú, sua grande paixão, prendem e dão vontade de esquecer um pouco do mundo para entrar em uma viagem por um tempo em que o futebol era diferente. O XV, que acompanha em seu coração desde os tempos de menino e profissionalmente desde 1964, também era outro. Dá para perceber sua felicidade quando ele fala de futebol em qualquer conversa em sua sala de programação, na Rádio Jauense.

Com bom humor e sua característica fala mansa e pausada, Serginho conta a história que há por trás da fundação do

Esporte Clube XV de Novembro de Jaú. Segundo ele, o time nasceu na mesa de um bar, em 1924. Clubes mais antigos da cidade, como o Botafogo e o Democrata, não deram certo porque, segundo ele, “não tinham dinheiro para comprar mais do que uma bola e um jogo de camisas”. A comunidade síria criou o Esporte Clube Sírio, que também fracassou, pois os donos se cansaram de investir dinheiro na equipe. Com o fim do Sírio, os ex-diretores decidiram pegar o pouco dinheiro que havia sobrado e gastá-lo em um bar. Em meio à bebedeira, apareceu um técnico, que havia chegado há pouco de outra cidade para treinar o time, antes que fosse decretado seu término. Inconformado com a situação, o técnico forasteiro insistiu para que o ideal não morresse e, naquela noite, surpreendentemente e ao acaso, foi decretada a fundação do XV de Jaú. Decidiu-se que as cores da equipe seriam as mesmas da bandeira do Brasil. Contudo, apesar da imprevista fundação em 1924, a profissionalização do Galo só aconteceria mais de duas décadas mais tarde, em 1948.

O radialista é capaz de informar com precisão detalhes de uma partida disputada há cinco décadas. Ele recorda-se do Galo quase imbatível em seus domínios, nos tempos do estádio Artur Simões, para ele, um verdadeiro alçapão. “O XV era assim, pegava todo mundo no contrapé. No estádio velho cabia, se tanto, doze mil pessoas. Estava sempre com lotação máxima”, afirma, lembrando que a população da cidade nos anos 50 não chegava a 40 mil pessoas.

“Definitivamente, não era fácil jogar no Artur Simões”, conta Serginho. O estádio era pequeno, o que fazia com que o público ficasse bem perto do gramado, aumentando a pressão. Aliadas ao potencial dos times fortes, essas características do

estádio eram mais que suficientes para meter medo em qualquer adversário, fosse quem fosse.

Depois do período de sucesso, o XV de Jaú passou por uma fase de inatividade. De 1968 a 1975, o clube abdicou das atividades profissionais. Após essa pausa de sete anos, já jogando no estádio Zezinho Magalhães, disputou o Campeonato Paulista da Primeira Divisão (atual Série A2). Nesse campeonato, a população jauense voltou a se identificar rapidamente com o clube, abraçando-o em definitivo quando começaram as disputas por acesso, conta Serginho. “O entusiasmo para subir era tanto que até quem não gostava de futebol se contagiava. Era um time de divisão intermediária que levava 20 mil pessoas ao estádio. Em 76, qualquer joguinho dava esse tanto de gente. Brincadeira!”, exclama.

O acesso e o título vieram em 1976, em uma fatídica partida contra o Guarani, em Campinas, no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, que ficou marcada por uma verdadeira invasão seguida de festa jauense na cidade. As pessoas seguiram o XV de maneira empolgante; viajavam de trem ou de carro, dando força ao time da cidade.

No ano seguinte, Jaú continuou extasiada por sua equipe. E toda uma geração que ainda não tinha desfrutado os prazeres de ver o time da cidade jogando na primeira divisão pôde viver momentos que jamais serão esquecidos. O desempenho e a reação da torcida do Galo no ano de 1977 renderam, inclusive, uma extensa matéria na Revista Placar, na qual foi relatada a intensa movimentação que acontecia na cidade em um dia de jogo da divisão de elite. Quando tinha jogo, não dava outra: paravam as ruas e o comércio. A rotina da então pacata cidade mudava para dar lugar a uma agitação incomum. Quem não ia

ao estádio, dava seu jeito de acompanhar o andamento do jogo.

Não há como conversar sobre a história do XV sem lembrar que o clube foi um dos maiores celeiros de craques do interior paulista. Grandes jogadores da história do futebol brasileiro deram seus primeiros passos no Galo. Lá foram revelados Sormani, jogador jauense que constituiu longa carreira na Itália, chegando inclusive a defender a seleção Azurra; Afonsinho, craque que viria a defender os quatro grandes clubes do Rio de Janeiro e ficou eternizado por ter sido o primeiro futebolista brasileiro a conquistar o passe livre; Wilson Mano e Alfinete, destaques do Corinthians entre os anos 80 e 90, entre tantos outros talentos.



*Estádio Artur
Simões: o primeiro
alçapão do
XV de Jaú*

Além desses, Serginho relembra uma série de atletas que também iniciaram suas carreiras no XV. “Sempre tivemos uma grande escola. Nos anos 50, o XV revelou Aracito, revelou Guanxuma, que era um desconhecido. Fez surgir Servílio, que era braçal da estação experimental. Ele foi um dia treinar

no XV e de lá ele foi parar sabe onde? No Flamengo! Sabe por quantos jogadores nós trocamos ele? Por sete!”, exclama ao contar uma de suas detalhadas histórias.

Sobre o uso do termo “quinzeano”, alcunha utilizada para designar os torcedores do Galo, ele dá outra de suas explicações interessantes. “É uma palavra que não está no dicionário, o correto seria quinzista. A questão é que aqui morava um político chamado Dr. Quinzinho, cujos aliados eram chamados quinzistas. Para não dar choque, passaram a chamar os torcedores do XV dessa outra forma, de quinzeanos”, conta.

As histórias brotam sem parar quando a conversa é com o Serginho. Revela “causos”, lembra grandes esquadrões e recorda histórias que jamais deveriam ser esquecidas. Mas, uma hora o papo tem que acabar, e o que fica é a sensação de que, mesmo com tanta coisa dita, muito ainda tinha a se dizer. Ou melhor, a se escutar. Ouvindo o que ele fala, é possível ter a percepção de que as pessoas podem ir, mas o clube sempre fica. A instituição XV de Jaú, mesmo enfraquecida pelo tempo, que vem sendo bastante cruel com ela, vai continuar nos gramados. Pelo menos enquanto pessoas como ele estiverem dispostas a reproduzir e imortalizar, em rodas de conversas, os lindos feitos do Galo.

Um clube forte como a Mooca

O jornalista e historiador Fernando Galuppo não tem idade suficiente para se lembrar de seu querido “Moleque Travesso”, mas gostaria de ter. Nascido em 1979, era muito novo na década de 80 para se recordar com detalhes daquela que

considera a melhor fase da vida do Clube Atlético Juventus. Porém, como um legítimo filho da Mooca, ele frequenta a Rua Javari desde aquela época e anotou tudo o que pôde na memória e em seu caderno.

O fato de não ter vivido as histórias mais antigas, porém, não impede ninguém de remontá-las e consequentemente entendê-las. Fernando é autor, entre outros livros, de “Glórias de um Moleque Travesso”, lançado em 2013 e que traz diversos recortes históricos de um dos clubes mais tradicionais de São Paulo, desde a sua fundação.

Galuppo explica que o Juventus nasceu em 1924, com a fusão de dois clubes expressivos da várzea mooquense, o Extra São Paulo Futebol Clube e o Cavalheiro Crespi Futebol Clube. Apadrinhado pelo imigrante italiano Rodolfo Crespi, o clube deu início a suas atividades com o nome de Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, já que sua função era ser o time da grandiosa fábrica de tecidos instalada no bairro, a principal atividade de lazer de seus operários. “O Juventus nasceu como um clube muito maior do que seu próprio bairro. Sua premissa era vanguardista. Foi montado justamente para aglutinar os operários após o trabalho, como uma forma de entretenimento, em um contexto social e político de consolidações trabalhistas e leis. Os trabalhadores vinham ganhando muito espaço e importância e o Juventus nasceu justamente como um clube de recreação que se potencializou em um bairro efervescente e cheio de imigrantes, como era a Mooca”, descreve Galuppo.

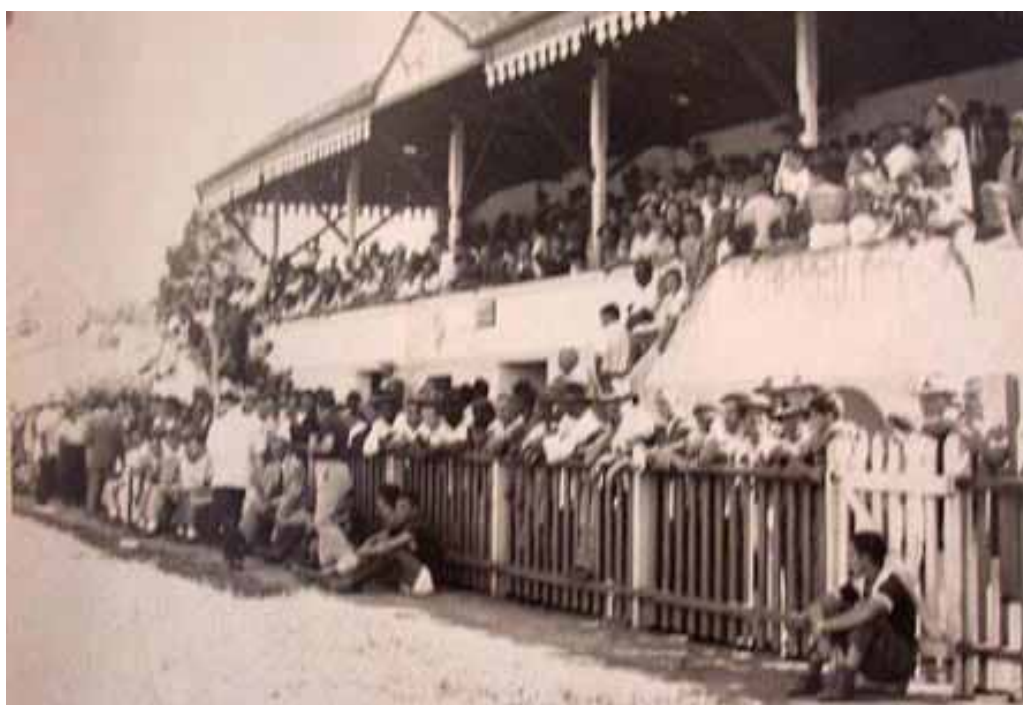
Ou seja, o clube passou a existir em um contexto interessante e bastante favorável para que logo se tornasse um símbolo do desenvolvimento do bairro. O jornalista diz que a forma

como a Mooca foi construída, com vilas e outras particularidades, fez com que o Juventus fosse abraçado pelo bairro e favoreceu ainda mais o seu crescimento.

Um time em desenvolvimento necessitava de um estádio digno de suas ambições. Foi em 1925, então, que começava a surgir um dos estádios mais charmosos do Brasil. Rodolfo Crespi cedeu um de seus terrenos, localizado na Alameda Javry – atual Rua Javari – para que o clube pudesse, ali, construir o estádio que viria a ser o ponto mais representativo de todo o bairro. A construção seguiu até 1929, quando o campo foi finalmente inaugurado.

O clube conquistou seu primeiro título ainda com seu primeiro nome, em 1929: o de Campeão Paulista da Segunda Divisão. Em partida realizada na Rua Javari, bateu o República por um a zero. O gol de Piccinin rendeu ao Cotonifício Rodolfo Crespi F.C o direito de disputar a primeira divisão no ano seguinte.

Estádio da Rua Javari em 1930: presença maciça de operários



O nome viria a mudar para o atual - uma homenagem ao tradicionalíssimo Juventus de Turim, da Itália – exatamente em 1930, mesmo ano em que o clube mooquense estreou na elite do futebol paulista. “O Juventus adentrou a elite desse futebol ‘organizado’ que vinha se projetando e onde ficaram configuradas as principais marcas de futebol que a gente conhece até hoje”, afirma, lembrando que clubes como Corinthians, Santos e Palestra Itália também disputavam as mesmas competições.

E assim, década após década, o Juventus continuou sendo o pesadelo dos grandes e se afirmou como um dos mais fortes clubes paulistas. O clube chegou a alcançar sucesso também em nível nacional. Em 1983, bateu o CSA de Alagoas e sagrou-se campeão da Taça de Prata, torneio equivalente à atual Série B do Campeonato Brasileiro.

Os jogadores que vestiram a camisa do Juventus foram muitos. Alguns passaram e se eternizaram atuando na Rua Javari, caso de João Batista Chiereghim, o Nico II, atleta que defendeu as cores do clube a partir de 1936. Por onze anos, ostentou o posto de titular da equipe. Antes de ser jogador, trabalhou no próprio Cotonifício Rodolfo Crespi. Com a profissionalização do futebol, Nico se aposentou. Ele nunca vestiu outra camisa que não fosse a grená. Um verdadeiro operário a serviço do Juventus.

Outro craque a dar seus primeiros passos no clube mooquense foi Ataliba. Após ser dispensado do Corinthians, ainda na categoria juvenil, o veloz atacante integrou-se ao Juventus e lá se profissionalizou. O fato curioso em relação a ele é que, nas doze vezes em que enfrentou o Corinthians, com a camisa grená, Ataliba fez nove gols. Uma resposta de alto nível àque-

les que haviam descreditado em seu futebol. Anos depois, ele se tornaria ídolo do próprio Alvinegro.

Galuppo cita alguns dos fortíssimos esquadrões formados nas categorias da base do clube. Para ele, basta apenas olhar os recortes históricos para perceber que os melhores times do Juventus nasceram na própria Mooca. “Os grandes times nasceram do aproveitamento dos jovens valores do bairro. Da várzea, especialmente, que era muito efervescente tempos atrás. Muitos deles conseguiram se lançar no Juventus e depois alçaram carreira, se projetaram em um cenário maior”, ressalta.

Bom exemplo disso são os moleques que foram bastante travessos ao conquistar o título da Taça São Paulo de Futebol Junior em 1985, caracterizando uma geração que trouxe nomes muito saudosos para o torcedor juventino. “A base dos grandes times do Juventus nos anos 80 foi revelada dentro do clube. O time campeão de 1985 tinha Betinho, Raudinei, Sérgio Soares, que depois foram campeões do torneio início”, afirma, antes de começar a listar diversos nomes que saíram do Juventus para o mundo nas últimas décadas.

Fernando Galuppo é jovem, expressa suas ideias de maneira rápida e dinâmica e faz projeções para o futuro do Clube Atlético Juventus, sempre com uma visão bastante sensata. Apesar disso, não cansa de defender a essência que veio lá do passado e que precisa, em sua opinião, ser mantida para sempre como filosofia. Para ele, o Juventus é e sempre será um clube romântico, que deve se preocupar com o futuro sem nunca perder o vínculo com sua história, exatamente o que tem de mais rico e bonito.

Caçula e abusada

A Associação Ferroviária de Esportes nasceu em berço esplêndido. Bem mais jovem que os outros clubes protagonistas deste livro, a Ferroviária foi fundada em 1950 pelos engenheiros e operários da Estrada de Ferro Araraquara, a EFA, que bancou (e muito bem) o time logo no início de suas atividades profissionais. Nem havia completado um ano de fundação e a Ferroviária já estava, em 1951, disputando a divisão de acesso do Paulista em seu estádio próprio, conseguido junto ao governador paulista Adhemar de Barros (que dá nome ao recinto), político ligado à EFA. “A Ferroviária nasceu e cresceu com a pujança da estrada de ferro. Sempre fomos acostumados com a elite”, diz Alessandro Bocchi, afeano “doente” e jornalista.

Alessandro, que já desempenhou a função de assessor de imprensa do clube, concede a entrevista no lugar onde trabalha: o Museu do Futebol e Esportes de Araraquara, localizado dentro do complexo da Arena da Fonte Luminosa, belíssimo estádio inaugurado em 2009, depois da reforma da antiga Fonte Luminosa, onde tantas histórias foram construídas ao longo das últimas seis décadas.

O ambiente do bate-papo não poderia ser mais inspirador. Lá, boa parte da memória da Ferrinha está resgatada e bem conservada, felizmente. São fotos dos times e das grandes partidas - sempre com estádios tomados pela massa da cidade - lindas camisas antigas da tradicional cor grená e faixas de campeão, uma delas a do título do Campeonato Paulista da Primeira Divisão de 1966, equivalente à atual Série A2. Próximo ao museu, na entrada do estádio, encontra-se um busto que homenageia o grande Bazani, que marcou época com a camisa do clube nos anos 50 e

60, tornando-se o grande jogador da história afeana.

O jornalista conta que Antonio Tavares Pereira Lima, engenheiro mineiro trabalhador da estrada de ferro, foi o grande idealizador do clube. Amanhe do futebol, ele também é o fundador do tradicionalíssimo América de Rio Preto, agremiação que teve suas atividades iniciadas quatro anos antes do clube araraquarense.

A luta de Pereira Lima para que os ferroviários de Araraquara tivessem um clube disputando o futebol profissional foi árdua, revela Alessandro, já que a intenção dos engenheiros da EFA era apenas promover a fundação de um clube recreativo. Todavia, eles foram convencidos pelo persuasivo engenheiro, que acreditava que o futuro clube poderia agrupar sócios que não fossem necessariamente ferroviários, caso iniciasse as atividades no meio futebolístico.

Alessandro relembra dois clubes muito populares da ci-



Busto feito em homenagem a Bazani na entrada da Arena da Fonte: ídolo máximo

dade, na época da fundação da Ferroviária - o São Paulo Futebol Clube e o Paulista Futebol Clube - para explicar a repulsa inicial que a cidade sentiu pelo clube grená: “Já existiam esses dois clubes que tinham muita torcida na cidade e a Ferroviária chegou como uma forasteira. Ela era vista como um time elitista, porque era exatamente essa a visão que as pessoas tinham dos trabalhadores da EFA. Por muito tempo, foi um clube que não precisou da ajuda de ninguém na cidade, de nenhum comerciante”, comenta.

O sucesso dos “intrusos” fez com que algo antes improvável acontecesse: os rivais São Paulo e Paulista optaram por se unir e formar a Associação Desportiva Araraquara, a ADA, time com que a Ferrinha protagonizaria o clássico conhecido como “Ferroada” durante a década de 50. O principal articulador da junção, por mais incrível que possa parecer, foi o próprio Antonio Tavares Pereira Lima. Bocchi explica: “Ele resolveu entrar na política e, com apenas um ano e meio de Araraquara, foi eleito prefeito da cidade. Só que não pelo partido do Adhemar, que era o PSP, e sim pela UDN. Foi um choque para a estrada de ferro. Ele se desligou da Ferroviária e formou a ADA pouco tempo depois. O ranço ficou para sempre”.

O clássico “Ferroada” durou de 1952 a 1957 e literalmente dividiu a cidade. “Por ser uma junção de dois clubes populares da cidade e carregar o nome de Araraquara, a ADA ganhou rapidamente muitos adeptos. Em 1953, foi feita uma pesquisa para descobrir qual era o “time simpatia” da cidade e ela venceu”, recorda o jornalista, que complementa: “o confronto rendeu grandes jogos. A Ferroviária tem uma vantagem muito grande, mas eram partidas que sempre terminavam em três a dois, quatro a três e resultados do tipo”.

Apesar da rivalidade e da maior simpatia do público, a ADA não sobreviveu muito tempo e deixou o futebol profissional ainda nos anos 50. O poderio financeiro da Ferroviária foi o principal motivo para que isso acontecesse. “A AFE subiu para a primeira divisão sem precisar de dinheiro das pessoas, já a ADA vivia de doações. Enquanto um time tinha estádio, um clube associativo que vivia respaldado pela estrada de ferro e jogadores de alto quilate, o outro sobrevivia apenas por meio do dinheiro que as pessoas doavam” explica, justificando a diferença de realidades que culminou na extinção do rival.

Por conta de sua fundação ter sido recente, a Ferroviária demorou a se consolidar como único clube de Araraquara. Teve que construir uma história rica em vitórias e, de certa forma, que reconstruir sua imagem até começar a ser bem vista pela maioria do povo da cidade. Com o tempo, passou a ser mais um clube do povo de Araraquara do que dos ferroviários da estrada de ferro. As consequências históricas, porém, repercutem até hoje, como mostram os próximos capítulos.

Apaixonado pela Ferrinha e por sua história, Alessandro é prova de que o time conquistou muitos torcedores em sua caminhada. Ele não foi influenciado por seus familiares para torcer para a Ferroviária; apenas passou a admirar o clube mais próximo de sua vida. Assim como tantos outros araraquarenses, começou a acompanhar e amar o time de sua cidade: a Ferroviária.

O primeiro e eterno clube de Bauru

“Bauru é uma cidade ferroviária”. É assim que o historiador João Francisco Tidei de Lima começa sua explicação

a respeito da história do Esporte Clube Noroeste. De fato, é impossível falar das origens do clube sem remeter à estrada de ferro, principal responsável pelo desenvolvimento da cidade em suas primeiras décadas de existência.

João Francisco conta que a Bauru do início do século vinte era um povoado. Apesar de já ser considerada município desde 1896, viviam ali apenas cerca de 500 habitantes. A partir de 1904, a história começou a mudar. A primeira linha de trem chegou à cidade. Foi um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, que vinha de Botucatu. No mesmo período, começava a ser construída a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que sairia de Bauru para transportar cargas, especialmente de café. Em 1910, quando chegou a Companhia Paulista, terceira ferrovia a se instalar na cidade, o panorama já estava em constante transformação. “Em um período de seis anos, Bauru, que não tinha nenhuma ferrovia, passou a ter três. Era um entroncamento ferroviário. A cidade, àquela altura, já estava com dez mil habitantes, dos quais grande parte eram ferroviários”, afirma o historiador.

Foi no contexto apresentado que, no primeiro dia de setembro de 1910, nasceu o Noroeste, o primeiro clube de futebol de Bauru. Os funcionários da estrada de ferro se reuniram e decidiram fundar um clube a fim de – de início – suprir necessidades meramente recreativas. “Era uma tentativa de preencher o lazer através do futebol”, diz Tidei de Lima, ao lembrar que os jogadores da equipe, por muito tempo, foram os próprios operários da estrada.

Fundado em um período no qual o profissionalismo ainda não existia no futebol, o Noroeste atuou em suas primeiras décadas como um clube amador, disputando campeonatos na própria cidade e em seus arredores. Nem de longe, porém,

isso significa que o futebol não era levado a sério por aqueles envolvidos com o clube. O tempo se encarregou de tornar o Norusca muito mais do que um lazer. Prova disso é que, durante o ano de 1935, foi inaugurado o estádio Alfredo de Castilho, construído pelos engenheiros e operários da própria estrada de ferro com a intenção de abrigar um maior número de pessoas (cerca de quatro mil) durante as partidas. O nome foi uma homenagem ao então diretor da companhia de trem.

É importante lembrar que a Maquininha Vermelha, apelido dado ao clube em referência às suas origens ferroviárias, não trilhou seus caminhos sozinha em Bauru. Em 1919 havia sido fundado o Luzitana Futebol Clube, que também conquistou um enorme espaço no cenário futebolístico da cidade e, mais tarde, viria a se tornar o famoso Bauru Atlético Clube, ou simplesmente BAC, equipe responsável por criar uma rivalidade ferrenha com o Alvirrubro, conhecida mundialmente por ter sido a agremiação na qual Pelé deu seus primeiros passos como jogador de futebol.

Outras agremiações chegaram a conquistar algum destaque na cidade, mas o Luzitana e o Norusca ganharam não apenas a maior parte dos títulos disputados na cidade, na época, como também a simpatia do povo. Tamanho era o equilíbrio entre as equipes, que ambos os clubes contabilizaram seis títulos bauruenses cada um, no período dos anos 30 e 40, auge da rivalidade. Tidei de Lima não se esquece das partidas que presenciava na companhia de seu pai. Ele lembra que o clássico dividia a cidade entre o azul baqueano e o vermelho noroestino. “Dia de dérbi você nem imagina como era”, comenta, com a propriedade de quem vivenciou de perto aquele momento.

Em 1946, ano em que a cidade de Bauru completaria

cinquenta anos, foi organizado um torneio comemorativo que reunia as principais equipes da cidade. A final, como era esperado, foi disputada entre os dois grandes representantes da cidade. “O Noroeste disputou o título contra o Luzitana, venceu e passou a ser conhecido como ‘campeão do quinquenário’”, relembra o historiador. Apenas um entre tantos confrontos históricos entre os dois clubes.

O primeiro grande título havia sido conquistado em 1943, com uma vitória sobre o Guarani de Campinas por um a zero no estádio do Pacaembu, em São Paulo, que fez do Norusca o Campeão Paulista Amador do Interior. Foi apenas entre 1947 e 1948 que o profissionalismo chegou com força ao futebol do interior e, conseqüentemente, ao Noroeste. O caminho rumo ao sonhado primeiro acesso para a divisão de elite estadual começava a ser traçado.

E a oportunidade de disputar a elite foi conquistada em 1953. Era um timaço, que contava com figuras como Luiz Marini, Zeola - que posteriormente jogaria no Palmeiras – além de, é claro, Xandú – zagueiro central clássico que marcou época e tornou-se o jogador que mais vezes vestiu a camisa alvirrubra: foram 341 atuações em 13 anos na equipe. Mesmo assim, muitos dos atletas da equipe ainda eram operários da estrada de ferro, alguns até braçais, conforme conta João Francisco: “Do time que subiu, quase todos eram ferroviários. Mesmo os que não eram faziam parte da folha de pagamento da ferrovia, mas alguns trabalhavam mesmo. Tinha um lateral-direito chamado Zulu, por exemplo. Ele era ferroviário e pegava no pesado!”. Contudo, ele salienta que alguns dos principais jogadores haviam sido contratados pela estrada de ferro apenas para jogar bola: “O meia-esquerda Ranulfo, que

era o cérebro do time, era carioca e veio do Rio de Janeiro só para jogar futebol aqui”, explica o historiador.

Uma página triste da história do Norusca foi escrita no dia 23 de novembro de 1958. Durante uma partida contra o São Paulo, no Alfredo de Castilho, um grande incêndio tomou conta do lugar e destruiu completamente o estádio. Felizmente, não houve vítimas fatais. Tidei de Lima estava lá e ainda guarda o acontecido na memória. “Eu estava na arquibancada de entrada. Tinham duas arquibancadas de madeira. Eu estava com uns amigos em uma delas. O campo estava lotado, fazia um calor desgraçado. Tinha muita folha seca embaixo das arquibancadas, alguém jogou um cigarro e o fogo começou. Os torcedores tiveram que derrubar o alambrado pra invadir o campo e escapar”, rememora.

Por ironia do destino, o então “órfão” de estádio Noroeste passou os dois anos seguintes jogando no estádio Antônio Garcia, casa do BAC, que àquela altura já estava em um patamar

*Foto de 1917
mostra escalação do
Norusca composta
por trabalhadores
da ferrovia*



bastante inferior. A abertura da nova e definitiva casa alvirrubra se deu em 1960. Inaugurado com o nome de Ubaldo de Medeiros, o estádio só voltou a se chamar Alfredo de Castilho em 1964. A troca de nome se deve aos militares, que haviam dado o golpe e não permitiram que fosse mantida a homenagem a Medeiros, partidário do ex-presidente João Goulart.

No novo Alfredão, foram eternizados momentos inesquecíveis para o Norusca e para Bauru, que, aliás, acabaram por ser cada vez mais parceiros. Apesar dos altos e baixos que fazem parte da vida da Maquininha Vermelha, o campo da Vila Pacífico foi palco para que ídolos como Baroninho, Toninho Guerreiro e Jairzinho desfilassem seu futebol com a camisa noroestina. Isso mesmo, Jairzinho, o “furacão da Copa de 70”, disputou o Campeonato Brasileiro da primeira divisão de 1978 pelo Norusca, encantando as pessoas da cidade.

Ao falar sobre a trajetória noroestina, João Francisco traz a estrada de ferro muitas vezes à tona. Ele não hesita em dizer que, se Bauru é hoje uma cidade desenvolvida e um importante pólo regional, muito se deve ao trabalho dos ferroviários no passado. Bauru cresceu em torno da ferrovia e o Noroeste, filho da mesma, se desenvolveu junto com a própria cidade. Entre os tantos legados deixados pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ao município, o clube que leva o mesmo nome é inegavelmente o maior deles.

Trabalhando com sentimento

Ser jornalista nunca foi fácil. O distanciamento do repórter é essencial para a boa qualidade da notícia. Ainda mais difícil é fazer a cobertura jornalística de clubes cujas performances oscilam a cada temporada. E quando os times colecionam muito mais momentos ruins do que bons? Parece uma missão impossível. São muitos os detalhes que dificultam a vida dos repórteres que se dedicam a cobrir e discutir, diariamente, a situação de clubes como os que dão vida a este livro.

A questão do clubismo no jornalismo esportivo está sempre em discussão, tanto que os repórteres das grandes redes de rádio e televisão, e da grande imprensa, preferem não revelar seus times do coração. É preciso ter uma boa dose de coragem e autoconfiança para não fazer questão de esconder, pelo menos nas transmissões ao vivo ou em colunas de jornais, o nome do clube pelo qual o coração bate mais forte.

Já no futebol do interior, ou no meio dos clubes menores das grandes cidades, a maioria dos repórteres, comentaristas e locutores nem precisa dizer: sempre fica claro que são torcedores dos clubes da cidade ou do bairro em que vivem. Não é raro ver jornalistas enaltecendo com mais ênfase os times de sua região ou cidade, praticando o famoso “bairrismo”. E isso é aceito e visto com naturalidade, já que é exatamente o que se espera deles. Afinal, trabalham para mídias de alcance regional, cujo público também é, em sua imensa maioria, torcedor ou simpatizante do clube local.

E como dosar a paixão na hora da cobertura? Aliás, será que essa dosagem é necessária? É possível praticar o tal “bom jornalismo esportivo”, aquele que prega o não-clubismo, quando se reporta sobre o time do coração, para um público que compartilha o mesmo sentimento de amor pelo time? Ao que tudo indica, essa neutralidade parece praticamente impossível nessa situação, mas é provável que nesse caso o “bom jornalismo” seja levar as informações do clube com competência para o público, com clareza e senso crítico.

A influência da mídia local sobre o clube da cidade costuma ser grande e a responsabilidade fica ainda maior em períodos de crise. Tudo o que for dito numa emissora de rádio ou publicado em uma coluna de jornal provoca grande repercussão na cidade, entre os torcedores e, inclusive, nas decisões internas do clube, influenciando diretoria e comissão técnica.

Os protagonistas deste capítulo são pessoas diferentes entre si. Uns têm cabelos grisalhos, são repórteres calejados e têm toda uma vida de dedicação à profissão que escolheram. Outros, mal iniciaram suas carreiras e já viveram histórias fantásticas, mesmo ainda tendo tanta coisa para conhecer. Cada um conta sua relação pessoal e jornalística com seus respectivos times de uma forma distinta. De semelhante, eles têm o mais importante: o amor pelo que fazem e pelos clubes dos quais relatam a vida.

Um noroestino a serviço do Alvirrubro

Thiago Navarro é bauruense e noroestino de coração, daqueles que colocam a paixão pelo Norusca à frente da que nutre pelo clube “grande” pelo qual torce. No seu caso, o São Paulo.

Como torcedor, acompanha o time com mais atenção desde 2002, quando passou a ir ao estádio Alfredo de Castilho com maior frequência, ainda adolescente,.

Como jornalista, a relação é mais recente. Começou em 2008, na Rádio Bandeirantes de Bauru, onde fazia estágio na equipe esportiva da emissora enquanto cursava o 2º ano de Jornalismo. Desde então, vem sendo um dos jornalistas mais bem informados a respeito do que acontece nos bastidores do time bauruense, a ponto de, inclusive, ter sido assessor de imprensa do Noroeste pelo período de um ano e meio, entre 2011 e 2012. Atualmente, faz parte da editoria de esportes do Jornal da Cidade.

Thiago vê com naturalidade o bairrismo da imprensa local. “Não sei dizer se é algo positivo ou não, mas é natural. O grande produto do esporte nas rádios de Bauru é o Noroeste. É claro que temos o basquete, o futsal crescendo, o vôlei. Mas futebol é futebol em qualquer lugar do mundo. No Brasil, então, nem se fale. Se uma rádio de Bauru não apoia o Noroeste, fica difícil para ela. Teve uma época em que algumas pessoas da imprensa passaram a torcer contra alguns membros da diretoria, e pegou mal para eles”, conta.

Já quando fala sobre a cobertura jornalística que faz, o bauruense revela que adota uma postura mais profissional. “Durante o jogo, quando eu estiver atrás do gol, sempre vou torcer para o Noroeste ganhar e fazer o gol, como bauruense e noroestino que sou. Mas na hora de redigir o texto, procuro ser imparcial. Aliás, costumo ser um pouco crítico. Já cheguei a ser pressionado dentro do clube por apontar erros não apenas de jogo, como também dos administradores”, revela Thiago.

No período em que ocupou o cargo de assessor de imprensa do Noroeste, porém, Thiago admite que “vestiu a camisa” porque faz parte da função. E não deve ter sido muito difícil para ele. A

experiência de assessor de um clube de futebol é diferente da de um setorista de jornal, por exemplo. “Você também vira parte do time. Em alguns lugares, o assessor de imprensa é praticamente um membro da comissão técnica. Tem que mediar muitas crises em situações difíceis, como nos casos de eliminação e queda de treinador, por exemplo”, relata o repórter apaixonado, que pode se considerar um privilegiado, já que trabalha vivendo, entre outros assuntos, o dia a dia do clube que ama.

Um adotado pelo Norusca

Fernando BH é um jornalista mineiro radicado em Bauru desde 1999, quando mudou de Ituiutaba para Bauru para estudar na FAAC-Unesp. Gostava de esportes, mas demorou – como muitos que migram de fora para a “cidade sem limites” – para descobrir, de fato, o Noroeste.

A relação foi se estreitando aos poucos. No início, até meados de 2002, o único contato era por meio das notícias de jornal. A partir de 2006, ano em que o Noroeste finalmente disputaria a elite do futebol paulista, após 13 anos em divisões inferiores, as idas ao Alfredão passaram a ser constantes. Em 2007, BH já participava de um programa na rádio 94 FM, no qual discutia o agitado cotidiano do Alvirrubro à época.

De 2010 até hoje, a relação de cobertura que Fernando tem com o Norusca é o seu blog, Canhota 10, de cunho essencialmente opinativo, mas que, segundo ele, traz alguns “furos” dos bastidores vez ou outra.

Ele também é autor do livro “Paixões de Bauru”, no qual conta a trajetória dos dois maiores representantes do esporte da

cidade, o Noroeste, no futebol profissional, e o Bauru Basket, em 2012. Nesse livro, o torcedor pode relembrar a conquista do título da Copa Paulista de 2012, a mais recente do clube.

BH é bem direto quanto ao público leitor do seu blog: “O meu blog é escrito para noroestinos. É claro que quem quiser saber sobre o esporte bauruense vai encontrar boas informações ali, mas meu público-alvo, que busca informação no blog, são os torcedores do noroeste”.

Ao definir sua função como repórter-torcedor de seu blog, ele acaba explicando o papel do profissional que acompanha o cotidiano de seu clube. “Me coloco como um torcedor-vigilante. Não é pura euforia, nem uma parcialidade gratuita. Eu critico sempre para o bem do clube. Se faço críticas, é porque sei que pode ser melhor. É porque quero ver o Noroeste maior”, justifica.

No blog Canhota 10, ele não nega em momento algum que é, sim, torcedor. “Quando o Norusca ganha, a exclamação é sempre maior, mas sem carregar muito na tinta. Quando perde, as críticas são feitas, mas nunca de forma gratuita. Faço com responsabilidade e embasamento”, conta BH, mostrando que é possível ser um bom jornalista e fazer um trabalho sério prestando serviço ao clube que acompanha e à torcida que o tem como fonte de informação.

E vale torcer? Para o blogueiro, não há dúvidas. Ele vai direto ao ponto defendido no início do capítulo e admite: “eu me permito vibrar na hora do gol. Eu estou trabalhando, mas transmito para pessoas que torcem como eu. O jornalismo regional te dá essa licença”.

Fernando também não poupa elogios aos companheiros de imprensa dedicados à cobertura do time Alvirrubro. Para ele, a

imprensa esportiva bauruense é responsável e vigilante, e o lado passional fica mais reservado às transmissões de rádio, aonde, no calor do jogo, as emoções naturalmente afloram. Apesar de considerar a cobertura positiva, no geral, ele admite que, se fosse editor de um meio impresso, daria ainda mais destaque ao Noroeste. “Eu trataria o Noroeste do mesmo jeito que a grande imprensa trata o Corinthians. Faria um pós-jogo com notas para os jogadores, um campinho com movimentação tática, infográficos. Daria um grande espaço”, idealiza, e logo após reafirma sua opinião geral: “mas o que eles fazem é trabalho de guerreiros, montam no carro e vão para onde o Noroeste vai”.

Fernando BH cumpre bem sua função e sabe disso. Em suas palavras, quer um clube melhor. Mais transparente, mais vitorioso e mais bauruense. Bauruense como ele aprendeu a ser, graças, entre outras coisas, ao Esporte Clube Noroeste.

A nova voz juvenina

No estádio da Rua Javari, as cabines onde trabalham locutores e jornalistas ficam praticamente inseridas na arquibancada. De lá, Raony Pacheco, dono de uma das vozes mais conhecidas do bairro dos dias de hoje, transmite aos juveninos e a quem mais se conectar à Web Rádio Mooca os jogos do Moleque Travesso.

Raony é filho da Mooca. Consequentemente, é torcedor ativo do Clube Atlético Juventus desde sempre. Conta que seus ancestrais, vindos de variados países europeus, desde a Itália até a antiga Iugoslávia, participaram ativamente da vida

e da construção do clube e tinham as idas ao campo como evento obrigatório. “Meu bisavô chegou a dar entrevista na TV falando do Juventus”, diz.

Amante do Juve e do futebol, a arquibancada sempre foi lugar comum na vida de Raony, que fazia questão de ir à Rua Javari, fosse com familiares, fosse com amigos ou sozinho. Sempre soube que jamais deixaria de frequentar aquele lugar. O que talvez ele não imaginasse é que, depois de um tempo, sairia das arquibancadas atrás do gol para ocupar uma das cadeiras da imprensa.

Cursou jornalismo e, pela vontade de seguir o Juventus, agora como profissional da imprensa, enviou um e-mail para a Web Rádio Mooca, na expectativa de ser aceito e trabalhar no suporte durante as transmissões. Para sua surpresa, logo foi escalado para narrar uma partida. Não era algo exatamente novo, já que costumava narrar jogos de amigos e já tinha alguns vídeos com sua voz no YouTube. Apesar disso, sua missão agora seria bem maior.

Há cerca de um ano e meio na função de narrador, ele já teve experiências boas e ruins, que podem ser facilmente explicadas pelos resultados do Juventus nos últimos dois anos, quando viveu dois extremos: narrou o acesso para a Série A2 em 2012 e a má campanha que culminou no rebaixamento e volta à Série A3 em 2013.

Raony narra jogos do Juventus há relativamente pouco tempo. Mas se engana quem pensa que o reconhecimento não existe. Ele já chama a atenção quando transita pelo bairro.”É uma torcida muito apaixonada mesmo. Tem gente que me encontra na rua e vem falar comigo. Já passei por situações em que eu estava dentro da loja do clube e o cara me cumprimen-

tou sem eu nem saber quem ele era”, conta, animado. Ele não acha nem um pouco ruim, e admite: “Se você me perguntar se eu já sonhei com isso, é claro que vou dizer que sim. Todo jornalista quer o êxito na carreira. Já sonhei em trabalhar na cabine da Rua Javari e em outras cabines também. Mas é uma coisa que, às vezes, não acredito que estou fazendo. Até outro dia era eu que estava ali, na arquibancada”.

O locutor é outro que sabe que trabalha para juventinos, e sabe muito bem o que aqueles que escutam a Web Rádio Mooca querem ouvir, afinal, ele já esteve de outro lado. Ele conta que a rádio recebe audiência até de fora do país, mas entende que todos os que escutam aquele veículo esperam que o Juventus seja o objeto de destaque. Para ele, é fundamental ter a noção de que se trata de um público segmentado, e é importante saber fazer uso do lado torcedor na hora da transmissão, entendendo o momento certo para colocar mais emoção, usar bordões e outros artifícios para inflamar o ouvinte. “Eu tento separar as coisas, mas é claro que me volto para o Juventus, e vou criando coisas. Por exemplo, sempre que tem alguma bola parado, eu falo: “Ah, meu San Gennaro”, pra puxar mesmo o saco do Juventus. Eu faço isso abertamente nas transmissões”, diz. Contudo, ele pondera: “É importante também seguir a imparcialidade na hora de passar a informação. Se foi falta para o outro time, tem que falar. É claro que na hora do gol você traz o lado torcedor, porque é isso que o ouvinte da Web Rádio Mooca quer. Ele quer sentir o calor da emoção, como se você fosse um torcedor, mesmo”.

Raony busca agrupar o lado torcedor ao lado mais imparcial, mas conhece os momentos em que a parcialidade se faz necessária. “Às vezes, se você fala que não foi pênalti para

o Juventus, o torcedor fica puto. Vai lá nas redes sociais e xinga. Tem que saber colocar as coisas”, afirma. Porém, sabe que deve valorizar a informação correta, já que tem responsabilidade perante à audiência. No dia seguinte, os torcedores vão se encontrar e comentar: “Pô, você ouviu o que o Raony falou ontem na rádio?”.

O narrador não culpa os jornais de bairro da região Mooca (cita a “Folha da Vila Prudente” e a “Folha da Mooca”), que não fornecem muito mais do que notas pontuais e resultados de jogos, pela falta de coberturas mais informativas. Ele admite que o Juventus pode render grandes reportagens, mas a maioria delas seriam apoiadas em sua rica história, e não no preocupante momento atual por qual passa o clube. “Se tratando de jornalismo, aqui é um museu a céu aberto. Todo torcedor tem uma história aqui. É possível encontrar muitos grandes personagens passando por aqui”, afirma, na cabine do charmoso estádio.

De qualquer forma, concorda que existe um público muito fiel a fim de se inteirar da situação da equipe com informações mais completas, e revela que uma grande alternativa a esses torcedores, além do rádio, são os blogs. Ele cita vários. Uns atualizados por jornalistas, outros por torcedores que possuem boa escrita. Depois de algum tempo, o torcedor percebeu que ele próprio teria que ser fonte de informação do clube. Pesquisando no Google, é possível quatro ou cinco blogs logo na primeira página. São torcedores que acompanham o clube diariamente e que possuem a confiança dos que buscam essas informações com a mesma frequência.

E talvez seja exatamente por saber narrar para o público juventino que Raony já seja figura querida entre essas pessoas.

Ele conta, em meio a risadas, da felicidade que sente quando alguns torcedores se viram para ele no momento do gol para ver sua reação: “Isso é muito louco, muito legal”.

No ano passado, durante um churrasco de comemoração organizado pela diretoria do clube pelo acesso à Serie A2, um torcedor foi em direção ao narrador e perguntou: “você é o Rany?”. Depois da confirmação, continuou: “no jogo passado, contra o Guaçuano, eu estava ouvindo sua transmissão no trabalho. Meu chefe percebeu e pediu para ouvir também. Ficamos perto da caixinha de som, torcendo. Nunca vibrei tanto!”.

A eterna voz Afeana

José Roberto Fernandes não nasceu em Araraquara, o território afeano. Natural de Colina, na região de Barretos, ele já exercia a função de narrador esportivo antes de 1975, quando se fixou na cidade e passou a narrar jogos da Ferroviária, clube com o qual já havia tido contato antes em suas narrações.

Hoje, porém, 38 anos depois de ter se mudado para a cidade, fica difícil dizer que ele não seja um dos maiores símbolos da cidade. Os “Campeões da Bola”, sua equipe esportiva que faz parte da programação da Rádio Cultura, existe há 28 anos e sempre foi praticamente a mesma, o que o deixa muito orgulhoso.

Sua prioridade no trabalho, seja enquanto discute ou enquanto narra, sempre foi a Ferroviária. Narrou momentos memoráveis, como a participação do time na Série A do Campeonato Brasileiro, nos anos 80, e também passou junto com

a AFE por uma fase catastrófica, que culminou na queda para a quarta divisão paulista, no ano 2000.

Por tudo o que passou nessas quase quatro décadas de envolvimento, José Roberto não demora nem um segundo para responder que sim, é torcedor afeano. E o quanto isso interfere na sua narração? Será que a torna mais passional? Ele não nega que seu jeito de narrar tem muito de Ferroviária, e diz que estaria faltando com a verdade se negasse isso. “Meus amigos brincam muito com isso. Eles me dizem: ‘Zé Roberto, se eu estiver um pouquinho longe do rádio, eu sei quando é gol da Ferroviária e quando é gol do outro time’. Mas uma coisa eu quero deixar claro: jamais falto com a verdade. Toda essa emoção e o sentimento de ligação que a gente tem com a Ferroviária dão um colorido grená às transmissões. Aliás, faço questão que seja assim. Mas isso não desvia a equipe do foco do que acontece no jogo. Por isso ela tem 28 anos com a credibilidade que conseguiu”, orgulha-se.

Ao longo dos tempos, o experiente radialista conquistou e ocupou a função que continua exercendo: a de grande porta-voz do esporte araraquarense. Isso certamente contribui para que haja um público bastante assíduo, que confia plenamente em sua palavra quando o assunto é Ferroviária. Sendo uma das principais fontes de informação e opinião para as pessoas interessadas em saber o que se passa com o time, ele resume o que sente a respeito do seu papel: “Estou para completar 71 anos de idade e já tenho 51 de rádio. Isso naturalmente aumenta muito a responsabilidade. Todo aquele que trabalha com opinião pública e tem a responsabilidade do contato com os ouvintes precisa ter muito cuidado com a opinião que ex-

terna. Nosso trabalho é muito equilibrado. É muito raro uma equipe esportiva do interior completar o tempo de estrada que temos. A audiência, liderança e prestígio trazem um peso muito grande, que é o de sermos fieis aos nossos ouvintes, sem jamais fugir da realidade “, assume.

José Roberto passou por quase tudo ao lado da Ferroviária. Na boa e na pior, esteve presente. Ele foi a voz que narrou para toda a Araraquara, e quem mais quisesse ouvir, um dos momentos mais marcantes da trajetória do clube: a participação na Taça de Ouro de 1983, campeonato em que o time do interior paulista surpreendeu a todo o país ao bater adversários como o Botafogo carioca e Internacional de Porto Alegre, além de eliminar o Grêmio posteriormente. “Foi, talvez, uma das coisas mais emocionantes que alguém possa fazer”, admite.

Quando a AFE viveu o outro extremo, era ele quem estava ali, passando pela dificuldade que fosse para, junto de sua equipe, transmitir cada ação da equipe para os torcedores da cidade. “Acompanhamos a Ferroviária por dois anos na Série B1 do estadual. Teve jogo que eu cheguei a transmitir sentado no chão porque não tinha cadeira para sentar”, conta, lembrando das dificuldades que são encontradas para realizar o trabalho de transmissão de partidas em alguns lugares, sem a mínima estrutura necessária.

Se ele não sentisse prazer no que faz, certamente já teria parado há muito tempo. São quase vinte anos amassando e comendo o mesmo pão do clube, o das divisões inferiores. As dificuldades e sacrifícios ainda não são maiores que sua vontade de voltar a narrar momentos felizes da Ferrinha na divisão principal. O locutor afirma que fez a promessa de só

parar no momento em que o time subir. “A gente alimenta essa esperança porque gosta, é o coração que fala. A razão até fala: ‘filho, para’, mas o coração, até agora, falou mais alto”.

A fanática voz quinzeana

A pouco mais de 60 quilômetros de Araraquara, em Jaú, reside outro conhecido locutor do estado de São Paulo, e mais ainda dos jauenses. José Maria Contador, o Zé Maria, viveu o mesmo caso da maioria dos locutores esportivos do interior: começou narrando campeonatos amadores, os jogos da popular várzea, e em seguida passou a narrar as partidas do time de sua cidade, para o qual torcia. No caso, o XV de Jaú foi a primeira experiência do radialista na função de narrador de futebol profissional, em 1980. Desde a década de 90, trabalha na Rádio Bandeirantes, em São Paulo. Lá, é conhecido por José Maia.

Zé Maria é quinzeano fanático. E faz parte de uma geração privilegiada, já que viveu fases áureas da equipe como torcedor na década de 70 e como narrador, nos anos 80. Mesmo estando na Bandeirantes, onde narra jogos dos times da capital, ele continuou trabalhando, com menor frequência, em partidas do XV, já na longa era da equipe na Série A3 do campeonato estadual. Era polêmico e enfrentava a resistência de alguns torcedores por seu comportamento crítico em relação à direção e à equipe em determinados momentos. Mas, nada que diminuísse seu reconhecimento no cenário da imprensa jauense.

“Eu descia o pau nos caras que estavam fazendo burrada, nunca no XV. Tinha uma meia-dúzia que não sabia separar as

coisas ou que era a favor da diretoria e se voltava contra mim, eles me xingavam. Infelizmente, tinha um pessoal que abusava da torcida. Quando você está transmitindo um jogo do XV, você está falando pra cidade inteira. O torcedor é apaixonado e gosta do time”, diz Zé, que, como comunicador, se sentia na função de alertar as pessoas e formar opinião sobre a situação do elenco ou da diretoria. “Se o time está ruim, falo que está ruim. O goleiro é ruim? tem que trocar o goleiro. A diretoria é fraca? então falo que o cara não serve para ser diretor. Mas a instituição em si eu nunca critiquei”, explica com segurança o narrador.

De seus 56 anos de vida, mais de 33 são dedicados ao rádio. Por isso, certamente reúne grandes histórias para contar. Afinal, gritou gols de Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos (do qual também é torcedor), mas não tem dúvidas: as histórias que viveu com o XV foram as melhores. Perguntado sobre seu estilo de narração, o locutor é resistente de imediato, afirmando que narra os jogos de todos os clubes com igualdade. “Quando jogam Santos e Corinthians, por exemplo, até grito mais no gol adversário, com dor coração, para ninguém perceber que torço”, brinca. Mas logo emenda, com nostalgia: “Agora, com o XV é diferente. Aí tem envolvimento com a cidade, a paixão pela camisa, pelos amigos que fizemos na história do clube. Quanta gente boa passou por aqui, grandes presidentes, treinadores. O próprio José Poy, por exemplo, treinou o XV de cadeira de rodas na beira do campo”.

Com tantos anos de envolvimento profissional, não é difícil imaginar que ele colecionasse momentos especiais que teve o prazer de contar a centenas e milhares de ouvintes. Um deles foi vivido na Bahia, durante a Taça de Ouro de 1981. “Fomos

para Salvador e ganhamos do Bahia dentro da Fonte Nova. O pessoal de lá é apaixonado como a gente do XV. Nós tínhamos o Nívio e o Cilinho, que era um bom técnico também. O XV brilhou na primeira divisão do futebol brasileiro”, relembra.

Em casa e fora: tem diferença?

Algumas particularidades diferenciam as partidas disputadas dentro e fora de casa. Ao longo da história, ficou comprovado e é consenso entre jogadores, comissões técnicas e diretorias que jogar dentro do próprio estádio, com o apoio da torcida, é um fator importantíssimo para conquistar vitórias. Mas será que existe diferença entre narrar um jogo dentro da própria cidade e em outros domínios?

Para José Roberto, a diferença não chega a ser grande em termos de desempenho profissional. Ele não nega que estar em casa gera uma motivação maior, mas crê que sua narração é bastante parecida em ambas as situações. “Não vou dizer pra você que não há essa diferença. Talvez, o fato de estar próximo ao torcedor e de pessoas que você conhece dê um qualificativo a mais, mas a forma de narrar, vibrar e passar a informação ao ouvinte é praticamente a mesma”, revela.

Raony já pensa um pouco diferente. Admite que o clima da Rua Javari interfere em suas transmissões. “Influencia muito por dois motivos. Um é por eu estar perto da torcida, e o outro motivo é por ter sido torcedor de arquibancada. Eu sei pelo que o cara está passando lá quando a bola sai. Aí, eu tenho uma injeção de ânimo”.

Por outro lado, lembra que o reconhecimento que o Juventus recebe em todo o estado o deixa muito feliz e também gera motivação para as partidas fora de casa. O fato de ser um clube muito tradicional e querido em todo o país faz com que as pessoas que o recebem em suas cidades reforcem sua simpatia pelo Moleque Travesso. “Eu tive a noção de que muita gente conhece e gosta do Juventus trabalhando em partidas fora da cidade de São Paulo. Muita gente lamenta a situação do clube, mas fala: ‘pô, que bom que o Juventus está aqui’”.

Símbolos de devoção

Muita gente torce pelo time de sua cidade, mas são poucos os que se envolvem tanto com o clube a ponto de ficarem conhecidos como torcedores especiais. No caso de algumas pessoas, a paixão não se restringe à ida ao estádio todo domingo e a acompanhar as notícias pelo jornal e pelo rádio. Elas são especiais, querem participar, mesmo, e contribuir de alguma forma. E é nos momentos de dificuldade que esses torcedores seguem com sua devoção e dedicação e mostram, para o resto da torcida, que é exatamente nessas horas que é importante estar lá com o clube.

Ser torcedor não implica apenas comemorar vitórias. É claro que é o desejo de qualquer pessoa que acompanha um time de futebol vê-lo sempre no topo, vencendo adversários difíceis em partidas brilhantes, mas o verdadeiro apaixonado sabe que não há chuva, nem sol e nem crise capazes de afastá-lo de uma das coisas que mais ama e não tem vergonha de assumir. Aliás, coloca seu time do peito entre as coisas mais importantes da vida, junto com família e amigos. Inclusive, às vezes abdica de seu tempo com as pessoas que ama para servir o clube, que também ama demais.

Este capítulo é dedicado a apresentar pessoas que nutrem amores gigantescos pelos clubes que seguem. Mais do que torcer, elas contribuem da forma como podem para que a situação - muitas vezes capaz de desanimar qualquer otimista - seja revertida de alguma forma. Uns abrem seus estabelecimentos

comerciais e transformam-nos em pontos de encontro de devotos do clube, outros se tornam verdadeiros porta-vozes da torcida e há aqueles que já fizeram tanto que nem precisam mais se sacrificar: o simples fato de estarem lá já é o suficiente para tranquilizarem os desesperados.

Esses apaixonados são conhecidos por todos da cidade ou bairro. Suas imagens estão atreladas aos times, afinal, foi a eles que dedicaram parte de suas vidas. Quando falam, são ouvidos. Assumiram esse papel de alguma forma e não podem, aliás, não querem se desvincilhar dele. Serão eternamente lembrados, de alguma forma, por terem sido mais que torcedores. De fato, todos eles fizeram por merecer.



GRUPO

VIN CASSARO

XV de

O dono da segunda casa dos quinzeanos

José César Cardoso, conhecido na cidade como Célio, parece ter nascido para torcer pelo XV de Jaú. O comerciante, dono do Célio's Sport Bar, ou simplesmente Bar do Célio - tradicional ponto de encontro de quinzeanos na rua Quintino Bocáiuva, centro da cidade - é natural de Laguna, Santa Catarina. Na época em que lá vivia, muito provavelmente nem imaginava que um dia se mudaria para Jaú, mas já tinha seus motivos para gostar do Galo. Conta que no ano de 1976, ao procurar cores de uniforme para seu time amador na cidade sulista, ele e seus amigos se encantaram com a camisa verde com golas amarelas do XV de Jaú, estampada em uma revista Placar: "Adotamos essa camisa para ser o uniforme do nosso time, no interior. A partir daquele momento, comecei a sempre querer saber notícias do XV".

Dois anos depois, mudou-se para São Paulo, de onde continuava a acompanhar o XV por mais outro motivo: era torcedor do Santos Futebol Clube, que na época havia fechado uma parceria com o time jauense, na qual cedia alguns de seus jogadores por empréstimo. Em uma das levas, foram transferidos ao Galo jogadores como Célio, Cardim e Carlos Silva, meias que compuseram um dos clássicos esquadrões quinzeanos da década de 80 ao lado de, entre outros craques, Alfinete e Estevam Soares. Célio ficava de olho no time do interior para acompanhar o desempenho dos ex-santistas, que poderiam render frutos ao clube praiano no futuro.

Como se já não bastasse, outras coincidências continuaram colocando o Galo da Comarca em seu caminho. A irmã de sua mulher era casada com um jauense e se mudou para a cidade.

Um dia, a convite dos cunhados, Célio viajou para assistir a uma partida entre XV de Jaú e Santos, no estádio Zezinho Magalhães. Ele lembra que a partida terminou em um a um, mas o que ficou daquele dia foi bem mais que o resultado final. “Conheci o estádio e depois de um tempo acabei vindo para a cidade, onde abri meu bar. Algumas pessoas da diretoria começaram a frequentá-lo e eu fui me aprofundando, conhecendo cada vez mais sobre o clube. Hoje, eu respiro XV de Jaú. Meu sangue é verde e amarelo”, afirma, sem negar que há muito tempo trocou seu primeiro time: já é mais quinzeano do que santista.

Seu bar virou reduto dos torcedores entre os anos 90 e 2000. Muito ligado ao time desde que chegou, Célio fez amizade com dois futuros dirigentes do XV que sempre marcavam presença em seu estabelecimento: Zeca Peres e Irineu Stripari, que viriam a ser diretor e presidente, respectivamente. Próximo às pessoas fortes do XV, Célio acabou naturalmente fazendo de seu bar um ambiente para discussões sobre o clube. Com o tempo, torcedores e jornalistas também passaram a ter o local como uma “segunda casa”. “A partir desse momento, a gente pensa no XV de Jaú, não nas pessoas. Então, cada diretoria que entra recebe meu apoio e mantenho sempre as portas abertas para quem assumir”, declara, enfatizando que busca ter uma boa relação com todos os envolvidos com o Galo.

A admiração pela instituição e os envolvidos, desde então, só cresceu. Sem esconder seu imenso carinho, enaltece o clube como torcedor fanático que aprendeu a ser. “A gente gosta de outros times, mas o XV é da cidade. Ele é diferente de todos os outros que eu conheço. O cara vem pra Jaú e a primeira coisa que ele pede é a camisa verde e amarela. É uma das principais referências daqui”, ressalta, contando que seu



*No Bar do Célio, quase tudo
remete ao XV, sua grande paixão*

bar já recebeu pessoas dos Estados Unidos, Canadá, México e Inglaterra à procura de camisas do clube.

O bar, cuja decoração não deixa a menor dúvida sobre qual clube mora em seu coração, abre às 10h, e logo aparecem os primeiros interessados em saber novidades do time. “Durante todo o dia, os torcedores passam por aqui me perguntando sobre as coisas. Um pouco antes de você chegar, saiu um cara daqui me perguntando: ‘é o XV, agora vai?’. Como eu já fiz parte do conselho do clube e vivi o dia a dia da administração, eu fico entre a torcida e a diretoria. É meio complicado, porque não estou mais lá, mas eu passo para o torcedor aquilo que eu sei que está acontecendo. Procuro fazer com que o torcedor jamais descredite”, comenta.

O torcedor-símbolo é ciente da confiança que os quinze-anos depositam nele. “A responsabilidade é grande e aumenta cada vez mais. Fui contemplado em 2007 com o título de cidadão jauense e considero esse clube o grande responsável por isso, porque foi ele que me tornou mais popular. Isso tudo faz parte da minha vida, não vou esquecer nunca e jamais vou medir esforços para trabalhar em prol do XV de Jaú”, declara, com uma convicção sutil e verdadeira.

Amigo e muito querido pelos membros da Torcida Organizada Galunáticos, a mais atuante do clube nos últimos anos, o comerciante ajuda a guardar instrumentos, faixas e bandeiras dos torcedores e faz do seu bar uma espécie de sede. No local, ele também vende ingressos para as partidas e ajuda a organizar caravanas para os jogos fora de casa. Tem seu retorno, já que isso deixa o estabelecimento mais movimentado, mas é nítido que ele não o faz pensando nisso.

Célio criou seus dois filhos em Jaú e orgulha-se de tê-los feito torcedores do Galo. Orgulha-se de seu bar, todo decorado

com pôsteres da equipe jauense e de outras que admira. Orgulha-se mais ainda de ter feito dele uma referência na cidade. Não se pensa em outro lugar para saber mais sobre o que se passa nos arredores do Estádio Zezinho Magalhães. Ele diz, porém, que gostaria que mais pessoas fizessem o que faz, pois sabe que isso o ajudaria em seu propósito. Não quer ser único e não gosta de ser apontado como mais torcedor do que qualquer outro.

Como se fosse necessário, o comerciante justifica o porquê de não fazer parte da diretoria do clube: “Me falta tempo e dinheiro, infelizmente”. Sua consciência, porém, não poderia estar mais leve. Tudo o que faz é pelo XV. Fazendo pelo XV, faz por ele também. E basta.

SANGUE RUBRO



Alma, vida e sangue rubros

José Roberto Pavanello Silva, o Pavanello, como é conhecido por todos em Bauru, tem 59 anos de idade e uma vida dedicada ao Esporte Clube Noroeste. A relação começou nos idos dos anos 70, época que o próprio define como romântica para o futebol. Conta ele que a família nunca o influenciou para que se apaixonasse perdidamente pelo Norusca. Pelo contrário, seu pai era simpatizante do rival, o Bauru Atlético Clube.

Mas não tinha jeito. A época era toda da Maquininha Vermelha e a cidade queria saber mesmo era dela. Pavanello, assim como muitos jovens da sua idade, participou da efervescência vivida em Bauru pelo Alvirrubro, que vinha montando grandes times e disputando as competições mais cobiçadas do futebol paulista. A nostalgia é inevitável. “Pulei muito muro. Sou daquela fase. Os verdadeiros mesmo iam ainda que sem dinheiro, sem nada. Os caras tomavam borrachada da polícia e passavam por humilhação só pela paixão pelo clube, cara. Naquela época era puro sentimentalismo”, relembra, com nostalgia.

O final da década de 70 e o início da década de 80 marcaram um momento importante na história do futebol brasileiro: surgiam as torcidas organizadas, ou uniformizadas. O propósito dessas organizações era fundamentalmente apoiar seus clubes e fazer grandes festas nos estádios durante os jogos.

Pavanello conta que morou junto com seu irmão no Rio de Janeiro, de 1978 a 1982. Lá, teve sua primeira experiência com as organizadas, mas só como admirador. Quando ia ao Maracanã, teve o prazer de viver um pouco do que muitos consideram a época áurea do futebol brasileiro e das torcidas organizadas. Ao mesmo tempo em que prestigiava times

maravilhosos e recheados de craques, como Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo, ficava boquiaberto com o espetáculo que as torcidas promoviam nas arquibancadas do maior estádio do Brasil. “Era um show total! Foi realmente o auge e eu adorava. Sempre fui um cara festeiro e aquilo me atraiu muito”, confessa, mas em seguida faz questão de justificar que, mesmo com os encantos do futebol carioca e com a admiração pelo Vasco da Gama, e apesar do futebol irresistível do Flamengo de Zico, Adílio e Junior, continuou seguindo o Noroeste de perto: “Eu estava sempre acompanhando pelo noticiário. Naquela época, tínhamos o antigo Diário Popular, da capital. Quando o Diário chegava no Rio, eu pagava qualquer preço pelo exemplar só para poder me atualizar, porque eles mostravam tudo do futebol do interior e era a única fonte de informação que a gente tinha”.

De volta a Bauru e influenciado pela vivência em terras fluminenses, participou, junto com colegas de trabalho, da Dragões Vermelhos, uma das várias torcidas que se dedicaram a apoiar o Noroeste nos anos 80. “Entrei como sócio e, em pouco tempo, os caras viram minha disposição e acabei assumindo o cargo de presidente. Corri atrás e mudei todo o panorama da torcida, com carteirinhas, camisetas padronizadas e instrumentos”, recorda. Talvez ele ainda não soubesse que seriam apenas seus primeiros passos entre os muitos que daria como integrante de uma torcida organizada.

Em 1986, após divergências com parte dos torcedores, resolveu sair de sua primeira torcida e fundar em sua própria casa, no bairro Beija-Flor, aquela que seria a maior uniformizada da história do clube: a Torcida Sangue Rubro. Nostálgico, como não poderia deixar de ser, Pavanello fala com



*O torcedor-símbolo levanta a bandeira
que representa parte significativa
de sua vida*

carinho das festas enormes promovidas à cada vitória e das incontáveis viagens de ônibus que levavam muita gente para torcer, rendendo aventuras inesquecíveis. Recordar-se de campeonatos, os altos e baixos vividos pelo time e dias como aqueles em que a torcida bauruense invadiu a vizinha cidade de Jaú, colocando mais de dez mil pessoas dentro do estádio Zezinho Magalhães. Era uma partida de um quadrangular final.

De todas as torcidas, a Sangue Rubro é a única que sobrevive, forte, até hoje. A dedicação foi mais do que necessária. Abdicar de coisas importantes na vida pessoal também. “A persistência prevaleceu, porque não é fácil. Tem que ser abnegado, tem que gostar mesmo. Perdi muita coisa na vida particular, muitos amigos e familiares se afastaram. Já cheguei a sair da minha casa, pegar estrada enquanto minha mulher estava quase para ter nenê, cara, e quando voltei meu filho já tinha nascido”, revela, sem deixar de apontar o lado positivo, que considera o mais valioso: “Conheci muita gente boa. Até hoje troco figurinha com o pessoal das antigas, sempre que nos encontramos é aquela alegria. Quem não tem história, não tem o que contar. Eu só mantive uma chama: fiz a minha parte pelo lugar onde vivo. Não quero morrer e ser lembrado com uma estátua. Fiz pelo prazer e lutei por minha cidade”.

Perguntado se acredita ser mais noroestino do que alguns outros, ele recorda o árduo caminho e os sacrifícios que fez levando essa vida de dedicação ao clube e responde com sinceridade e convicção: “Mais do que muita gente eu me considero, cara. Pelo tempo e pelas loucuras que já fiz na vida. Não basta você ir ao campo comer seu amendoim e ficar na arquibancada com o radinho. Nós estivemos esses anos todos nessas arquibancadas, nesse interior todo, fora do

estado. Perdi o crescimento dos meus filhos. Foi uma loucura, dá para escrever um livro”.

Sendo o diretor de patrimônio da Sangue Rubro, Pavanello sabe de sua importância e a influência que exerce nos garotos que compõem a grande maioria da organizada. Tem noção de que a idade está chegando e que não tem mais a mesma energia e disposição de tempos passados, mas pensa em tirar o pé do acelerador aos poucos, porque sabe do legado que tem a deixar e não quer ver aquilo tudo que ajudou a construir e defendeu com unhas e dentes, por 27 anos, desmoronar. Apesar da diferença de mentalidade entre as organizadas de hoje e as de quando começou, Pavanello procura conversar com os mais jovens na tentativa de passar sua experiência a eles.

Um líder nato que contribuiu, e contribui, incessantemente para manter acesa a paixão dos bauruenses pelo time da cidade. Assim é possível descrever Pavanello. O Noroeste, ou melhor, o amor por ele, foi capaz de mudar os rumos de sua vida e o fez sofrer, crescer, ganhar e perder. As perdas são motivos de tristeza, mas a felicidade que sente ao ser reconhecido nas ruas da cidade e ao relembrar histórias nos encontros ocasionais com os antigos parceiros é grande o suficiente para que não se arrependa.



O papa afeano

Aos 71 anos, Paschoal Gonçalves da Rocha já fez muita coisa nesta vida. A maior parte delas envolve a Associação Ferroviária de Esportes, clube que viu nascer, e o futebol. Conhecido por onde passa, não existe dúvida em Araraquara: ele é o maior símbolo da torcida do clube em todos os tempos. Paschoal diz que só tira a camisa grená para tomar banho e dormir. No clube, já trabalhou em incontáveis funções. “Fui porteiro, bilheteiro, cobrador, treinador da molecada e organizei inúmeras competições e partidas. Na Ferroviária, eu só não fui presidente”, brinca.

Hoje mora em um apartamento na mesma rua de sua antiga casa, onde funciona a loja de calçados de sua família. Porém, é no fundo da residência que continua bem vivo um de seus maiores orgulhos e a prova de sua devoção à AFE e ao futebol: a Sala de Reminiscências Esportivas “Vicente Michetti”, que ocupa oito cômodos. Lá estão guardados e expostos incontáveis fotos, recortes de jornal, medalhas e troféus que remontam a história do clube e do futebol paulista em geral. É possível viajar a períodos gloriosos e cheios de histórias enquanto se está por ali, e isso pode durar horas. Parte do material foi digitalizado e hoje ajuda a compor a maior parte do que se encontra no museu da Arena da Fonte.

Fundada em 1980, a Sala de Reminiscências promove todo ano uma tradicional festa de aniversário, organizada por ele próprio. O evento acontece no salão de festas do Clube Araraquarense e recebe ex-jogadores da Ferroviária e outros clubes, além de amigos, políticos e membros da imprensa. Paschoal orgulha-se por conseguir levar cerca de quatrocentas

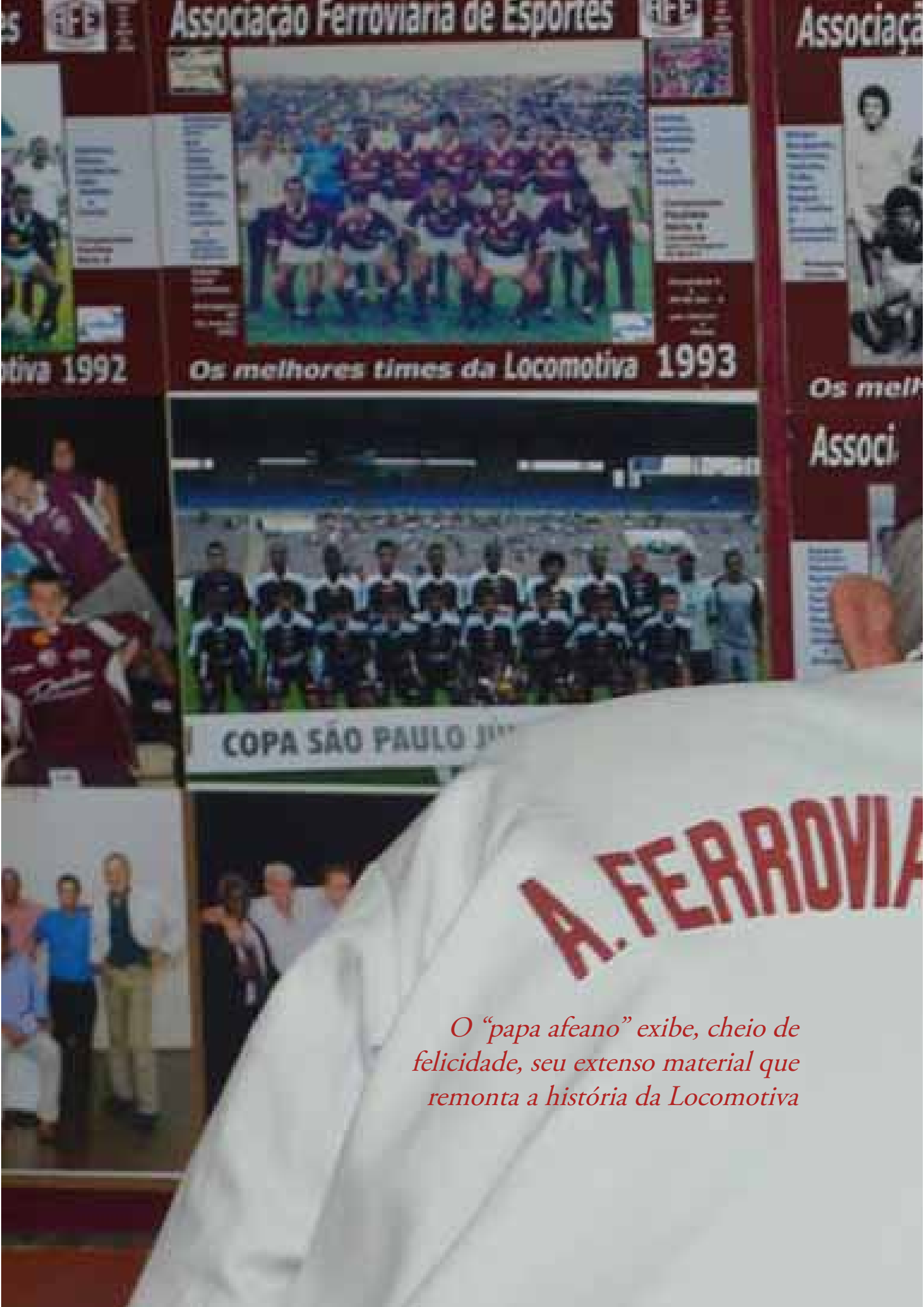
pessoas, em dias de semana, para a confraternização. Ele cita personalidades que já compareceram ao evento, como Dadá Maravilha e Peixinho, ex-jogador da Ferroviária e autor do primeiro gol marcado no estádio do Morumbi, que esteve presente em 2013.

Em uma quarta-feira chuvosa e fria, Paschoal, agora um pouco debilitado por problemas de saúde e de memória, dormia em seu apartamento quando foi abordado para a entrevista. Mesmo cansado, fez questão de se levantar, vestir a camisa e o boné grená e andar até sua outra casa para exibir, orgulhoso, tudo aquilo que conseguiu juntar em décadas. Uma riqueza da qual ele não abdica.

Enquanto mostra cada sala cheia de memórias que reuniu e guardou, vai falando e explicando tudo aquilo que sua memória, apesar de um pouco fragilizada, consegue trazer detalhadamente. As fotos dos times da Locomotiva perfilados ano a ano exibem sempre um estádio lotado de camisas grenás ao fundo. Paschoal aponta uma foto de um bingo realizado na Fonte Luminosa, a fim de mostrar como a comunidade araraquarense participava das atividades promovidas pelo clube no passado.

Até assusta como, de um jeito simples, sem exageros e declarações fervorosas, Paschoal consegue explicitar seu amor pela Ferrinha. Não precisa provar nada para ninguém, é uma autoridade quando o assunto é o time e Araraquara. Quando é perguntado sobre o momento em que o clube que ama lhe deu mais alegria, explica com o tom sereno de sua voz: “Sabe o que acontece? Eu gosto toda vez que a Ferroviária ganha. Eu vou em todo jogo. Só não vou hoje porque tá ruim o tempo, senão eu ia também” justifica, como se fosse necessário, e continua: “Sempre gostei da Ferroviária, torci e ando sempre com a camisa”, conta, ao mesmo tempo em que levanta sua blusa para mostrar que não deixou de vestir sua segunda pele antes de sair de casa.

Toda dedicação extrema a determinada atividade acaba fazendo com que se abdique de outras coisas. Em seu caso, ele deixou os estudos de



O “papa afeano” exhibe, cheio de felicidade, seu extenso material que remonta a história da Locomotiva

o Ferroviária de Esportes



Associação Ferroviária de Esportes



1975

Os melhores times da Loco

Associação Ferroviária de Esportes



1982

Os melhores times da Loco

Associação Ferroviária de Esportes

FERROVIÁRIA DE ESPORTES



Os melhores times da Loco

lado para viver trabalhando em prol daquilo que amava. Se ele se arrepende? Observando a alegria com que fala de sua sala de recordações, é dedutível que não. “Sempre acompanhei e gostei de futebol. A gente tem que fazer alguma coisa na vida, né? Só não subi no meu serviço porque não estudei, e não culpo ninguém, o culpado fui eu mesmo. Fiquei muito envolvido com futebol pra lá e pra cá, organizando campeonatos na cidade, mas a vida é assim mesmo. E a Ferroviária é a minha paixão, mesmo. Ainda vou em todos os jogos, não perco nenhum. Só não vou fora, né? Mas, em Araraquara, vou em todos, fico na cabine e tiro fotos com a maquininha que eu tenho”, conta.

Apesar de admitir que jamais vai deixar de seguir e apoiar a Locomotiva, ele sabe que as coisas mudaram. Já conviveu com muita gente, de jogadores a diretores, e aponta as diferenças que não são mistério para ninguém: “Trabalhar com jogador de futebol hoje é diferente de antes, né? Os antigos jogavam por amor, levavam a chuteira para casa, engraxavam, tiravam prego. Mudou muito. Jogador hoje quer muito dinheiro e também não se cuida muito”.

Mesmo já tendo trabalhado muito pelo esporte amador na cidade e não medindo esforços para auxiliar em seu crescimento, Paschoal coloca a Ferrinha à frente de tudo em termos de importância e afirma: “O que divulga Araraquara é a Ferroviária. Não é esse negócio de basquete que o pessoal fala. Você vai pra fora, fala que é de Araraquara e o pessoal pergunta: ‘É o Bazani, aquele timaço que a Ferroviária tinha? Vinham pra cá e ganhavam da gente’. O pessoal que gosta de futebol lembra, principalmente os mais antigos”.

O “papa afeano”, como foi apelidado pelo jornalista araraquarense Alesandro Bocchi, é retrato de dedicação e amor

a um clube, a uma cidade e ao esporte. Ele se orgulha de ter “convertido” muitas pessoas para o lado grená. Um senhor que batalhou duro pela Ferroviária e pelo esporte do município, em geral, merece todo o reconhecimento que tem. Nem a idade que avança e as dificuldades que seu corpo lhe impõe são capazes de fazê-lo parar. Impossível não admirá-lo e desejar que continue por muitos anos fazendo Araraquara orgulhar-se ainda mais de sua história esportiva.





O dono do bar mais grená da Mooca

Se alguém perguntar por Valdemir Mazza na Mooca, poucos vão saber quem é. Agora, se disser que está procurando pelo Cebola, ou Tostão, a maioria saberá que se trata do dono do bar mais juventino do bairro e, por que não, do mundo inteiro.

Aos 46 anos, Cebola sente que encontrou seu lugar. Isso porque ele não nasceu na Mooca, muito menos teve contato com o Juventus durante a infância, adolescência e parte da vida adulta. Quando vivia em São Caetano do Sul, no ABC paulista, era palmeirense e até frequentava partidas do alviverde.

Sua história começou a ganhar uma coloração grená em 2000, ano em que se mudou para a Mooca e abriu seu estabelecimento. Na época, inaugurou seu bar em um lugar diferente do atual, que fica a pouquíssimos metros do Estádio Conde Rodolfo Crespi, na Rua Javari. Um local privilegiado.

Quando passou a trabalhar na rua mais conhecida do bairro, se deu conta de que estava, também, na rua de um dos clubes mais charmosos do Brasil. A partir disso, o receptivo Cebola abriu as portas para a comunidade juventina e o contato acabou sendo inevitável. Foi um encontro entre o carismático dono do bar com a apaixonante (e apaixonada) torcida juventina. Não poderia dar em outra: com o passar do tempo, o “Bar do Tostão” foi transformado em bar de todos os amantes do Juventus. “O detalhe da Mooca é que eles te acolhem e você faz muitas amizades. É diferente. E eu sou um cara que não tem segredo. Me envolvo mesmo, gosto de estar com a galera e bagunço junto. Eu sou bastante ativo”, conta, explicando o acolhimento recíproco que deu início a essa relação. A

Mooca abriu suas portas para ele, e ele retribuiu abrindo as portas de seu bar para que lá fosse instaurado um agradável ambiente de confraternização.

Hoje, já é tradição passar pelo conhecido bar antes e depois dos jogos do Juve. Virou reduto oficial de grande parte das pessoas que acompanham o clube. É considerada a segunda casa da torcida juvenil. “A galera vem toda pra cá. Independentemente de ser da Setor 2, da Ju-Jovem ou torcedor comum, todos vêm”, afirma, citando duas conhecidas torcidas do time, com as quais contribui ajudando a fazer bandeiras e outros equipamentos levados ao estádio. Até os jogadores chegam a frequentar o bar. Após a vitória na fatídica final da Copa Paulista de 2007, por exemplo, a festa que organizaram por lá contou com a presença de todos os atletas. Ele acredita que jamais havia existido um lugar que concentrasse com tanta intensidade os



*Cebola uniu seu nome
ao do Juventus e não
pretende separá-los*



*Antes dos jogos na Javari, o Bar do
Cebola é a casa dos juveninos*



amantes do time. “Nunca ouvi ninguém dizer tenha tido outro reduto assim, antes, por aqui”, diz.

Cebola ressalta o vínculo forte que criou com os torcedores, os quais considera amigos de verdade: “Para eles, eu não sou o dono do bar. Eu sou o amigo deles, entendeu? Eu não sou o dono do estabelecimento que está aqui só pra trabalhar. Eu sento com eles, tomo uma cerveja, pego um refrigerante, asso a carne e vamos comer juntos. Não existe aquela distância que me obrigue a ser o dono do bar e eles, os caras do Juventus. A gente corre junto, ajudo a fazer as bandeiras e ‘vamo que vamo’”.

O comerciante admite que é o clube que impulsiona e dá vida a seu bar. “O fluxo diminui bastante sem os jogos do Juventus. Dia de jogo é diferente, porque aqui virou a nossa sede. Todo mundo vem e adora o churrasquinho que a gente faz. No jogo da semana passada, por exemplo, choveu. E mesmo debaixo de chuva a galera inflama e faz uma festa”, relata. Da mesma maneira, sua importância para uma boa parte das pessoas que frequentam os jogos é indiscutível. “Quando eu não venho, os caras ficam apreensivos. Aí, quando eu chego, eles já gritam: ‘Aê, Cebola! Pensei que você não fosse aparecer, meu!’, conta, imitando com animação a fala de seus companheiros, a quem não cansa de elogiar: “Você vê a galera vindo aqui torcer, pô, é um negócio inacreditável. Que seja meia dúzia, que sejam doze. Ver os caras gritando, torcendo e cantando é demais!”, exclama.

Sua única lamentação é não poder assistir à maioria dos jogos na Rua Javari, mas ele tem explicação: “Sempre me preparo pra assistir, mas não dá, porque tenho que estar cuidando do bar. No segundo tempo, já tenho que ir acendendo a churrasqueira pro pessoal poder vir aqui depois”. A causa é nobre.

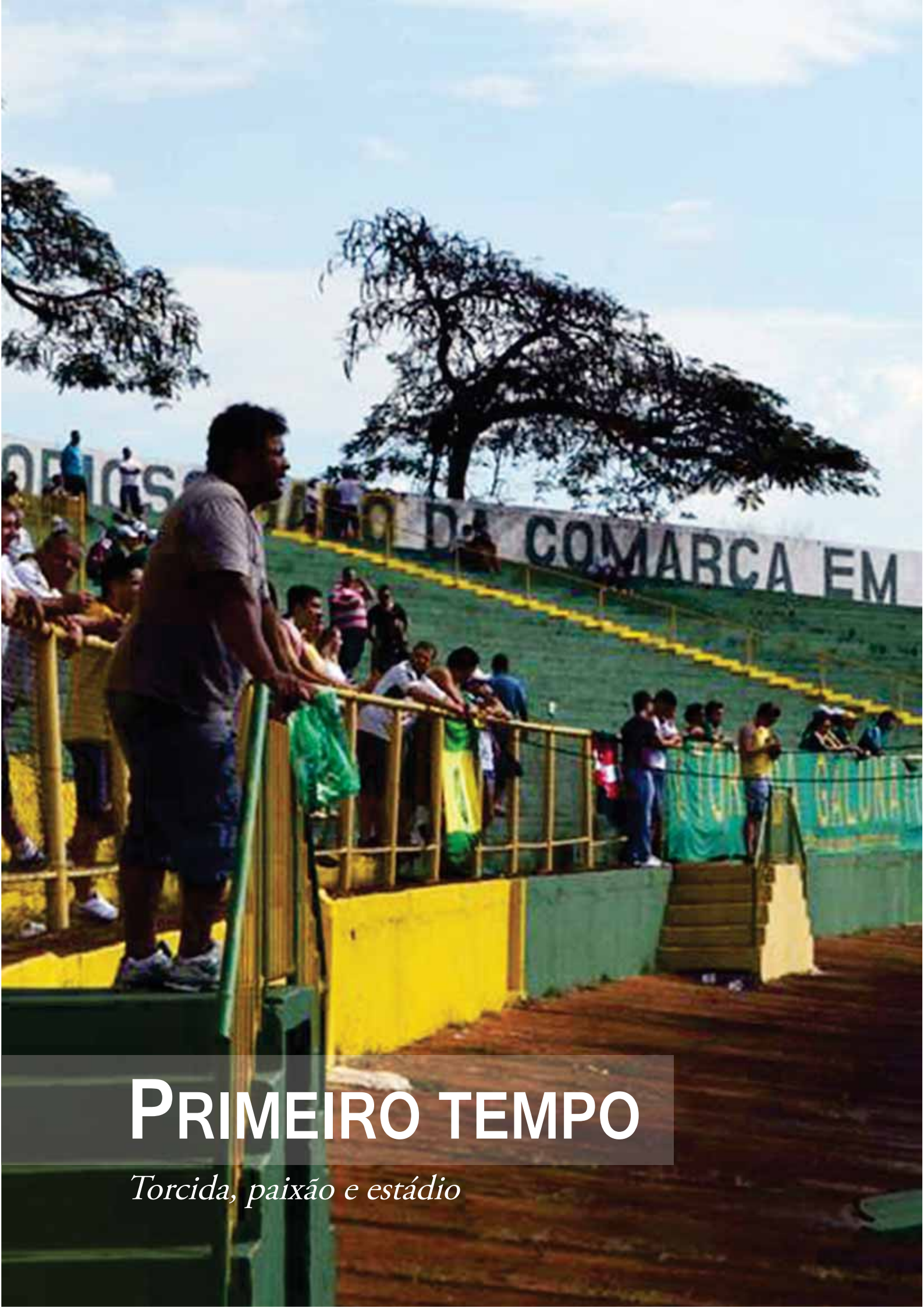
Os laços criados são o que considera mais valioso dessa experiência toda. “Eu acabei ganhando uma segunda família, que tá sempre me dando força no que eu precisar. O mais gratificante, além do time, é saber que aqui eu tenho amigos. Eu não quero fregueses no meu bar, eu quero ter amigos aqui dentro, e é o que eu tenho”, assegura.

O surgimento da paixão foi inevitável, e ele assume o que nem é necessário dizer: “Virei Juventino de coração. Me identifique e gosto demais do time”. Depois de mais de uma década de envolvimento, amizade e paixão, Cebola já se sente, e com razão, parte da história do Juventus. Com seu carisma, ajudou a aglutinar e reforçar os laços da torcida.

Hoje, o comerciante é conhecido por todos os que se envolvem com o Moleque Travesso. Enquanto ele concede entrevista em seu próprio estabelecimento, o roupeiro do clube - um dos muitos amigos que fez - passa, o cumprimenta e os dois conversam brevemente antes de se despedirem. É nítido o quão querido Cebola é por ali.

Ele diz que não quer deixar o bar nunca mais. Fala que, enquanto o proprietário do imóvel permitir, é lá que vai ficar. E caso tenha que sair, vai arrumar outro lugar. “Se ele quiser vender o prédio, eu vou falar: ‘Meu, você não pode fazer isso. Isso aqui já é patrimônio. Não adianta querer me tirar, porque eu não vou sair!’”, brinca.

Sobre a possibilidade de os amigos fazerem uma vaquinha para bancar sua permanência no bar, ele confessa: “não duvido nada”.



PRIMEIRO TEMPO

Torcida, paixão e estádio



Se não move montanhas, o amor é capaz de arrastar uma série de coisas. Move pessoas, por exemplo, de suas casas até lugares pouco confortáveis, em dias chuvosos ou insuportavelmente quentes, mesmo quando tudo indica que a melhor opção seria ficar em casa com a família ou visitar amigos. É justamente o amor que faz com que ir ver de perto o time do peito nunca pareça má ideia.

Futebol é um jogo, e jogo envolve uma questão fortemente lúdica. Ir ao estádio, para o apaixonado, é ver seu time em campo com as cores sagradas que tanto defende. É poder, mais uma vez, reafirmar seu amor pela camisa que veste. É, de certa forma, uma terapia, uma válvula de escape para fugir da rotina, dos problemas, da previsibilidade. Na arquibancada, ele consegue sentir sensações que, muitas vezes, não conseguiria na vida fora dali. E, por alguns instantes, o mundo ao seu redor já não interessa tanto assim.

É um sentimento tão forte que desencadeia atitudes e vontades incríveis. Provoca reações exageradas, viagens improváveis, choros sinceros; cria hábitos, relações e amizades. Além disso, rende histórias para contar. Felizmente, ele se renova e passa para as gerações que se seguem. Apesar de serem tantas vezes chamados de loucos e sofredores, são felizes aqueles com capacidade de senti-lo.



*No estádio, a interação
com o jogo é maior*

O lugar onde tudo acontece

É engraçado perceber como o próprio estádio diz muito sobre o clube. A forma como se deu sua fundação, suas características, cores e formas. São coisas que influem nas ações das pessoas que o frequentam. Cada torcedor tem seu setor preferido lá naquele lugar. Uns ficam nas cadeiras, prezam pelo “conforto”. Outros preferem mesmo é ficar na arquibancada, perto da turma que gosta de entoar cantos de apoio ao time durante a maior parte do jogo, tomando sol, sentados no concreto ou mesmo em pé.

O estádio é a segunda casa do torcedor. É, para ele, um templo onde ele se sente à vontade e pode assumir o papel que mais gosta: o de apaixonado. Lá, ele tem licença para gritar sem que

ninguém se incomode e lhe repreenda com um olhar horrorizado. Xingar o juiz, o lateral-esquerdo que não acertou um cruzamento durante a partida, o atacante que desperdiçou a bola do jogo ou, simplesmente, o time inteiro está mais do que permitido. Mas, cuidado: caso ocorra exagero na dose, existe o grande risco de ser taxado de “corneteiro” por algum torcedor que tenha uma mentalidade diferente.



*Nem a noite fria
de julho fez com
que os afeanos
abrissem mão de
apoiar a
Locomotiva*

De qualquer forma, o mais importante é observar como se criam culturas próprias dentro de cada estádio de futebol. As arquibancadas são muito mais que pedaços de concreto nas quais se assiste ao que acontece dentro das quatro linhas do gramado. O jogo obviamente é importante e é para vê-lo que estão concentradas ali aquelas pessoas, mas, involuntariamente, elas estão ali também se socializando, criando e renovando vínculos, até mesmo com seus próprios familiares.

O torcedor araraquarense Ricardo Gomes, que se dedica à cobertura jornalística da Ferrinha em seu blog, o Afegol,

explica em poucas palavras o porquê de ir ao estádio: “Eu torço pra Ferroviária. Eu venho aqui com meu pai, venho aqui com a minha família e isso é muito divertido. Em uns dias vai ganhar e em outros perder, mas busco não elevar minhas expectativas”. Para ele, a oportunidade de poder compartilhar aqueles momentos com quem ama é tão ou até mais importante que a vitória do clube.

Quem frequenta esses ambientes conhece o clima amigável que envolve a arquibancada. Não existe o medo e nem o terror que, muitas vezes, se vê nos grandes jogos do Pacaembu, Maracanã, Mineirão e afins. É tudo ameno, simpático e bastante charmoso. Se a qualidade das pelejas não é das melhores, ao menos nas arquibancadas existe um pouco do saudoso romantismo de tempos passados. Em tempos em que luxuosas arenas “padrão Fifa” são erguidas no país, uma outra realidade resiste e preserva tradições.

Para os mais antigos, ir ao campo ver seu time jogar é um reencontro com a infância, com um período feliz da vida. Para os mais novos, é a oportunidade de conhecer uma realidade encantadora, mesmo com toda a humildade, em termos de resultados, dos dias de hoje.

Hábitos únicos e marcantes

Quem está acostumado a frequentar os estádios interiores conhece bem alguns hábitos, mais do que usuais e típicos, desses ambientes tão acolhedores. Sabe, por exemplo, que é praticamente inimaginável ir até ali e não se deparar com dezenas ou centenas de aparelhos de rádio portátil que pa-



*O velho radinho de pilha é
companheiro essencial para
alguns torcedores*

recem ser indispensáveis a alguns, geralmente senhores de idade mais avançada. Com o famoso “radinho” colado junto ao ouvido, eles ficam atentos ao que acontece dentro de campo e também aos resultados das outras partidas, que podem influenciar na classificação geral do campeonato. São os primeiros a informar os que estão ao redor sobre a substituição que está prestes a acontecer ou sobre o gol marcado em outra partida, que ocorre em outra cidade.

O radinho talvez seja o mais simbólico dos objetos, mas não há como não citar os jornais usados como “assentos” por aqueles que não querem sentar diretamente sobre o concreto da arquibancada. Alguns, mais preocupados, chegam a levar até almofadas. Vale tudo para conseguir um certo conforto, não?

Saborear as famosas iguarias de estádio – como amendoins, pipocas, churros

e picolés – também faz parte da tradição. E mesmo que falte dinheiro ou fome, a verdade é que o estádio não seria o mesmo sem os vendedores ambulantes, seus gritos e seu bom humor. Eles também fazem parte do ambiente.

Algumas tradições vão se perpetuando. Em Jaú, por exemplo, é muito comum escutar alguém exclamando: “Põe o Nívio!”, em algum momento da partida. Nívio, no caso, foi um talentoso meia que jogou no XV nos anos 80. Não é possível explicar como nasceu esse hábito, mas passaram-se quase três décadas e ele segue vivo. Os gritos de “juiz gaveteiro”, usados para manifestar a insatisfação com a arbitragem, também são bastante usuais no Zezinho Magalhães, o Jauzão, principalmente entre os mais velhos, que acrescentam um típico sotaque interiorano ao repeti-los. Os mais novos caem na risada com algumas expressões antigas e repetem várias outras que aprenderam indo aos jogos.

A torcida jauense é conhecida por ser bastante exigente e algumas vezes excessivamente “chata” com o time. Não tolera muito jogos truncados e feios. Quando inflama, porém, os gritos de “Galo” tomam conta do estádio e empurram os jogadores para cima do adversário. Não é raro ver alguém se levantando no meio da arquibancada para gritar mais efusivamente, seja em apoio ao time, seja em reprovação à arbitragem, que sempre sofre bastante quando apita por lá.

Quando o Norusca joga no Alfredo de Castilho, o Alfredão, é de praxe: sempre que o jogo começa ou que sai gol, o barulho do trem ecoa pelo estádio e anima os torcedores da Maquininha Vermelha, que também criaram seus hábitos ao longo dos tempos, como o de “atacar” junto com o time durante a partida. Como eles fazem isso? Thiago Navarro ex-

plica: “A dinâmica do estádio permite que a torcida do Noroeste se desloque de um tempo para o outro (no intervalo) e esteja, portanto, sempre assistindo ao ataque do time. Aqui é mais simples, porque é só passar por trás das numeradas e é possível ir de um lado a outro da arquibancada. Na maioria dos estádios, isso é bem mais complicado”.

O Alfredão e o Jauzão trazem, além da rivalidade entre seus donos, outra particularidade em comum: ambos têm, em determinado trecho de suas arquibancadas, altas árvores que proporcionam uma agradável sombra aos torcedores. Como o sol é forte na maioria dos horários em que se disputam as partidas, aquele acaba sendo o canto preferido das pessoas que lá comparecem. A “sombra dos eucaliptos” é até referência para os locutores esportivos bauruenses, que dizem que “o Noroeste ataca para o gol dos eucaliptos, enquanto o adversário ataca para o gol da panela de pressão”.

Na Rua Javari, as tradições são tantas que daria outro livro. Umas são mais novas, como a da torcida do famoso “Setor 2”, que fica atrás de um dos gols e que se autodenomina a primeira barra brava do Brasil (tipo de torcida típica de países sul-americanos, conhecida por ficar atrás do gol e cantar sem parar em apoio aos jogadores). Cantando incessantemente durante os mais de noventa minutos de partida, se assemelham muito às enérgicas torcidas da Argentina e do Uruguai, por exemplo. Outro costume interessante e divertidíssimo é o hábito de gritar “ôôô” toda vez que o goleiro adversário vai bater tiro de meta. O grito persiste até quando ele chuta a bola. Nesse momento, então, o estádio inteiro exclama: “Filha da p***!”. E isso se repete a cada reposição de bola adversária. Em um estádio de futebol, isso não deve ser considerado ofensivo.

É só uma questão de entrar na brincadeira e se divertir.

Existem também, como não poderia deixar de ser em um ambiente tão histórico como aquele estádio, as tradições antigas que se mantiveram ao longo dos tempos. A mais clássica de todas talvez seja o hábito de comprar, durante o intervalo, o tradicional cannoli - um saboroso doce italiano - do seu Antônio Pereira Lima, o lendário “Tio do cannoli” da Rua Javari. Ir a uma partida na Mooca e não comer um de seus docinhos é quase uma desfeita à tradição. Há de se citar, também, o característico sotaque da Mooca, carregado de italianices e presente no vocabulário da maioria das pessoas por ali, sejam jovens ou idosas.

*A velha guarda
continua
frequentando
assiduamente os
jogos do Mole-
que Travesso*



Hoje reformada e com cara de arena de Copa do Mundo, a Fonte Luminosa guarda grandes histórias e ainda recebe o típico torcedor de Araraquara: chato (no melhor dos sentidos, é claro). Apesar de não ver seu time na divisão de elite do campeonato estadual desde os anos 90, os torcedores da Locomotiva ainda são influenciados pelos mais de qua-

renta anos passados por lá. Ou seja, são muito exigentes e isso se reflete em um comportamento impaciente nas arquibancadas, caso bem semelhante ao do XV de Jaú.

Alessandro Bocchi lista diversas torcidas que marcaram presença na Fonte durante sua história. A primeira a ser formada foi a Ferro-Chopp. Depois, vieram Vagões da Locomotiva, Torcida do Pitita, Aférico, Boca do Lixo, Coração Grená, Expresso Grená, Amigos do Bazani, Turma do Alambrado, Morcegos do Alambrado, Torcida Jovem Grená e Afeganistão, sendo que a última sobrevive até hoje, composta por uma maioria de jovens torcedores. Ele relata que uma característica das torcidas da AFE é que elas sempre tiveram o local demarcado. Exceção feita à Torcida Coração Grená, que ficava sempre atrás do gol que o time estava atacando. As demais jamais mudaram de lugar.

A reforma do estádio mudou a disposição tradicional do público. Alessandro conta que antigamente os torcedores que ficavam do lado da entrada do túnel eram os mais passionais, enquanto os que se sentavam no lado oposto, nas “sociais”, eram os que gostavam de assistir ao jogo sem grandes picos de emoção.

O jornalista sabe-tudo da AFE explica como surgiu o “Olê, olê, olê, olê, AFE, AFE”, tradicional grito de guerra da torcida grená: “Foi no Paulista de 1990. A Ferroviária enfrentava a forte equipe do São Paulo, na Fonte Luminosa, na estreia do técnico são-paulino, Carlos Alberto Silva. Atuando contra Cafu, Raí, Nelsinho e companhia, a AFE venceu o jogo por três a dois. No segundo tempo houve uma chuva torrencial. Foi então que, embaixo do temporal, foi adaptado outro coro. O ‘AFE, AFE, AFE!’, foi substituído, pelo ‘olê, olê, olê, AFE, AFE’, que nunca tinha sido cantado. Isso pegou e foi mantido por todas as torcidas”.

É claro que o público que frequenta os estádios de futebol apresenta vários comportamentos semelhantes, no geral. Apesar disso, cada torcida guarda consigo um modo particular de se comportar, estimulado pelas histórias de cada uma. Muitos repetem alguns gritos e expressões sem mesmo saber de onde vem tudo isso. Estão, assim, reproduzindo algo criado no passado, uma cultura criada dentro do próprio estádio e que, às vezes sem querer e quase sempre de maneira natural, foi incorporada pela massa que lá frequenta como uma de suas características próprias. Além disso, da mesma forma que alguns hábitos se perpetuam entre as gerações, outros são modificados e criados ao longo do tempo. As expressões das arquibancadas são sempre espontâneas e curiosas.

A experiência única do estádio

O despertador toca. São nove horas da manhã de um domingo quente e ensolarado. É hora, portanto, de acordar. E hoje não há reclamação, afinal sair da cama não é uma obrigação, e sim motivo de alegria: vai ter jogo. Vestir a camisa e o boné faz parte da tradição. Pelo celular, o contato com os amigos ou parentes que vão ser a companhia do dia é feito. “Tá pronto? Tô saindo. A gente tá atrasado!”. Chegando ao ponto de encontro, alguns risos e conversas antecedem o momento de se juntar ao amontoado de camisas da mesma cor que a sua e caminhar até o estádio para ver o time do coração jogar. Lá dentro, é como se uma grande família se reunisse para torcer e se confraternizar. São encontrados conhecidos e amigos, feitos há muitos anos ou na semana anterior.



Torcida jauense vibra pela vitória do Galo

O parágrafo acima traz apenas um exemplo, mas ilustra bem o momento da ida dos torcedores dos quatro clubes aos estádios de suas cidades. O horário, pouco convencional a times “grandes”, é muito comum a todos eles, já que é mais ou menos o período em que são disputadas a maioria das partidas das divisões em que jogam.

É claro que cada pessoa age da maneira que lhe convém. Uns são mais comedidos, vão sozinhos ao estádio e não gostam de se socializar lá dentro, já que estão lá unicamente para ver a partida e, no máximo, carregam o bom e velho radinho de pilha para ouvir os detalhes do que acontece em campo. Outros já gostam de combinar ponto de encontro, como um bar, e de lá caminham rumo ao estádio, sempre animados.

O importante é ressaltar a atmosfera de um ambiente como o estádio. Um jogo de segunda, terceira ou quarta divisão que

acontece em um domingo de manhã, em estádios geralmente pouco confortáveis, apesar de bastante charmosos, é uma verdadeira festa recheada de atrativos. Como é possível que um evento capaz de ser facilmente considerado um “programa de índio”, para alguns, seja tão apaixonante e indispensável para outros? São coisas que só o futebol e a magia que o cerca conseguem fazer.

Saborear uma das iguarias de estádio, por exemplo, como os já citados e tão consumidos amendoins, pipocas, refrigerantes e picolés, é algo que não tem preço. São coisas que podem ser degustadas facilmente a qualquer momento e em qualquer lugar, mas lá dentro é diferente. É o amendoim, é a pipoca e o picolé do campo. Parece ingênuo, mas de ingenuidades muitas vezes são construídos os grandes amores.

Os palavrões fazem parte do ambiente. Há quem os reprove, principalmente por acreditar que representem má influência para os mais novos. A maioria, porém, entende como algo normal em estádios, e até acham que as expressões de baixo calão são

*Momento do
gol: explosão de
alegria*



ingredientes que apimentam a receita da atmosfera que impera por ali. De fato, é quase impossível imaginar como seria a arquibancada sem eles. E é tudo quase sempre encarado com uma alta dose de bom humor. Um xingamento engraçado ou um comentário exaltado são motivos para que o riso se instaure. Algo dito nos alto-falantes pode virar motivo de piada ou de indignação geral entre o povo que escuta lá de baixo. E tome mais palavrão.

Sempre existiram e vão existir aqueles que não gostam ou apenas apreciam de longe o futebol, e por isso não valorizam o ato de ir ao estádio. São os chamados, pejorativamente, “torcedores de sofá”, que acompanham pela televisão devido à facilidade e ao conforto de poderem ver a partida sem sair de casa. Ninguém pode ser julgado por suas preferências e não é justo classificar alguém que acompanha seu time sem ir aos jogos como menos torcedor, se comparado ao que vai ao campo. Mas, a verdade é que quem preza pela comodidade da própria sala, ao contrário do que possa pensar, não vivencia tudo o que acontece no jogo. Para quem está ali, de corpo presente, aquele momento envolve muitas sensações insubstituíveis. Quem fica em casa perde aquilo de que muita gente não se dá conta, e que talvez seja uma das melhores vantagens de se ir ao estádio: a sensação de pertencimento a um grupo. O campo de futebol é um lugar perfeito para se criar laços. Lá, todos, exceto a torcida adversária que por vezes está presente e também faz seu barulho, estão reunidos em torno de um objetivo comum: participar da partida e torcer pela vitória do time do coração. Cada qual à sua maneira, como já foi dito, mas sempre com os pensamentos voltados unicamente, naquele momento, ao que acontece em campo. Todos estão ali compartilhando algo, ainda que não percebam. Comparti-

lham tensão, exaltação, tristeza e, claro, alegria. Que momento feliz e incrível é aquele em que a bola finalmente balança a rede e o gol que estava entalado na garganta de todos pode, enfim, sair em forma de um grito uníssono. A felicidade é tão grande que, por vezes, abraçar a pessoa mais próxima, mesmo que não seja alguém conhecido, parece a coisa mais normal do planeta. Em que outro ambiente isso aconteceria?

Nos estádios onde ocorrem jogos de times do interior, o que se percebe é uma interação ainda maior entre os torcedores, talvez pelo fato de o público não variar muito a cada jogo. Na entrada e na saída, as pessoas se cumprimentam aos montes. No intervalo, sempre acontece um momento de confraternização, em que os conhecidos se encontram e conversam sobre o jogo ou qualquer outro assunto da semana.

Em termos gerais, é muito fácil sentir-se bem nesses lugares. Tanto para quem os frequenta desde criança quanto para aqueles que lá estão pela primeira vez. Mesmo com a difícil situação atual dos times, o que mais se vê ao adentrar os estádios são pessoas felizes por estarem ali.

Bom exemplo disso é Evandro Lopes, jornalista que, assim como sua esposa, Tatiana Amalfi, não é nascido no bairro da Mooca. Apesar disso, desde que se mudaram para o bairro do Cambuci (próximo à Mooca), dificilmente deixam de levar o filho, o pequeno Davi, de nove meses, às partidas da Rua Javari. Evandro não hesita em dizer que se apaixonou pelo ambiente completamente familiar e diferente dos que se vê nos grandes estádios da capital, tanto que até já se considera juventino.

“Sempre fui a estádio de futebol, trabalhei muitos anos como jornalista esportivo, e queria inserir isso no meu filho desde o início, mas não tinha como levar ele para jogos do

Palmeiras e do Corinthians, por exemplo. Eu já tinha coberto alguns jogos do Juventus. Começamos a vir e gostamos muito. Virou tradição”, conta, durante o intervalo da partida entre Juventus e Joseense, na estreia do Moleque Travesso na Copa Paulista de 2013.

Corintianos de nascença, Evandro e Tatiana já se consideram juventinos a ponto de dizerem que torceriam para o clube da Mooca em uma eventual partida entre Corinthians e Juventus. Ambos foram conquistados pela simpatia da Rua Javari. Ele explica o porquê de gostar tanto de comparecer aos jogos: “Entro tranquilo, trago o carrinho do bebê. Consigo estacionar o carro na rua do estádio, entro e saio à hora que eu quero. Não tenho a preocupação que teria indo para o Pacaembu ver um jogo do Corinthians. Saindo daqui, vou almoçar com a minha família em algum restaurante aqui perto. Não tem comparação”.



*Evandro,
Tatiana e o
pequeno Davi:
família na Rua
Javari*

Um evento social

“Ir a um jogo na Rua Javari é participar de um resgate de valores do bairro da Mooca. A gente brinca que passar pelo portão do Estádio Conde Rodolfo Crespi é entrar numa máquina do tempo, porque você automaticamente ativa algumas sensibilidades de rememorar certas características do bairro da Mooca, do futebol e da própria cidade de São Paulo, que não existem mais. A forma arquitetônica do próprio estádio te induz a isso. É um estádio com características de 1940. Ele te sugere muita coisa para que você faça esse resgate de valores que hoje em uma metrópole tendem a se extinguir”. É o que afirma Fernando Galuppo, em uma fala que pode muito bem ser apropriada para outros tantos times do interior, e, logicamente, para os abordados neste livro. Afinal, ir à partida do time da cidade é reafirmar uma das maiores tradições locais. Dentre os símbolos e referências a que uma cidade deve se apegar para se manter fiel às suas raízes e tradições, seu time de futebol certamente ocupa um dos principais postos. Poucas instituições guardam e honram tão bem a história do município como ele o faz.

Antigamente, era muito comum, tanto nas cidades do interior quanto em bairros paulistanos como a Mooca, que as pessoas se conhecessem mais e se reunissem em determinados lugares que eram tidos como pontos de encontro. O clube, a praça no centro e o salão de festas mais conhecido, por exemplo, eram locais que serviam para reunir a comunidade semanalmente. Todas as coisas que aconteciam nesses espaços eram verdadeiros eventos sociais de grande importância.

Muito disso foi se perdendo com o passar do tempo, sendo que, dos lugares citados, o estádio de futebol é o que ainda

sobrevive com maior vitalidade, talvez por agregar o apelo que os clubes ainda exercem sobre a população da cidade. Ir ao estádio nesses lugares é algo como um evento social. É ter a oportunidade de viver, junto com centenas de pessoas da comunidade local, a expectativa de ver o time que os representa alcançar um bom resultado.

O interessante é que, indo às partidas nos estádios dos quatro times em questão neste livro, percebe-se uma diferença entre os tipos de público, em relação aos dos jogos de “grande porte”. O que se vê é uma boa concentração de famílias e amigos reunidos. Em jogos não-decisivos, o público médio dessas equipes gira em torno de 1000 pessoas. Parece e, de fato, é pouco, considerando o potencial que têm as camisas, mas são pessoas que realmente gostam dos clubes e sabem do valor e da importância de estar ali. A maioria delas não vai mais esperando prestigiar uma grande partida de futebol, apesar de, claro, estar na expectativa de gols e da vitória de sua equipe. O que se espera, além disso, é encontrar pessoas queridas que talvez não tenham visto durante a semana, além de simplesmente ver o time ali, em campo.

Hamilton Kuniochi comparece assiduamente à Rua Javari e confirma a tese. “É engraçado. Em qualquer lugar que você vai aqui, vê e cumprimenta alguém. É um ambiente de clube, mesmo. Você conhece todo mundo. Às vezes, parece que a gente tá na escola, com os nossos colegas, no intervalo. Tem muita gente que é amigo nosso fora do estádio, como tem gente que nós só encontramos aqui. Acho que é mais fácil as pessoas se reunirem aqui do que na sede do clube”, afirma.

O historiador doente pelo Norusca, Henrique Perazzi, é dono do blog Mafuá do Hpa, no qual registra recortes histó-

ricos e atuais da cidade de Bauru e de seu time do coração. Fanático, ele acredita que ir ao campo significa mais do que ir assistir a uma partida de futebol. “Continuo indo, mesmo com tanta coisa que faz a gente não ir hoje em dia. O que me motiva são as pessoas que vão lá, poder conversar com elas. É aquele ambiente que acaba virando uma extensão da sua casa. É um lugar em que eu me sinto bem e que me traz reminiscências; um ambiente gostoso. Muitas vezes, eu deixo de fazer algum programa importante para ir ao campo”, assume.

Quantos dos que estão ali, mesmo que não tenham revelado a ninguém, ficaram esperando a semana inteira por aquele momento? Quantos deles não dormiram e acordaram mais felizes por saber que logo estariam em um dos lugares onde estão mais acostumados a viver grandes emoções e a fazer boas amizades? O futebol aproxima pessoas. Não há dúvidas de que nossos quatro clubes protagonistas já estreitaram por muitas vezes a relação entre os moradores de suas cidades. E em tempos de distanciamento e reclusão das pessoas, de modo geral, eles continuam aproximando os que não se esqueceram do prazer de vestir a camisa e ir ver o time local jogar.

Onde nasce o amor

Se forem perguntados, a maioria dos que hoje vão religiosamente ao estádio da cidade dirão que foram levados desde cedo ali, pelos pais, tios, avós ou amigos. Uns contarão, ainda, detalhes de como foi a primeira vez que adentraram aquele lugar. Outros, por sua vez, não conseguirão sequer recordar quem era o adversário na tal ocasião. O importante é ressaltar que,

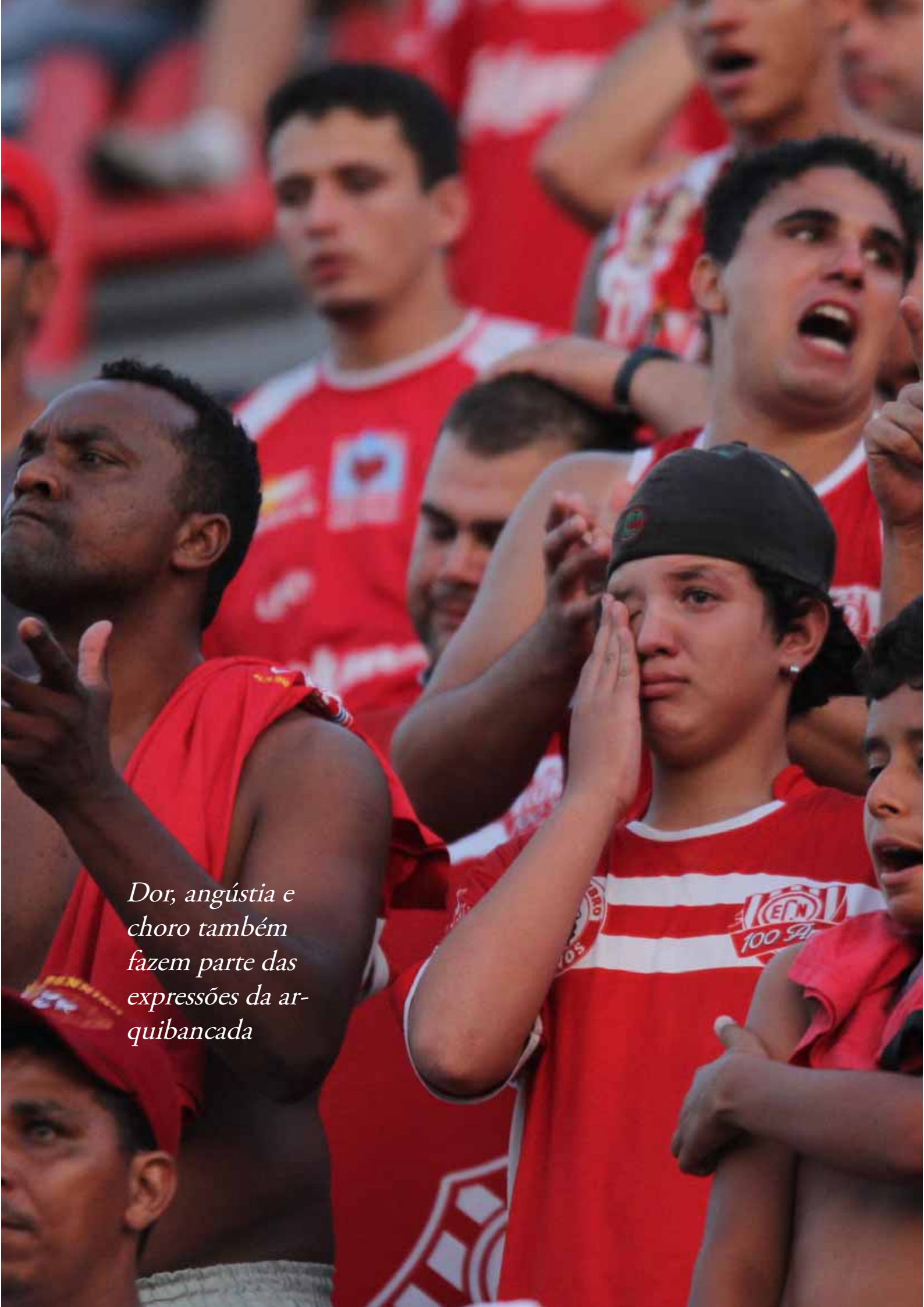
sendo apresentada desde cedo a esse ambiente, a criança tende a incorporar com mais facilidade os costumes e principalmente a alegria de ir ao campo de futebol para ver seu time atuar.

Como é espontânea a tentativa do garoto que imita os mais velhos na comemoração do gol, na reclamação da falta ou no simples ato de se aquietar e sair cabisbaixo após uma derrota. Mesmo que ainda não entenda perfeitamente o que está de fato acontecendo naquele cenário, ele sabe quem é o clube do coração daquele que o levou ao campo. Sabe, também, que todos ali presentes gostam do time. Sendo assim, quer fazer parte daquilo tudo, já começa a sentir aquela sensação de pertencimento citada nos parágrafos anteriores. Os olhos sempre vivos e, às vezes, assustados observam atentamente não apenas o que acontece na disputa dos times pela vitória, mas também o espetáculo de reações que se desencadeiam no aglomerado de torcedores.

Com o tempo, todas as coisas vão acontecendo com mais naturalidade. Ele não precisará mais se espelhar nos que estão



*Na Rua Javari,
gerações diferentes
compartilham
paixão*

A close-up photograph of a crowd of football fans. In the foreground, a young man with a black cap and a red and white striped jersey has his hands pressed against his face, appearing to be crying or in deep distress. To his left, a man in a red jersey looks upwards with a pained expression. In the background, another fan in a red and white striped jersey is shouting with his mouth wide open. The overall atmosphere is one of intense emotional investment and suffering.

*Dor, angústia e
choro também
fazem parte das
expressões da ar-
quibancada*

à sua volta para saber de que forma agir. Aquelas onze camisas que vão pra lá e pra cá dentro das quatro linhas passaram a ter significado, também, para ele. As idas ao campo durante a infância marcam muito a vida da criança e fazem com que ela aprenda que o mundo dos estádios não pertence somente à televisão. Aquilo é seu mundo, o mundo real, e quem lhe proporciona aquele prazer indescritível é exatamente o time do lugar onde mora. É claro que ninguém é obrigado a gostar de futebol ou a frequentar jogos, mas as chances que aquele pequeno torcedor tem de se tornar um apaixonado pelo esporte e pela equipe local, são maiores quando o vínculo se inicia desde cedo.

Henrique Perazzi começou a ir ao Alfredo de Castilho ainda menino para ver seu Norusca jogar e aponta isso como uma das principais causas de seu fanatismo. “Sabe, esse negócio de ir no campo e torcer é uma coisa que, no meu caso, é porque eu comecei cedo. E eu não abandono mais. É uma coisa que vem de muito longe”, comenta.

Ao levar seu filho Davi às partidas na Rua Javari, Evandro não nega a intenção de transformá-lo em juventino e sabe que contribui de forma essencial para que isso realmente aconteça. “Quando ele for pra escola os amigos dele vão torcer para o Palmeiras, São Paulo ou Corinthians. Naturalmente, ele vai acabar escolhendo um time grande, mas com certeza nesse tempo todo ele vai ter vindo a jogos do Juventus e vai aprender a torcer pelo time quase que à força, né? Não vai ter jeito!”, brinca. Perguntado se imagina seu neto indo aos jogos do Travesso com o pai em um futuro distante, responde: “Cara, eu acho que vai ser dessa forma. Hoje estamos aqui eu, ele, o avô e a mãe dele. É lógico que é difícil eu pensar no meu neto, o Davi tem só nove meses, mas que

*Pai e filho na
arquibancada:
criando vínculos*



é algo que vai estar enraizado nele eu não tenho dúvidas”.

O jornalista Gustavo Luiz, que também trabalha no Museu do Futebol de Araraquara, foi capaz de resumir em algumas palavras o valor que as idas aos jogos da Ferrinha tiveram em sua vida, transformando-o em um verdadeiro apaixonado. Seu depoimento é digno de fechar esta parte capítulo, já que sintetiza quase que com perfeição a sua essência: “A questão



*Levar o garoto no
estádio desde cedo
estimula a paixão
pelo futebol e pelo
clube local*

da infância é muito importante, cara. Meu pai me trouxe aqui pela primeira vez em 84 e de lá pra cá eu sempre continuei vindo. Tenho meu filho pequeno e já trago ele no campo comigo sempre que ele pode vir. Eu lembro que quando vinha no campo de domingo à tarde, com meu pai, acordava já cedo e não via a hora de que o momento chegasse. Eu tenho comigo a imagem do meu pai com o radinho no ouvido comemorando o gol da Ferroviária, sabe? É uma coisa de menino. A gente

vinha, trazia laranja de casa, meu pai comprava amendoim, eu comprava sorvete e a gente assistia ao jogo. E você vai criando aquele vínculo de tal forma que aquilo passa a fazer parte da sua vida. Então, a Ferroviária passou a fazer parte da minha vida desde a primeira vez que eu vim, aos sete anos de idade, e nunca mais deixou. Como é que eu vou deixar de torcer pra um time que faz parte da minha vida? É paixão mesmo. Coisa de infância, de menino, que nunca vai acabar”.

Paixão que se renova

É certo que, para que a criança esteja presente nos jogos do time, alguém precisa levá-la ali. Geralmente, essa acaba sendo uma função do pai ou de algum parente mais próximo. Levar ao estádio, aliás, pode ser a principal maneira de cativar uma criança, mas não significa que seja a única. Apresentar um pouco da trajetória do clube, contar coisas dos tempos áureos e as viagens e experiências próprias são outras formas de chamar a atenção de uma mente curiosa e sedenta por histórias.

Em tempos bastante complicados para os clubes, a participação da família é quase que fundamental para que a criança e o adolescente se interessem pelos times das cidades. A disputa com os grandes times do futebol brasileiro é desleal, já que o apelo midiático e a convivência com colegas que torcem pelas equipes grandes vão fazer com que, quase inevitavelmente, os jovens se aproximem mais das grandes equipes do que das de suas próprias cidades. Os pais, aliás, também torcem para essas equipes e isso fica ainda mais presente em suas vidas. Nada, porém, os impede de gostar de dois clubes, e esse assunto também será abordado neste livro.



*Garotos vestem a camisa
e aprendem a prestigiar o
clube local*

A criança tende a ter o pai como referência. Se ela perceber a determinação e felicidade que seu maior “ídolo” sente ao acompanhar o time, a chance de sentir vontade de saber melhor o que é essa instituição aumenta muito.

Célio, o dono do bar mais verde e amarelo de Jaú, fez questão de passar a devoção ao XV para seus dois filhos, que ele diz serem tão fanáticos quanto ele. O comerciante lembra-se de algo que não pode ser esquecido: a história também precisa ter um futuro. Seria muito triste ver esses clubes perecerem por falta da paixão vinda de seu povo. Eles conseguem se manter vivos mes-

mo sem dinheiro, grandes elencos ou um valioso patrimônio físico, mas sem a torcida, seu maior patrimônio, seria impossível. Por isso, criar novos torcedores é pensar também no que está por vir para esses clubes. Se o que se deseja ardentemente é que o futuro seja melhor, a primeira coisa a se fazer é semear o amor pelo time nas novas gerações, porque elas serão as principais responsáveis por dar continuidade e mudar a história.

“Não só os meus filhos, mas a criança representa o nosso amanhã. Não apenas do XV, como do estado e do Brasil. Precisa de alguém para dar sequência a esse trabalho. Hoje nós temos aqui a nossa torcida, a Galunáticos. Tem dois ou três que batem surdo. E se amanhã não tiver mais ninguém? Vai acabando. Tem que ter alguém pra ir assumindo, dando sequência. Graças a Deus, meus filhos são assim. Minha menina é mais fanática que eu. Ela tem tatuagem do XV, inclusive. A criança é fundamental para que aumente nossa torcida, porque uma hora ou outra a gente não vai estar mais aqui. Temos que conservar as tradições, senão não vamos mais achar ninguém que toque o surdo”, declara Célio, orgulhoso por ter passado à frente seu amor pelo clube.

Henrique Perazzi também revela que, apesar de seu avô materno não ter o costume de ir ao estádio Alfredo de Castilho, foi dele que herdou a paixão pelo Noroeste: “Sou da Vila Falcão, um bairro muito próximo do campo, e meu avô, José Perazzi, era um ferroviário que gostava muito de futebol. Eu cresci nisso, sempre ouvindo-o falar de esporte, me indicando coisas para conhecer e eu comecei a ir muito cedo nos jogos do Noroeste. Eu nunca fui ao campo com ele, mas era ele quem sempre me dizia para ir. Nós conversávamos muito sobre futebol, foi com ele que começou esse amor”.



*Quem vai
tocar o surdo
e erguer as
bandeiras no
futuro?*

É claro que é possível começar a gostar de qualquer coisa sem a intervenção dos pais. Casos relatados aqui como o de Pavanello, Alessandro Bocchi e outros, que não foram incentivados por parentes a torcer, são bem possíveis. O próprio Célio não teve essa influência, já que nasceu em um lugar bem distante de Jaú. Contudo, é válido lembrar que, antigamente, quando a maioria deles começou a acompanhar de perto seus times, a exposição e a efervescência vivida nos municípios por causa dos mesmos era muito grande. Assim, era muito mais fácil se envolver com o futebol local naquele contexto.

Coração e pé na estrada

Muito foi falado sobre o ambiente do estádio e a importância de se frequentá-lo. Contudo, não se pode ignorar o esforço de algumas pessoas que, além de comparecerem a cada partida em casa, se dispõem a viajar para perto ou para longe, às vezes chegando a ter que atravessar o estado só para acompanhar e dar uma força aos jogadores.

É preciso muito amor para sacrificar aquele tempo precioso, que poderia estar sendo gasto na companhia de amigos e familiares, e cair na estrada com a finalidade de ir até onde o time for. Seja nos jogos de domingo, seja nos de quarta à noite, sempre tem gente fanática o suficiente para viajar na expectativa de voltar para casa com a vitória na bagagem.

As conhecidas e tradicionais caravanas já foram responsáveis por grandes “invasões” em territórios alheios. No ano de 1985, por exemplo, ocasião em que a Ferroviária disputou o jogo de volta da semifinal do Campeonato Paulista contra a Portuguesa, no Canindé, saíram de Araraquara quarenta e oito ônibus rumo a São Paulo, caracterizando a maior invasão já feita pelos araraquarenses. As viagens seguem firmes e fortes nos períodos mais recentes. “Na temporada de 2007, a torcida Coração Grená andou mais de 10 mil quilômetros atrás da AFE, indo inclusive para Caxias do Sul assistir ao jogo do time pela Copa do Brasil, contra o Juventude”, conta Alessandro Bocchi.

As caravanas são organizadas pelas torcidas uniformizadas, geralmente. São elas que reservam ônibus, divulgam a viagem, confirmam presenças e marcam o horário de saída. A tarefa de quem organiza esse tipo de coisa é mais árdua do

que parece. Pavanello revela que as uniformizadas do interior também sofrem preconceito e represálias das autoridades responsáveis - como a Federação Paulista de Futebol, Ministério Público e a Polícia Militar - mesmo sendo muito diferentes das da capital: “O Noroeste vai para São Paulo jogar contra



*Instrumentos e
bandeira: Equipa-
mentos essenciais
para as excursões
de torcida*

um grande e o tratamento não é diferenciado. Eles pensam que todo mundo é igual, e não é. Existe uma distância muito grande entre o torcedor organizado do interior e o da capital. A mentalidade é totalmente diferente”.

Para assistir a uma partida em estádio adversário, conta o diretor de patrimônio da Sangue Rubro, devem ser enviados ofícios para as autoridades, requisitando lugares e, se for o caso, até proteção da polícia. “Hoje, pra ir de carro com cin-

co pessoas, de van com quinze ou de ônibus com quarenta e poder entrar no jogo com faixas, camisas e instrumentos, tem que mandar um ofício solicitando reserva de espaço na arquibancada e avisando que você vai e que a torcida é cadastrada. E, dependendo do clima do jogo que a gente sentir, pedimos até escolta”, relata, dando a entender que o esforço deve ser dobrado quando a partida é fora de casa.

Apesar de passar a semana toda cuidando dos mínimos detalhes para que não haja surpresas na hora de entrar no estádio em outra cidade, e das dificuldades extras que são necessárias para acompanhar o clube em lugares distantes, Pavanello pensa além do futebol e não deixa de citar o que há de positivo nisso tudo: “Tem uma coisa que durante esses anos todos eu sempre comento com os caras. Apesar de todos os riscos, todos os domingos que deixei de passar com a minha família, de almoçar com eles; várias quartas-feiras à noite, chegando de madrugada e tendo que trabalhar no dia seguinte, é só analisar quantos mil quilômetros nós rodamos, quantos mil passageiros a gente levou por um preço apenas simbólico. Não tem lado bom nessa coisa aí, cara? Você via o rosto de felicidade daquele senhorzinho que nunca tinha saído de Bauru, conhecendo lugares que ele sempre quis conhecer. É o lado social da coisa”.

Por causa de seu bar, Célio não costuma ir junto com as caravanas da Galunáticos para os jogos fora de Jaú. Por outro lado, reforça sua dedicação ao clube ajudando a organizar as viagens e anotando o nome das pessoas que vão viajar. É sempre da frente de seu estabelecimento que saem os ônibus rumo aos mais diversos lugares. Ele considera essa atitude importantíssima, tanto para a torcida quanto para o clube, e explica o porquê: “Isso dá força para o atleta, que vê que tem alguém ali

apoando ele. O cara sente um ânimo a mais. Também ajuda o torcedor a se identificar, sabendo que tem gente que não mede esforços para ir lá acompanhar. E, mesmo na quarta divisão, o XV está levando gente ao estádio, mais até do que certos clubes de primeira divisão”.

Célio ainda tem vontade de cair na estrada com o pessoal e assistir a mais jogos em outros lugares, mas isso ainda é um plano para o futuro, quando ele se aposentar e tiver mais tempo livre. Enquanto não pode, faz o possível para que cada vez mais gente saia da cidade seguindo o XV por onde ele for.

Pavanello já tem uma vida baseada em viagens que renderam histórias das quais ele e seus companheiros se lembrarão para sempre. De uma coisa ele tem certeza: fez bem para o Norusca e seu povo, além de parceiros para a vida toda.

Dois times: ambiguidade possível?

Muito se fala no fato de as pessoas residentes em lugares que abrigam times tradicionais torcerem para equipes de outros lugares. Na maioria dos casos, isso é tratado como algo normal. Entretanto, alguns torcedores mais radicais não veem com bons olhos que pessoas da cidade coloquem o time local em segundo plano, na “segunda posição”.

Mas, isso sempre aconteceu. As pessoas sempre torceram para times considerados grandes e isso é absolutamente natural, já que são eles que têm maior exposição na mídia estadual e nacional, disputando e vencendo grande campeonatos nos níveis nacional e internacional.

Antigamente, quando times como nossos protagonis-

tas viviam seus tempos áureos, os confrontos entre eles e os grandes do futebol brasileiro eram bastante comuns. Mais que isso, os “pequenos” vislumbravam, principalmente quando jogavam em seus domínios, a possibilidade real de vencer essas partidas. E isso acontecia, tanto que o Juventus foi considerado o Moleque Travesso exatamente por isso, e XV, Ferroviária e Noroeste foram adversários duríssimos e muito respeitados pelos “grandões”. Naquela época, ainda assim, a maioria maciça das pessoas torcia ou simpatizava com os “grandes”.

A ideia de acompanhar dois clubes - o grande e o local - não pode ser considerada um empecilho para o crescimento ou a “qualidade” da torcida da cidade. É um exagero, de certa forma, pensar que alguém deixaria de guardar sentimentos pelo clube da cidade pelo fato de gostar de um outro time, cujas pretensões são inegavelmente diferentes.

Exemplo claro de situação desse tipo é Fernando Galuppo. Palmeirense fanático, o escritor é daqueles que têm duas paixões no futebol e não faz questão de esconder isso de ninguém. Pelo contrário, ele enaltece a possibilidade de ter espaço suficiente para dois clubes em seu peito: “A minha vida, particularmente, é balizada apenas no meu coração. Eu ajo de acordo com o que ele me determina, e o Juventus traz recortes belíssimos da minha vida, de laços familiares, memórias juvenis e infantis. Eu não seria um idiota de criar uma ruptura no meu íntimo por conta de acharem A, B ou C a respeito daquilo que eu sou. Não posso negar meus sentimentos para agradar pessoas. Respeito quem pensa de maneira contrária, as pessoas são livres para agir como acharem melhor. Tenho uma paixão doentia pelo Palmeiras e quando entro na Rua Javari defendo o Juventus como um juventino.

Entendo que meu coração é generoso o bastante para abrigar essas e outras tantas paixões”.

No final das contas, trata-se de uma questão extremamente pessoal. Cada um sabe de que maneira e por qual clube seu coração bate mais forte. Se gostar de um time de futebol já é tão prazeroso, feliz daquele que consegue manter dois amores tão sinceros em sua vida.

A photograph showing the back of a person wearing a black hooded garment, looking out over a green soccer field. In the distance, a soccer player in a white jersey and dark shorts is visible. The scene is captured from a low angle, emphasizing the silhouette of the person in the foreground.

SEGUNDO TEMPO

Clube e cidade: relações intensas

O que representa um time de futebol para sua cidade, ou seu bairro, no caso do Juventus em São Paulo? Pelo que provocam os clubes abordados neste livro, significam muito. Uma comunidade que mantém um clube é mais que uma simples sede. Há uma forte relação de troca entre o clube e sua cidade. O clube tem muito de sua cidade, e vice-versa. Afinal, foi criado por pessoas daquela terra e cresceu com o apoio delas.

Se, por um lado, foi a cidade que abriu espaço para a criação do clube, para a formação do time que a representa nos gramados, e fez tudo para o seu sucesso, foi ao clube que coube representá-la em inúmeras oportunidades. Foi a instituição esportiva que divulgou o nome do município para o estado e o país inteiro. Os quatro times reportados neste livro têm algo em comum: são representativos ao ponto de as pessoas de fora os associarem imediatamente a suas localidades. Transformaram seus escudos em uma espécie de “segunda bandeira” de suas cidades. Ainda hoje, continuam sendo grandes, senão os maiores, expoentes de suas terras.

“O maior divulgador e embaixador de Jaú é o XV”, diz Zé Maria, reconhecendo que dificilmente outra instituição simbolizará tanto o município quanto o Galo o faz.

“Quando vou pra outro lugar com a camisa da Ferroviária – e por onde eu viajo, a levo comigo – me perguntam sobre Araraquara, sobre o Bazani. É de praxe”, comenta Alessandro Bocchi sobre o poder que a marca AFE tem fora de Araraquara.

Historicamente, foram vistos muitos momentos de plena intimidade, nos quais as pessoas abraçaram o time local,

fizeram grandes festas e mobilizaram a cidade por dias e meses durante competições importantes. Sempre foi perceptível: respirava-se o time e suas cores estavam por todas as partes.

Nos dias de hoje, em que XV, Juventus, Ferroviária e Noroeste não passam por suas melhores fases, a impressão que dá é que muitas pessoas desanimaram. Não do time, mas de acompanhar diariamente e se envolver com mais afinco. Contudo, basta um bom momento da equipe dentro de campo para que o velho clima de empolgação volte a tomar conta, causando até uma sensação boa de nostalgia nos que viveram outras épocas.

É claro, cada lugar tem particularidades importantes e isso será tratado nos próximos parágrafos. O que não se pode negar, de forma alguma, é a importância que cada uma dessas agremiações tem para seu povo. Ainda hoje, e provavelmente para sempre, são símbolos maiores não apenas do esporte de suas cidades, mas do orgulho de cada uma delas.

A construção das relações

Cada lugar é um lugar. Araraquara, Bauru, Jaú e o bairro da Mooca têm suas muitas semelhanças e diferenças que não podem ser ignoradas. O que têm em comum? Viram nascer seus clubes e, em determinado momento, os abraçaram de maneiras distintas. De qualquer forma, nos quatro casos aconteceram momentos de troca intensa e bonita entre cidade e time de futebol.

XV de Jaú e Juventus: queridos desde sempre

Jaú sempre teve íntima ligação com o XV, muito pelo fato do clube ter sido o primeiro time do interior a conseguir sucesso e espaço em sua região. Desde sempre, a relação foi de bastante apoio, aumentando ainda mais em períodos como os anos 70, quando a equipe voltou a disputar campeonatos profissionalmente e montou times que encantaram e encheram de brio as pessoas da cidade. O que sempre se viu entre os moradores é um carinho muito grande com o Galo da Comarca. “O povo de Jaú sempre se identificou muito bem com o XV, desde os tempos do Estádio Arthur Simões”, afirma o locutor Zé Maria, lembrando do famoso e apertado campo em que o time atuava na década de 50.

Sérgio de Souza Gomes reafirma o interesse imediato que os jauenses demonstraram pelo time, adicionando, inclusive, que pessoas de toda a região se deslocavam para a cidade a fim de acompanharem os jogos, logo na década de 50: “O estádio enchia. Vinha gente de todo lugar: Barra

Bonita, Dois Córregos, Igarapu e Bariri”.

Com o Galo sem disputar torneios profissionalmente de 1958 a 1975, muitos dos nascidos nas décadas de 50 e 60 cresceram sem ver a equipe de sua cidade jogar. Engana-se, porém, quem pensa que isso fez com que o time saísse da cabeça e da memória dos moradores, que aguardaram a retomada das atividades com ansiedade. Quando aconteceu, a volta aos gramados fez com que, imediatamente, a relação ganhasse ainda mais força, a ponto de a torcida jauense ser considerada uma das mais fanáticas do interior paulista.

Já na década de 70, foi estabelecido o recorde de público em Jaú: cerca de 24.500 pagantes tomaram o Estádio Zezinho Magalhães e vibraram com a vitória por três a zero contra o Corinthians, em 1977. Serginho assegura que, contando os não-pagantes, o número chegou a quase 28.000 pessoas. “Tinha gente saindo pelo ladrão”, brinca e ri, lembrando-se de uma das grandes festas propiciadas pelo XV de Jaú à cidade.

Quanto à torcida quinzeana, sempre foi “briguenta e apaixonada”, segundo ele. Formada por torcedores que aliaram o amor pelo clube ao orgulho de um povo tradicionalmente bairrista. “Se falar mal do XV para um quinzeano...”, diz, antes de sorrir e franzir a testa, indicando que talvez não seja um bom negócio.

Zé Maria recorda-se que o Galo teve grandes times no passado e isso influenciou a população admirar e seguir ainda mais o clube. “O torcedor aqui sempre foi apaixonado pelo futebol e pelo time. O XV é uma marca muito forte desde os tempos do presidente Zezinho Magalhães e de outros diretores que formaram grandes times no passado, ajudando a criar uma identidade muito forte com a cidade”, observa.

Outro caso de ligação intensa desde o início da agremiação é o da Mooca com o Juventus. Formado fundamentalmente por imigrantes, o distrito não teve problemas para agregar a seus costumes o maior símbolo da imigração italiana por lá. Símbolo máximo de quase tudo aquilo que sintetiza a história do bairro, o Moleque Travesso é querido até por aqueles que não são tão ligados ao esporte. Nascido em um momento de crescimento e valorização da classe operária mooquense, é um clube que, com o passar dos tempos, foi se tornando mais e mais do bairro e menos da cidade de São Paulo. É impossível dimensionar o que o Juventus significa para aquele lugar.

Na década de 60, quando o time já era conhecido por suas façanhas dentro de campo e a Mooca, há tempos, já o havia apadrinhado como time representante de todo o bairro, a construção da sede social do Clube Atlético Juventus foi um marco para a cidade de São Paulo e fortaleceu ainda mais a relação entre a população e o clube. Sempre muito bem frequentada, a sede se transformou, assim como o estádio da Rua Javari, em um típico ponto de encontro do bairro.

“O Juventus, diferentemente de qualquer outro time da capital paulista, representa a ‘República Federativa da Mooca’. É o primeiro bairro autônomo dentro dessa metrópole, um lugar extremamente particular. Parece justamente um bairro de uma cidade do interior paulista, por sua forma e características, com vilas de difícil acesso a quem não é morador e sem um metrô que o corte de uma maneira geral, apenas perimetral”, explica Fernando Galuppo, ressaltando algumas características que contribuíram para que a Mooca não fosse “engolida” pelo gigantismo paulistano e mantivesse suas características marcantes.

O escritor mooquense aponta, entre as particularidades do

bairro, a forte integração que seus moradores sempre tiveram entre si, muito graças ao próprio Juventus. “A Mooca guarda uma característica provinciana. O próprio clube sempre foi um ponto de encontro, como uma pracinha do interior”.

O bairrismo das pessoas que lá vivem está presente, também, no clube que lá habita. A relação é tão forte que fica quase impossível falar de um sem que o outro venha à cabeça. O Juventus é o expoente máximo do povo de seu bairro, e a Mooca é a casa daquele que se tornou um dos mais queridos e simbólicos times de futebol do país. É como se diz: na Mooca, o Juventus é o primeiro de muitos e o segundo de todos.

Nas palavras de Galuppo, “o Juventus é para a Mooca a página mais bonita escrita pelos operários e imigrantes que forjaram aquele pedaço de terra em São Paulo”.

Ferrovária e Noroeste: estradas paralelas

Em Araraquara, o panorama já é diferente. A Ferrovária (AFE) demorou a consolidar-se como único time da cidade, até por conta de sua fundação tardia. A existência de outros clubes que já disputavam profissionalmente com relativo sucesso fez com que o time da estrada de ferro fosse muitas vezes mal visto na cidade, como se não a pertencesse. “Existe um problema histórico na relação entre a cidade de Araraquara e o clube. Se eu tivesse que fazer um trabalho, um dia, esse seria o tema que eu abordaria. A AFE nasceu em berço esplêndido, já que a estrada de ferro bancava todos os custos. O próprio governo do estado foi quem construiu o estádio. O clube não necessitava do apoio financeiro dos moradores

da cidade. Quando se precisava montar um time, a estrada de ferro encontrava, de um jeito ou de outro, os recursos para que o time fosse montado. E isso seguiu até que a estrada de ferro fosse abraçada pela FEPASA (Ferrovia Paulista S.A.) e deixasse de existir. Aí, então, a Ferroviária passou a viver uma nova realidade. Sem os recursos de antes, ela se viu desamparada e precisando de Araraquara. Naquele momento, boa parte da cidade falou: ‘mas vocês nunca precisaram de nós, por que vão precisar agora?’. Foi uma luta danada”, resume o radialista José Roberto Fernandes.

Apesar dessas dificuldades que contribuíram para que fosse complicada a relação entre Araraquara e a Ferroviária, o tempo e algumas situações se encarregaram de aproximá-las. A estrada de ferro foi perdendo sua ligação com o clube, que chegou a enfrentar problemas para voltar a montar bons elencos, mas continuou sendo o único time profissional vivo da cidade. As décadas de 70 e 80 foram períodos cruciais para que a aproximação ocorresse. Com o time voltando a participar com destaque em campeonatos importantes, a população passou a dar contribuições diretas para que sua evolução acontecesse. Houve até uma campanha para a arrecadação de cimento para a reforma do estádio da Fonte Luminosa.

“Araraquara aprendeu a gostar da Ferroviária com o tempo. É que hoje nós não temos mais o estádio como era antes. Mas, se você olhar as fotos antigas, verá que as arquibancadas eram de madeira, sem uma série de melhorias e ações que foram feitas pela própria cidade, principalmente na década de 80. O ferrão do fundo, como a gente chamava, foi construído com o apoio da população. Teve também uma reforma no ferrão de trás. Da década de 70 pra frente, o próprio esporte ganhou

mais visibilidade com as mídias. Começaram as coberturas dos canais de televisão e a cobertura das rádios tornou-se muito mais intensa porque a Ferroviária estava em destaque naquela época. A AFE disputava um Campeonato Paulista que, naquele tempo, tinha muito mais importância. Era uma época em que tinha muita gente no estádio”, conta Ricardo Gomes.

Nos anos 80, a Fonte Luminosa lotada representa a paixão do povo araraquarense pela AFE



Influenciados por um time que alcançou outro patamar ao disputar torneios nacionais com êxito nos anos 80, os moradores de Araraquara viveram um caso de amor com o time. Nos início dos anos 90, por exemplo, o clube chegou a contar com cerca de 10 mil associados, o que não deixa dúvidas: a Ferroviária foi, se não totalmente, muito bem abraçada pelos araraquarenses.

A 132 quilômetros de Araraquara, o Noroeste vive uma situação semelhante à de sua rival grená. Apesar de ser um clube centenário, nascido em 1910 – época em que Bauru era

uma pequena cidade de catorze anos começando a se desenvolver – o Noroeste nunca chegou a ser uma unanimidade. Por ter sido fundado pelos funcionários da estrada de ferro Noroeste do Brasil, o clube manteve, inicialmente, uma relação muito forte com os trabalhadores da estrada, que representavam grande parte da população de Bauru, centro urbano que crescia rapidamente e atraía muitas pessoas de outras regiões do Brasil, interessadas em uma nova vida.

O Noroeste é mais antigo que quase tudo que ganhou destaque na cidade. Muito provavelmente tenha sido, depois da própria ferrovia, o primeiro grande expoente de Bauru a divulgar a imagem da cidade para as outras localidades. Sendo quase tão antigo quanto o próprio município, o Alvirrubro, diferentemente da Ferrinha, nunca foi considerado um “intruso”. Pelo contrário, foi fundado, praticamente, antes de todas as outras agremiações esportivas bauruenses. Era, inicialmente, um clube da ferrovia, mas jamais foi visto como um novo clube a concorrer com os demais.

Há de se ressaltar, é claro, a existência do Bauru Atlético Clube, o BAC, fundado nove anos depois e protagonista de uma rivalidade ferrenha com o Norusca. Assim como o clássico “Ferroada”, em Araraquara, o clássico entre Noroeste e BAC dividiu a cidade por muito tempo. A população não envolvida com as atividades da estrada de ferro assumia, em sua maioria, uma clara preferência pelo clube que levava o nome da cidade em seu nome.

No início da década de 50, o Noroeste conquistou uma clara vantagem nessa disputa, chegando a subir para a primeira divisão. O BAC, por sua vez, não resistiu a alguns fracassos e acabou por abandonar o futebol profissional em 1952. As ten-

tativas posteriores de volta ao cenário oficial foram fracassadas.

Assumindo de vez a posição de único clube profissional da cidade, o Noroeste passou a conquistar, aos poucos, mais adeptos e apoio da cidade como um todo. Apesar disso, a exemplo do ocorrido em Araraquara, Bauru nunca chegou a ser totalmente favorável ao clube. Parte dos moradores não aceitava o Norusca na época e muitos tiveram a preocupação de passar a seus filhos e netos a aversão que tinham pelo time da ferrovia. E alguns conseguiram.

Entretanto, apesar da resistência, Bauru não fugiu à regra. A maioria das pessoas se encantou com os esquadrões formados pela Maquininha Vermelha, que é o apelido carinho do Noroeste. “Eu era torcedor do BAC, rapaz! Agora, depois que ele acabou, virei noroestino. Não só eu, como muita gente em Bauru. Nós passamos a identificar o Noroeste como o representante da cidade”, assegura o historiador João Francisco Tidei de Lima, com naturalidade após revelar o surpreendente fato de que gostava do antigo rival no passado.

Prova de que o clube caiu nas graças do povo era o público, que passou a pintar de vermelho a cidade no dia dos confrontos no Alfredão. “Nos anos 70 e 80 era uma loucura o campo, cara. Não tinha um jogo que não lotava”, diz o também historiador Henrique Perazzi de Aquino, que recorda também a extensa cobertura que a mídia local fazia do time: “Eu chegava uma hora e meia antes de começar o jogo, ficava ali no lado dos eucaliptos e as rádios já estavam lá, falando do jogo. Eles já iam preparando o ouvinte para a partida”.

Aquele clima animado que a cidade vivia na época em função do Noroeste, gera saudade no historiador. “Tenho várias recordações dos jogos. Eu me lembro de um dia em que o

campo estava muito cheio e, de repente, começaram a desfilar umas meninas de shorts. Eram as meninas da Eny (famosa casa noturna da cidade, frequentada por empresários e políticos). Até as meninas da Eny iam ao estádio! Todo mundo estava lá. Você ia e encontrava a cidade inteira. Era uma época em que o domingo e a quarta-feira eram específicos para o futebol. Você separava aquele momento para ir ao jogo e reencontrar pessoas”, recorda-se.

Pavanello lembra-se do grande interesse da torcida pelas viagens. Muita gente queria viajar com a Sangue Rubro para ver o Noroeste, nos anos 80: “Valia a pena. Naquela época a cidade abraçava muito a causa. Era uma festa, cara. Gente pra caramba queria viajar. Também foram tempos de altos e baixos, mas foi quando a torcida mais se envolveu com o time”, conta o eterno torcedor.

A questão do nome do clube é interessante. Historicamente se criticava o Noroeste por não representar Bauru em sua própria nomenclatura, por isso os comandantes do Alvirrubro decidiram, nos anos 90, colocar o nome da cidade no escudo do time. Era uma forma de reafirmar a ligação entre ambos. Se ajudou, ou não, é difícil dizer. Não deveria ser necessário, já que o escudo e as cores do Norusca representam, por si só, um extenso capítulo da história bauruense.

Paixões acesas e adormecidas

E como andam essas relações entre pessoas e times? Será verdade que as pessoas se distanciaram dos expoentes esportivos de suas cidades?

Seria irresponsabilidade dizer que não existe uma crise de identidade entre ambos. A má fase financeira enfrentada pelos times resultou em muitos fiascos dentro de campo, desde a década de 90 até hoje. Os maus desempenhos nos gramados provocaram um forte impacto nas arquibancadas e acabaram afastando muitos daqueles que compareciam semanalmente e viviam o ambiente do clube. Uma boa parte dos pais que costumavam levar seus filhos ao estádio desanimou. A empolgação das décadas anteriores foi se desgastando à medida que maus resultados e rebaixamentos aconteciam. Só para exemplificar, os quatro clubes em questão foram rebaixados nos campeonatos estaduais durante a última década do século vinte.

Apesar de tudo o que cerca o futebol fora das quatro linhas e da paixão enraizada na vida de alguns torcedores, que muitas vezes não depende de vitórias e títulos para sobreviver, não há como ignorar os reflexos desanimadores causados por administrações despreparadas, incessantes derrotas, quedas e falta de bons momentos dentro de campo. É impossível que a cidade, em sua quase totalidade, se mantenha empolgada com o time em todos os momentos sem que haja alguma motivação. Como dizem os mais pragmáticos: futebol é resultado. Sem que haja o mínimo de perspectiva de melhora dentro de campo, é muito mais difícil fazer com que a paixão se reacenda e a importante reaproximação aconteça.

A Ferroviária, por exemplo, passou por tantos problemas entre os anos 90 e início dos anos 2000 que quase foi extinta. O fim apenas não foi decretado porque, no final do ano de 2003, período em que o clube passava por seríssimos problemas financeiros, um grupo de empresários, contando com apoio da prefeitura da cidade, resolveu assumi-lo e fazer dele

uma empresa, denominada Ferroviária S/A.

Para piorar a situação, conforme explica Ricardo Gomes, “a cidade perdeu bastante a identidade porque o momento do grande pulo em número de habitantes da cidade coincidiu com um período decadente do clube”. Com isso, as pessoas que chegaram de fora não se apropriaram de uma comoção pelo time, como teria acontecido caso a cidade estivesse vivendo um daqueles momentos de êxtase desencadeados por um grande momento da equipe nos campeonatos.

Homem da mídia e especialista em Araraquara e na Locomotiva, José Roberto Fernandes admite: muita coisa mudou de 1975, quando desembarcou na cidade, para os dias de hoje. A equipe estava na A1, grandes clubes jogavam semana após semana na Fonte Luminosa e a cidade pulsava AFE. Ele culpa os péssimos resultados que o time teve e o longo período longe da primeira divisão pelo distanciamento dos dias de hoje. “O que agravou foi que o time caiu em 1996 e nunca mais voltou. A AFE está chegando a 18 anos como um time rebaixado. Chegou a disputar, vergonhosamente, dois anos da quarta divisão do estadual e até hoje a gente não subiu de novo. Temos um estádio magnífico, mas é de um time rebaixado. Isso estabeleceu uma distância entre a cidade e o clube que ainda não foi devidamente bem trabalhada. Quando se fala da Associação Ferroviária de Esportes, se fala daquele grande esquadrão do passado. Se fala do Bazani, do Rosan e do Beni; da tricampeã do interior. Era um time maravilhoso, só que não existe mais. O passado é importante, você tem que preservar a tradição, mas não há como viver dela. Nós temos que viver do nosso presente. A realidade é que temos um presente complicado e um futuro incerto”, desabafa o radialista.

Realmente, o momento não é dos melhores. Nem por isso os entrevistados hesitam em apontar o quanto a Ferrinha continua sendo querida por muitos na “morada do sol”. O próprio Ricardo confirma a tese de que os resultados são fundamentais e mexem muito com a cidade, reanimando os torcedores. “Potencial a Ferroviária tem. Quando ela chega a fases melhores de classificação nas competições, o público chega a 6 mil, 8 mil pessoas. Isso em uma Série A2. O problema é que ela sempre quase chega e nunca alcança o acesso”, lamenta.

Jornalista que vive a AFE de perto trabalhando no museu da Arena da Fonte, Gustavo Luiz também acredita no potencial do clube dentro da cidade. “A maior prova de que a torcida ainda compra a ideia é que nós temos duas horas diárias na rádio só falando de Ferroviária. Até o ano passado tinha só uma hora. Se não houvesse audiência, eles não teriam mudado e aumentado a programação. Eu acho que tem muita gente que ouve Zé Roberto Fernandes, por exemplo. Se a cidade tem uns 200 mil habitantes, eu acho que tem uns 50 mil que escutam”, avalia.

Alessandro Bocchi garante, em poucas e diretas palavras, que a capacidade que a Ferrinha tem de fazer a cidade voltar a se envolver é grande. Segundo ele, faltam melhores desempenhos para que ela ressurgir com mais força: “A torcida tá aí. Ela tá louca pra voltar. Ela só espera alguém jogar o isqueiro pra acender essa paixão e ela reaparecer”.

Seria mentira dizer que a cidade de Jaú e o XV vivem uma relação perfeita hoje em dia. Para uma cidade que chegou a ser exemplo no quesito fanatismo, o cenário atual é diferente e preocupante. Por outro lado, para um time que há quase duas décadas não sabe o que é disputar um campeonato de primeira divisão, a torcida dá mostras de carinho e paciência.

Em muitos lugares, uma situação como essa resultaria em moradores completamente desinteressados pelo time local. Não é o que acontece em Jaú, onde ainda se vê muita gente resistindo, vestindo a camisa e indo ao estádio. São mostras nítidas de que um retorno do Galo forte dentro de campo voltaria a inflamar a cidade de maneira impactante.

Zé Maria usa sua experiência como jornalista e profundo conhecedor do XV para analisar a atual relação entre o Galo e os jauenses. Ele é mais um a afirmar que a paixão não está, nem de longe, perdida. Falta, sim, o estímulo para que o time volte a levar multidões ao estádio.

Para ele, nem mesmo as nuvens escuras que pairam sobre o Zezinho Magalhães conseguem afastar o sentimento do povo quinzeano. “A torcida do XV ainda é uma das mais fanáticas do interior. Com o time na quarta divisão, dá mais gente no estádio do que a Portuguesa na Série A do Brasileiro. Quando o clube saldar as dívidas e começar a subir, não tenha dúvidas de que a cidade vem junto, e vem mesmo! Isso vai acontecer a partir do momento em que o XV voltar, com seriedade e bons times”, opina. Apesar disso, ele ressalta que “difícilmente o município vai voltar a ter o mesmo fanatismo de antes”.

Mesmo concordando com a importância de o time estar bem para que as pessoas da cidade “acordem” para ele, Célio do bar procura pensar a partir de outro ponto de vista. Ele lembra que o longo período longe da primeira divisão deixou os torcedores ainda mais sedentos por bons momentos. Consequentemente, o fanatismo e a vontade de vencer aumentaram ainda mais. “A diferença é que, quando eu vim pra cá, o XV estava no auge. Se tocava o futebol de outra maneira, não tinha a Lei Pelé, o jogador era do próprio clube, a situação

financeira era bem melhor. Mas em relação à cidade e o time, eu acho que a cidade se tornou ainda mais apaixonada. Hoje nós estamos em uma quarta divisão e o torcedor do XV está muito carente. A última vez que o time esteve na primeira divisão foi em 95. Estamos com jovens de dezessete, dezoito anos que não viram o time na Série A1. Por isso mesmo, eu acho que o fanatismo é maior ainda”, expõe, valorizando o sentimento dos jovens que não abdicam do amor pelo XV. De fato, o público no Zezinho Magalhães apresenta um bom contingente jovem. Crianças e adolescentes se fazem presentes e isso alimenta a esperança de que o futuro da torcida quinze-ana esteja garantido.

Vale ressaltar que Jaú, apesar de ter crescido em contingente habitacional, não teve os mesmos índices de Araraquara e Bauru, por exemplo. Com isso, é bem possível que a identidade tenha se mantido mais firme em razão de a maioria das pessoas da cidade conhecer melhor o XV e sua importância, ainda que boa parte não o tenha visto brilhar. Além do mais, durante todo o período em que o XV vem atravessando essa má fase, a cidade viu surgir poucos atrativos esportivos capazes de chamar sua atenção.

Bauru, por sua vez, vive uma situação muito diferente da de sua vizinha. Cresceu demais nas últimas duas décadas e viu expandir tanto sua periferia de classe baixa quanto os caríssimos condomínios da classe média alta. A cidade aumenta cada vez mais em perímetro urbano e a distância em relação ao centro antigo fica, conseqüentemente, cada vez maior. Aos poucos, as raízes da Bauru do século vinte vão se enfraquecendo e o Noroeste está envolvido nesse contexto. “O Noroeste vive uma crise de identidade e representatividade

de. Pouca gente está indo aos jogos”, observa Fernando BH.

A nova elite bauruense já não tem tanto contato com o clube. Isso fica explícito quando Henrique Perazzi descreve a situação que presenciou após a conquista do título da Copa Paulista de 2012. Como o segundo jogo da final contra o Audax foi disputado fora de casa, em São Paulo, os ônibus com os jogadores e torcedores que viajaram voltaram a Bauru algumas horas depois da vitória. Na chegada à cidade, todos entraram pela região da avenida Getúlio Vargas, onde estão consolidados bairros nobres. “Nós íamos desfilarmos pela cidade com os ônibus e paramos ali naquele lugar. Algumas pessoas passavam por ali sem compreender o que acontecia e, quando ficavam sabendo, respondiam: ‘mas o Noroeste jogou hoje?’. Nós começamos a soltar rojões e o pessoal que mora nos condomínios da área chamou até a polícia” conta o historiador, que ficou espantado com o acontecimento e com o choque de realidades.

É importante citar também a ascensão da Associação Bauru Basketball Team, o Bauru Basket, time fundado em 1996 e que divide as principais atenções do bauruense com o Norusca desde então. É curioso que, desde o início de sua história, a equipe de basquete alterna bons e maus momentos com o Alvirrubro. Quando um está por baixo, o outro costuma estar alcançando bons resultados.

E é o basquete que está por cima, atualmente. O time conta com jogadores renomados como o americano Larry Taylor, ídolo reconhecido em toda a cidade e que, inclusive, se naturalizou brasileiro para poder defender a equipe verde e amarela nas olimpíadas de Londres, em 2012.

Há quem torça o nariz para essa outra grande atração esportiva na cidade. Alguns noroestinos mais conservadores pa-

recem pensar que o Bauru Basket tirou uma parcela do público do Alvirrubro. Acostumado a cobrir as duas equipes – tanto que seu livro, “Paixões de Bauru”, trata exatamente de ambos – Fernando BH não vê o basquete como pivô dos problemas de afinidade entre o município e o Noroeste. “A comparação é inevitável, mas eu acho que são assuntos distintos. É claro que há uma escolha do empresariado entre um e outro, mas a questão é que são produtos diferentes. O basquete alcança um público mais elitizado”, justifica, e ainda ressalta que “são duas paixões da cidade e o ideal é que caminhem juntas, porque Bauru precisa dos dois”.

Thiago Navarro também acompanha ambos de perto, como jornalista, e, assim como seu colega de imprensa, não gosta da comparação. Contudo, ele admite que o basquete ocupou, de certa forma, uma lacuna deixada no esporte bauruense: “O Bauru Basket teve a sorte de ser campeão em um momento que o Noroeste estava em baixa. Em 1999, o basquete foi campeão paulista e em junho de 2002 foi campeão brasileiro. Naquele ano, três meses depois, o Noroeste quase fechou as portas”. Apesar disso, ele endossa que há espaço para as duas agremiações no cenário esportivo da cidade, bem como para as outras modalidades esportivas que vêm crescendo: “Muita gente que torce para o basquete gosta do Noroeste e vice-versa. Assim como muitos gostam dos dois e torcem também para o futsal e o vôlei”.

O repórter do Jornal da Cidade contextualiza a situação atual da torcida da Maquininha Vermelha: “A nova geração de bauruenses, formada pelos filhos daqueles que torciam nos anos 80, pegou uma fase complicada. A década de 90 foi uma geração perdida, praticamente não criou torcida pela situação

que predominava dentro de campo. Acho que agora até melhorou, se comparado ao começo da década passada. A era Damião Garcia (de 2003 a 2012) ajudou porque foi um período de fôlego, em que o Noroeste se manteve estável, ficou quatro anos na elite e ganhou títulos. Isso ajudou a formar uma nova leva de noroestinos que não existia na década passada”.

Para Henrique Perazzi, apesar da má fase, o Norusca segue sendo o principal símbolo de Bauru. “O Noroeste tem uma importância que a cidade talvez nem conheça. Ela vai crescendo e vão surgindo novos ícones. Nós já tivemos a ferrovia, a casa da Eny e o Noroeste, que continua. Muitos viveram seu apogeu e sumiram, já o Noroeste segue vivo. Ele já viveu momentos em que era o único. Hoje, tem que dividir, mas continua sendo o mais importante”, opina.

Globalização: um problema?

Nesse quatro casos, não se pode esquecer que a queda de popularidade do futebol foi influenciada pelo desenvolvimento econômico e pelo aumento no número de opções de entretenimento nas cidades, acentuado dos anos 90 para cá. Isso é praticamente consenso entre as pessoas que acompanham de perto a situação.

“Hoje tem internet, TV a cabo, clubes de lazer. O mundo mudou. Naquele tempo você jogava futebol, estudava e no máximo ia a um restaurante com a sua família. Hoje o cara vai pro rancho, pra praia, pro exterior. Por causa da menor quantidade de opções de entretenimento, a proximidade das famílias com o XV de Jaú era maior”, endossa Zé Maria.

“Se analisarmos o que existia de oportunidades para se fazer na década de 70 e 80 em Araraquara, tinha um cinema e um clube para ir aos sábados à noite. Hoje tem shoppings, lanchonetes e TV a cabo com jogos do mundo inteiro. O time começa a competir com muito mais coisas, e para competir com essas coisas você precisa de um benefício, tem que dar um retorno para o torcedor. E é isso que a Ferroviária precisa aprender a enxergar: que hoje ela não compete com São Carlos (cidade vizinha), ela compete com SporTV, com McDonalds. O dinheiro que o cara usa para ir ao estádio é o mesmo dinheiro que ele gasta para ir ao cinema. O benefício e o retorno que se espera do clube tem que ser trabalhado também na forma de marketing, de como isso pode agregar para a cidade e para as pessoas”, expõe Ricardo Gomes.

Fernando BH acredita que a mudança do estilo de vida da sociedade aliada à má fase do clube enfraquece muito a relação dos times com suas cidades. “Os hábitos mudaram muito. É uma coisa da qual todo clube do interior sofre. Eu não sei até que ponto esse prazer de ir ao estádio está deixando de fazer parte da vida das pessoas. Aí é que entra a importância de o time estar bem, estar nos holofotes”, afirma.

O mundo está cada vez mais globalizado. Hoje, o sentimento que a maioria das pessoas tem é de que não estão próximas apenas ao vizinho e da comunidade, mas do planeta todo. O contato com outras formas de vida e cultura – e o futebol internacional também está inserido nesse contexto – é cada vez mais comum. Com isso, o conhecido bairrismo, tão comum antigamente em cidades interioranas e em algumas regiões das grandes metrópoles, vem diminuindo. Aquele sentimento que pode ser definido como um orgulho exacerbado do indivíduo,

pelo lugar em que vive, vem perdendo um pouco a força. E isso tem seu reflexo na relação entre as populações e os times locais, que sempre foram importantes símbolos do orgulho que as pessoas tinham de suas cidades.

Todavia, é oportuno ressaltar que o fato dos estádios receberem públicos pequenos pode não significar abandono. Muita gente segue o cotidiano de seus times mesmo sem ir aos jogos, apenas acompanhando as coberturas jornalísticas da mídia. Muitos eternos fanáticos também já não vivem mais em suas cidades natais, por força de quaisquer circunstâncias, restando-lhes acompanhar os resultados e novidades à distância. Mais do que o futebol em si, enxergam nisso a oportunidade de manter os laços com os locais onde nasceram e passaram bons momentos na infância e juventude.

Mas, ainda existem aqueles que resistem e continuam acompanhando os times de perto. As torcidas organizadas, por exemplo, costumam estar presentes em todos os jogos em casa e viajar para a maioria das partidas fora da cidade sede. O mais interessante é que uma grande parte delas é formada por adolescentes e adultos de idade não muito avançada, ou seja, pessoas que não presenciaram os grandes momentos da equipe. É claro que também estão lá os resistentes, os “velhos de guerra”, que continuam fazendo do estádio a sua segunda casa e dificilmente vão abandonar a causa. Fernando BH dá o exemplo dos que costuma chamar de “vigilantes” de Bauru: “Eu respeito e admiro muito aquela que eu chamo de comunidade noroestina. São aqueles que não arredam o pé, que falam do Noroeste e usam vermelho diariamente, que ficam discutindo sobre o time nas redes sociais e se indignam com a situação”.

O dono do blog Canhota 10 nutre esse respeito por reco-

nhecer que é preciso muito amor no peito para se dispor, em meio a uma vida tão dura e cheia de afazeres, a respirar o clube vinte e quatro horas por dia e não poupar esforços para vê-lo melhor, mais inteiro e mais vivo. “Tem muita gente que gosta muito do Noroeste, gente apaixonada. Com essa crise recente, ficaram com medo do clube falir. Acho que se existisse uma ameaça de dissolução do Noroeste, eles iriam pra porta do clube e falariam: ‘dá aqui pra gente que nós tocamos’. Deixar morrer, eles não deixam”, aposta.

Imprensa: cumprindo seu papel

As mídias locais também recebem elogios pela cobertura que dão aos times do coração. Se a cobertura não é lá tão reflexiva, no que tange as questões administrativas e políticas dos clubes, ao menos os jornais de maior alcance nos municípios não são omissos e nem expressam desinteresse pelas atividades.

Em Jaú, principalmente quando o XV está na ativa, o espaço dado pelo Comércio do Jahu, tradicional diário de alcance regional, é bastante grande. Matérias sobre o Galo costumam ocupar espaços iguais e às vezes até maiores dos que os dados aos eventos esportivos nacionais, como o Brasileirão.

Ricardo Gomes também não deixa de citar o espaço que a Locomotiva ainda recebe na mídia araraquarense. “Muitas vezes a capa ou a contra-capas do jornal A Tribuna, que é um dos mais fortes da cidade, é da Ferroviária. Ela ainda tem bastante espaço local”, afirma.

As rádios merecem destaque ainda maior. As equipes esportivas ainda discutem diariamente o que se passa com os times,

além viajarem e encararem qualquer tipo de estrutura só para cumprir a missão de transmitir os jogos para toda a cidade e para aqueles que se interessem por ouvir as partidas via internet.

Apesar de achar que a imprensa bauruense poderia ir além, fazendo uma cobertura mais rica em detalhes, Fernando BH faz questão de exaltar a boa intenção e o trabalho desempenhado por seus colegas na cobertura e no espaço dado ao Norusca: “Os jornais e as rádios fazem um papel brilhante, são guerreiros porque seguem o time aonde ele for. Não dá para botar na conta da imprensa essa perda de identidade, de jeito nenhum. Pelo contrário, acho que se existe um público sobrevivente até hoje, isso se deve muito ao trabalho da imprensa”.

Momentos de aproximação

Nada melhor e mais eficiente que jogos decisivos e classificações para fases finais para atrair o torcedor de volta ao estádio. A fase nos últimos anos pode estar ruim, o time pode estar perdendo força na cidade, o campeonato pode ser da segunda, terceira ou até a quarta divisão, mas quando o jogo vale acesso, título ou classificação, não tem como negar: a aglutinação de pessoas é muito maior. O fato começa a repercutir nos jornais e portais da internet, nas rádios, nos bares e dentro das casas.

As quatro cidades em questão não são grandes como metrópoles – o Juventus está em uma delas, mas a maior parte de seu público está em seu próprio bairro – e por isso permitem que a velocidade da informação seja muito grande. Em pouco tempo, a cidade toda já fica sabendo de uma partida impor-

tante que está para acontecer.

Nesses momentos, algo especial acontece. É óbvio que, de certa forma, jogos mais importantes tenham públicos maiores e gerem maior comoção. Isso vale para o futebol e para o esporte em geral. Contudo, não se trata apenas de aumento do contingente de pessoas no estádio, mas da reação da cidade. Paira um clima de esperança no ar, nem que seja por um breve espaço de tempo. Mesmo quem mal vinha seguindo a trajetória recente da equipe parece perceber que seu clube do coração está lá, ativo, e que sua própria paixão também vive, ainda que esteja adormecida. É hora de tirar a poeira da camisa que estava no fundo do guarda-roupa e vesti-la.

Um exemplo emblemático de situação desse tipo aconteceu em Jaú. No ano de 2005, o município viveu um dos momentos mais empolgantes de seu esporte na história recente. Depois de um bom campeonato durante boa parte da Série A3, o Galo da Comarca necessitava de apenas de um empate dentro de casa contra o Rio Claro para subir, finalmente, para a divisão A2. Já eram sete anos na mesma divisão, buscando e lutando pelo sonhado acesso, quando a oportunidade finalmente apareceu.

O que se viveu na cidade, nos dias que antecederam a partida, foi uma expectativa incrível. Muitos já haviam jogado a toalha durante os longos anos que vinham se arrastando com melancolia, servindo apenas para acumular decepções. Aquele momento parecia redentor para todo aquele povo. Era muito forte a vontade de gritar “subimos!”, de exclamar o nome do Galo e de poder afirmar novamente que o time era, bem como diz seu hino, o orgulho da cidade.

Depois de uma intensa procura por ingressos, havia che-

gado o grande dia para a torcida jauense. Cerca de 17 mil pessoas lembraram aquele tempo em que todo jogo era grande e lotaram as dependências do Zezinho Magalhães. Grupos de amigos, famílias, casais e torcida organizada se reuniram para, enfim, poder celebrar o ressurgimento do XV de Jaú.

Não foi assim. Apesar de sair na frente e ter um jogador a mais em campo, um pequeno Luciano, apelidado Gigante, calou aquela massa a poucos minutos do fim. O sentimento de tristeza tomou conta do Jauzão. O juiz apitou, a minoria azul do estádio comemorou e, entre choros e conversas comedidas, os quinzeanos voltaram para suas casas com mais uma decepção na bagagem. Talvez a maior que já sentiram em um campo de futebol.

Esse episódio ficou marcado na cidade para sempre. Todos se lembram do gol fatal que adiou o sonho do XV. “Aquilo foi muito, muito marcante. Não vai sair nunca da cabeça, não só da minha como da do torcedor jauense. Houve várias tragédias no futebol, mas a do XV foi a maior em termos de cidade. Para mim, foi a maior tristeza em termos de futebol. Chorei pela primeira vez por causa de futebol, e foi pelo XV”, revela Célio.

Ele credita àquele jogo um possível afastamento da torcida em anos seguintes: “Algumas das crianças que foram ao campo nunca mais voltaram. Ficaram decepcionadas. O XV subiu no ano seguinte, mas acredito que 50% daquelas pessoas não acompanharam a campanha porque já não acreditavam mais”.

A tragédia aconteceu e, sem dúvidas, machucou muito. Apesar disso, o episódio serviu para mostrar a força que o clube ainda tem na cidade e comprovar que a paixão não está nem perto de ser esquecida. Quem nunca havia ido ao campo e pouco se preocupava com o XV, chorou por ele naquele dia

e redescobriu seu próprio amor.

Em outras cidades, as reaproximações também já ocorreram muitas vezes. Aconteceu em Bauru quando o Noroeste voltou a brigar por uma vaga na primeira divisão do campeonato estadual, na metade da primeira década de 2000. “No jogo do acesso contra o Bandeirante de Birigui, em 2005, a cena foi impressionante porque o pessoal nem esperou: os torcedores fizeram a festa dentro do próprio estádio Alfredo de Castilho”, comenta Fernando BH, que começou a acompanhar o clube mais ou menos naquele período, influenciado pela atmosfera alvirrubra que tomava conta da cidade.

Impossível não citar, também, a final da Copa Paulista do mesmo ano, conquistada fora de casa, contra o Rio Claro. A recepção calorosa aos jogadores foi só o início de uma festa que parou a cidade. Durante o dia e a noite, caminhões do Corpo de Bombeiros ajudaram a fazer uma grande carreata. Celebração digna de um título, algo que não se via há muito tempo na vida do Alvirrubro.

O Paulistão de 2006 foi o ápice. Depois de muito tempo, a Maquininha Vermelha voltou a trilhar seus caminhos no lugar que merece, e o fez com brilhantismo. Bauru se avermelhou como nos velhos tempos logo na estréia, numa tarde que reservaria aos noroestinos um dos momentos de maior felicidade na campanha: uma espetacular vitória contra o Corinthians, o atual campeão Brasileiro na ocasião. As ruas ficaram tomadas, com os carros fazendo fila e “buzinaço” antes e depois da partida.

BH não nega que a aura daquela competição foi única. “Foi diferente. Mexeu muito com as pessoas. Para você ter uma ideia, cogitou-se não trabalhar no dia do jogo contra o Corinthians, ainda mais porque o João Bidu (ex-locutor es-

portivo e figura conhecidíssima na cidade) iria voltar a narrar uma partida depois de muitos anos”, lembra.

Ele também ressalta a comoção geral sentida na campanha do outro acesso, em 2010, ano do centenário do clube: “Ali também teve um crescimento de média de público à medida que o clube ia avançando na competição. O time subiu antecipadamente e no jogo seguinte, contra o Guaratinguetá, em Bauru, fizeram uma enorme festa com um grande público. O torcedor foi para comemorar o acesso com o time”. Sem dúvidas, a fase entre 2005 e 2010 vai ficar marcada como uma das melhores da história do Norusca. Muita gente voltou a se apegar ao time naqueles anos.

Em 2006, foi a Ferroviária quem fez renascer a esperança nos moradores de sua cidade. Para um clube que chegou a quase fechar suas portas dois anos antes, o quase acesso e o título da Copa Paulista conquistado fora de casa, contra o Bragantino (que deu à AFE a oportunidade de disputar sua primeira Copa do Brasil, em 2007) foram motivos mais do que suficientes para chamar a atenção de corações grenás adormecidos. A Ferroviária voltou a ter o destaque que merece, ao menos durante aquela fase.

Outro momento que, apesar de pontual, foi muito marcante para a relação Araraquara-Ferroviária, se deu em 2009. Depois de muita ansiedade para a conclusão das obras, o dia 22 de outubro daquele ano estava reservado para a reinauguração da boa e velha Fonte Luminosa, toda reformada e com aspecto de arena. O primeiro jogo do novo estádio foi válido pela Copa Paulista e terminou com uma vitória grená sobre o Ituano, pelo placar de dois a um. Logo naquela noite, foi alcançado o recorde de público de toda a história do estádio: 21.254 pessoas

vestiram suas camisas grenás e se reuniram para celebrar a nova arena e, claro, a Associação Ferroviária de Esportes. Os gritos de “Olê, AFE!” se difundiram por todos os setores e ecoaram com uma força que há muito tempo não se via.

O fenômeno da Rua Javari

Em tempos em que é grande o medo de que clubes tradicionais percam a identidade com suas cidades e, consequentemente, sofram com grandes vazios nos estádios, a torcida do Juventus vem exatamente na contramão dessa tendência. Quem assiste a uma partida na Mooca vê que a faixa etária do público torcedor é bastante balanceada e, surpreendentemente, a maioria é de jovens.

As crianças estão presentes em uma quantidade admirável, sempre acompanhadas pelos pais. Os torcedores mais velhos, é claro, continuam ali com sua tradicional forma de prestigiar a partida, mas são os mais jovens de lá de trás do setor 2, atrás de um dos gols, que fazem de cada partida uma grande festa. Eles tocam instrumentos e penduram faixas com dizeres como “Juventus Origine Operare”, além de entoar frases como “Juventino eu sou, e o Juve é a alegria do meu coração. É minha vida, é minha paixão. Um sentimento sem explicação”. Ao longo dos últimos anos, fizeram conhecido o lema que sintetiza suas ideologias e que gostam de levar consigo como uma espécie de mantra: “ódio eterno ao futebol moderno”.

Fernando Galuppo também tem observado uma renovação da torcida: “Atualmente você vê no Juventus uma



*Setor 2 resgata
orgulho juventino
e mooquense*

juventude que há dez anos não existia. Há uma década, pontualmente, o público do Juventus era formado praticamente por aposentados. Hoje vemos um movimento que deve ser estudado de uma maneira até mais comportamental do que esportiva”. Ele também chama a atenção para o aumento da média de público nos jogos do clube de alguns anos para cá: “Hoje eu venho monitorando que a quantidade de pessoas costuma ser de oitocentas pessoas por jogo. Antes não passava de duzentas”.

A maioria deles tem não mais que vinte e cinco anos, ou seja, já nasceu quando o Moleque Travesso vivia em um contexto difícil. Não viram grandes times ou grandes títulos. Quando passaram a acompanhar futebol, a tal modernidade já influenciava o esporte, e isso nos leva a perguntar o



*De trás do gol
vêm as incessantes
vozes juveninas*

que teria motivado essa verdadeira revolução no espírito da Rua Javari contemporânea?

Como o próprio Galuppo disse, é um caso digno de estudo e complicado de se explicar. Entretanto, é perceptível que existe na Mooca de hoje uma forte conscientização histórica e de valores que se difunde exemplarmente entre os mais novos. Eles se preocupam com o futuro do time, mas sem jamais se esquecer da razão pela qual estão ali: o passado. Por isso, valorizam os feitos históricos do clube e a história que há por trás de sua fundação. Os meninos e meninas que lá frequentam, mesmo que não sejam propriamente do bairro, aprendem muito facilmente que aquilo tudo tem sentido e que não estão pisando em qualquer lugar. O forte sentimento de bairrismo contribui para tornar a atmosfera ainda mais especial e cativante.

É claro que, assim como qualquer mobilização, não foi algo que aconteceu de um dia para o outro. Foi necessário que pessoas interessadas e apaixonadas se dispusessem a estimular isso tudo. E foram muito felizes ao fazê-lo. Conseguiram, de forma atrativa, abrir os olhos dos jovens para o resgate de valores que era necessário para o fortalecimento da torcida juventina. Hoje, o jogador do clube sabe que terá uma torcida incansável o apoiando durante os jogos e os diretores da instituição têm noção de que estão lidando com pessoas fanáticas e conscientes. O Juventus sabe que tem seu mais precioso patrimônio de volta.

Hamilton Kuniochi é um dos muitos que foram atraídos pela recente mobilização do bairro em torno do clube. Quem vê sua vasta coleção de mais de cem camisas do Moleque Travesso nem desconfia que sua relação de amor com o clube é bastante recente. Morador da Mooca desde sempre, ele confessa que sua torcida era pelo Corinthians, até há alguns anos, e o contato com o Juventus era mais “de brincadeira, como segundo time”. Quando passou a frequentar mais o estádio, em meados da década passada, seu vínculo com a camisa grená aumentou gradativamente a ponto de ele afirmar que, hoje, simplesmente não torce mais para o alvinegro.

Ele compartilha que uma parcela do retorno do público se deve, em partes, a alguns momentos especiais que a equipe viveu dentro de campo na última década, como o título da Copa Paulista de 2007, conquistado em casa de forma heróica sobre o Linense. “Aquilo foi meio que um marco que eternizou aquele momento como uma espécie de divisor de águas. Dali para cá, começou a ir muito mais gente ao estádio. Tanto é que a festa do ano passado (pelo acesso à Série A2 de 2012) foi uma

das mais marcantes. Os torcedores cativaram, com seus cantos, os jogadores, que também cantavam junto”, relata.

Apesar de confirmar que a conquista foi uma grande motivação, Hamilton não deixa de frisar que a mudança de atitude dos juveninos está muito mais associada a um modo de pensar, que foi lançado e difundido pelo bairro, do que a resultados dentro de campo: “O Juventus tem sido uma espécie de foco de resistência das tradições, do futebol romântico. Não o moderno, das negociações milionárias e dos jogadores almofadinhas e ‘chinelinhos’. Isso tem atraído não só as pessoas do bairro, como as de fora. Virou uma atração turística. O momento de São Paulo também é diferente. A cidade está crescendo muito com a expansão imobiliária e isso vai fazendo com que as coisas percam um pouco a simbologia que tinham. Algumas pessoas querem coisas para se apegar e não perder os elos com a tradição”.

Otimista, o fanático acredita que a tendência é que mais juveninos continuem surgindo. “Muita gente aqui não se importa com títulos e contratações milionárias. A tendência é que existam cada vez mais pessoas que torçam só para o Juventus, gente que pensa mais na relação de afetividade que o clube representa do que nas conquistas que o clube poderia ter. Muita gente pergunta: ‘como é que você pode torcer para um time que não ganha nada?’. É difícil explicar isso para eles”, relata, induzindo que a resposta só é compreensível para aqueles capazes de sentir o que ele sente.

A verticalização que vem ocorrendo na Mooca dos dias de hoje é algo que, de certa forma, chega a preocupar aqueles que tanto lutam para a preservação da identidade do lugar. Condomínios caros vêm sendo construídos na região, trazendo muitas pessoas de fora - e sem identificação com o Juven-

tus e com o próprio bairro - para viver ali. O peso da história é grande e o Moleque Travesso tende a se tornar o maior e um dos únicos focos de romantismo que permanecerão vivos por ali com o passar dos anos. Essa é a luta de seu povo e a esperança de todos aqueles que amam o romantismo que aos poucos vem se perdendo com tanta modernidade.

O caso trazido nos últimos parágrafos foi abordado de forma especial porque pode ser considerado o exemplo perfeito de que uma relação em crise pode muito bem ser retomada, mesmo que os resultados esperados dentro de campo não venham. A situação encontrada na Rua Javari é apenas uma mostra de que a população, quando disposta e ciente da tradição e do significado que o clube local traz consigo, é capaz de mudar radicalmente um panorama de esquecimento e voltar a fazer seu papel de forma brilhante.

Guerreiros que não medem esforços

O que fez com que Ferrinha, Juve, Norusca e Galo fossem rebaixados e passassem por tantos problemas em suas histórias recentes envolve uma série de fatores. Assim como para a grande maioria dos times do interior, a dificuldade financeira, a falta de apoio das federações nas quais estão inscritos (a Federação Paulista de Futebol, no caso desses quatro) e algumas péssimas administrações sem o mínimo de profissionalismo - e, pior do que isso, falta de tempo e de boa vontade para mudar - podem ser citadas como elementos cruciais para a instabilidade que perdura até hoje.

Em um contexto de muitos problemas, dentre os quais

a falta de dinheiro se apresenta como o maior, algumas pessoas chegam a colocar parte de suas vidas pessoais de lado e transformam suor e dedicação em benefícios para o time que amam. Querem suprir aquilo tudo que os comandantes do clube não conseguem - ou não estão tão dispostos - a fazer. Não é fácil e eles sabem muito bem disso. Às vezes, tanto esforço não se transforma em algo realmente significativo. Pior que isso: em muitas ocasiões são as pessoas de dentro do clube as primeiras a colocarem obstáculos para que as idéias saiam do papel. Mas a paixão não os deixa parar de tentar. É o mínimo que podem fazer para não assistirem de braços cruzados o perecer de uma das coisas mais importantes de suas vidas.

Os exemplos de boa-vontade são muitos. Alessandro Bocchi, por exemplo, se prontificou a colocar seus conhecimentos na área de comunicação e sua boa vontade à disposição da Ferroviária e se ofereceu para ser assessor de imprensa do clube. “Fui assessor ‘terceirizado’, porque nunca fui considerado lá dentro. Eu não era contratado, era visto como um intruso”, lamenta. Ele revela que passou por dificuldades enormes para conseguir desempenhar a função. Foi criticado por fazer serviços básicos, como divulgar escalação e alguns dados da equipe no campeonato. Chegou a não conseguir levar um jogador sequer a uma coletiva de imprensa, sem contar com apoio algum da comissão técnica ou da diretoria na ocasião.

Seu amigo, Ricardo Gomes, também propôs, junto a um grupo de amigos torcedores, uma série de ideias e projetos de marketing institucional, o que acredita ser fundamental para a valorização da marca Ferroviária. “O Ricardo e o pessoal tiveram a ideia de vender camisetas do clube em um quiosque. Eles fizeram uma exposição fantástica, com ideias que te

deixam embasbacado de ver como eles foram visionários. Mas depois, no dia seguinte, eu cheguei na sala dos diretores e vi gente rindo, ironizando e dizendo: ‘Ah, essa molecada pensa que futebol se faz assim’”, conta Alessandro, que aponta vaidades e falta de interesse nos dirigentes do time: “Eles veem com desdém, acham que não é necessário, que não tem que vender os uniformes aqui na arena e não tem que ter humildade para bater palmas e acatar alguma atitude”.

O próprio Ricardo endossa os benefícios do efeito que sua ideia surtiria e critica a direção da AFE: “Dia de jogo é dia em que vem o torcedor da Ferroviária. A gente montava a lojinha aqui e dava mil reais por jogo. É pouca coisa? É, mas com esse dinheiro você paga a conta de luz, dá para manter alguém pra arrumar o gramado. Tem que ter alguém para fazer isso. Pergunta se tem algum dirigente pra pegar as camisas e ir vender na hora do intervalo. Quem fazia isso era eu e uma equipe. Um grupo de torcedores que ficava ali, na porta, vendendo a camiseta do time”. O fanático cita outro recurso com o qual, juntamente com seus colegas, contribuiu com o time: “Há dois anos, a gente faz o passaporte da Ferroviária. Quem faz é a torcida e o dinheiro vai unicamente para a Ferroviária”.

As tentativas de implementar novas ações não pararam por aí. Ele lamenta que outras idéias que acredita serem bastante fáceis de executar não conseguiram o apoio necessário dos dirigentes para, de fato, emplacar. “Nós queríamos fazer uma coisa tão simples, que era colocar crianças para entrarem em campo com o time nos jogos. Isso não mata ninguém! A gente não consegue colocar meia-dúzia de moleques para entrar com os jogadores. Cria-se um monte de empecilhos para algo simples”, desabafa.

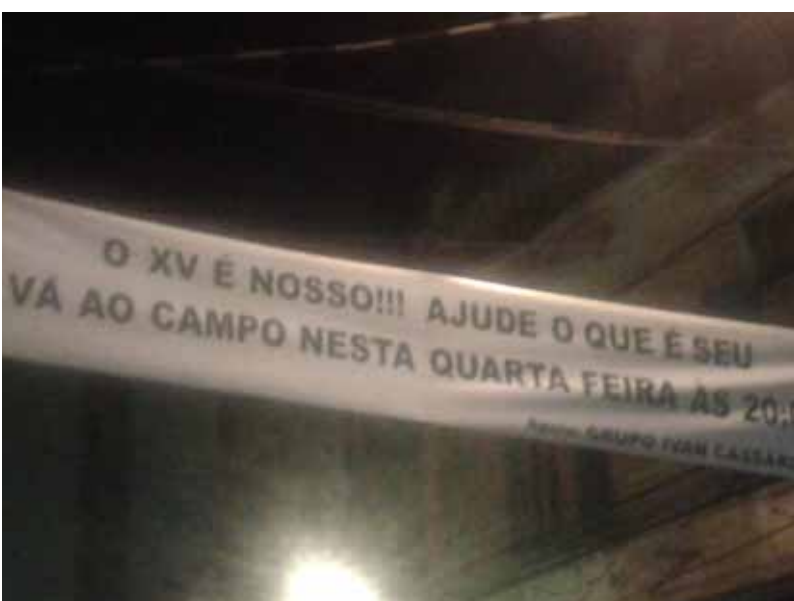
Apesar das dificuldades, o esforço não pode parar. Os funcionários do Museu do Esporte e Futebol, conta Alessandro, pretendem criar uma exposição com os vastos registros que têm da Ferrinha e levá-la ao principal shopping da cidade. Já Ricardo segue firme e forte com seu blog, Afegol, que cumpre uma função que, de certa forma, seria do próprio clube. Ele vai atrás de todas as informações que consegue para lá publicar resultados de jogos do profissional e do sub-20, novas contratações e outras coisas mais a respeito de tudo o que cerca o cotidiano da AFE.

Ricardo faz parte da mídia composta por torcedores, que, na maioria das vezes, traz mais conteúdo do que aquela disponibilizada pelo clube. Além do blog, tem participação na criação e atualização do grupo da torcida no Facebook, do qual é um dos moderadores. Aliás, ele conta que a Ferroviária não tinha uma página na rede social, quem fez foi a torcida. Também foi um grupo de torcedores que conseguiu recursos para refazer e remodelar o site oficial do time.

Em Jaú também, uma boa parte da torcida já percebeu que não adianta esperar iniciativas vindas dos diretores do clube. Durante a campanha do Campeonato Paulista da 2ª Divisão de 2013, foram algumas atitudes encabeçadas por quinzeanos apaixonados que chamaram a atenção e emocionaram.

Nas vésperas das partidas que seriam disputadas no Jauzão, alguns torcedores tiveram a ideia de realizar carreatas que passariam pelo centro da cidade, chamando as pessoas para os jogos de domingo. Um grupo de cerca de 20 fanáticos aderiu à causa e saiu pelas ruas com camisas e bandeira, em uma bonita demonstração de amor ao Galo. O resultado também foi bom, já que foi visível a maior quantidade de pessoas nos jogos que se sucederam.

As ações continuaram: durante a semana de uma partida decisiva contra a Matonense, válida pela terceira fase da competição, foram espalhadas faixas em alguns pontos da cidade com os dizeres: “O XV é nosso! Ajude o que é seu. Vá ao campo nesta quarta-feira às 20h”. A resposta da população, comparecendo em grande número a uma partida de quarta divisão, não deixou dúvidas: esse é um tipo de atitude que dá certo.



Faixa no centro da cidade chamava jauenses para a partida do XV

Cabe ressaltar o valor que as redes sociais vêm tendo na intenção de reunir pessoas dispostas a propor novas ideias. O Facebook, principalmente, acabou se tornando um importante canal para discussão e difusão de ações vindas dos apaixonados, que se reúnem em comunidades criadas por eles mesmos, de forma espontânea.

Com o auxílio dessa tecnologia de comunicação, algo realmente especial voltou a acontecer alguns meses depois. Com a equipe profissional já eliminada e fora da disputa pelo acesso à A3, restou aos quinzeanos torcer pelo Galinho, a equipe sub-20, que disputava a 2ª divisão do Campeonato Paulista da categoria.

Após uma boa campanha na primeira fase, os garotos do XV chegaram às quartas de final, fase em que enfrentariam o Diadema. No primeiro jogo em casa, conquistaram uma boa vitória por dois a zero. O problema foi quando anunciaram que o clube não tinha como arcar com os custos da viagem para a Grande São Paulo, da alimentação dos atletas e da taxa de arbitragem da partida anterior. Foi fortemente cogitada a hipótese de o Galinho abandonar a competição.

Sabendo da notícia, alguns fanáticos rapidamente se dispuseram, principalmente no grupo da torcida no Facebook, a participar de uma arrecadação de fundos para que a quantia necessária fosse conseguida. A luta foi intensa durante alguns dias e contou com a participação de alguns radialistas, que difundiram a informação de que o dinheiro estava sendo coletado na sede dos apaixonados pelo Galo, o Bar do Célio.

Depois de muita tensão e esforço, a resposta que veio da torcida não poderia ser mais bonita e animadora: foram arrecadados mais de R\$ 2.500, valor suficiente para que os gastos urgentes fossem pagos e a equipe pudesse viajar e jogar. É triste pensar que a situação tenha chegado a esse ponto, mas, naquele dia, o torcedor quinzeano pôde se orgulhar e afirmar que carregou o clube em suas costas.

O caso já relatado do povo da Mooca, que abraça seu clube e ignora qualquer apoio condicionado a resultados, está completamente relacionado a esse contexto. Tudo foi construído por meio de pequenas ações e foi crescendo gradualmente. Pouco partiu do clube em si. Quase tudo veio de fora para dentro, da torcida para o time. Os juveninos perceberam que não adiantaria esperar cair do céu - ou de alguma iniciativa da diretoria - aquilo que buscavam. Encontraram no apoio irres-

trito ao Moleque Travesso durante a partida sua forma mais genuína de contribuir para que o clube respire. Sincero, Hamilton Kuniochi acredita que os juventinos têm, hoje, uma participação fundamental na existência da instituição. “Acho que a força da torcida é o que tem ajudado o Juventus a sobreviver. Se não fosse isso, acredito que o clube não teria mais futebol profissional”, afirma.

Em Bauru, Henrique Perazzi pensa que os interessados em ajudar devem buscar formas de se unir para que o movimento em prol do clube ganhe mais força. “O que essas pessoas que gostam têm que fazer é encontrar um meio sério de elas se aglutinarem e fazerem alguma coisa pelo Noroeste. Precisa que cada um se doe um pouquinho. Eu sei fazer uma coisa, o outro sabe fazer outra. Isso tem que ser feito por pessoas desprendidas. Assim como elas dedicam algumas horas semanais à igreja e à instituição de caridade, que elas doem algumas horas ao time de sua aldeia. Muitas vezes, nós não estamos sabendo o que fazer e como fazer para contribuir para que o Noroeste saia dessa”, explica.

Ele ressalta que alguns planos ambiciosos de torcedores que querem gerir o clube podem esbarrar em uma realidade mais complicada, mas não deixa de exaltar os que sonham fazer algo que mude os rumos da instituição que amam: “O torcedor é tão apaixonado que, às vezes, acha que é fácil. Mas é bonito ver isso, porque é amor. O cara não tem dinheiro, mas tem ideias”.

Henrique ainda faz questão de citar algumas belas atitudes de pessoas que nutrem o mesmo sentimento que ele pelo Norusca. Fala de Dr. Omar Haddad, médico do clube há vinte anos, que faz questão de trabalhar mesmo sem receber

salário por meses; cita, inclusive, um caso que ocorreu quando ele não pôde ir a uma partida e uma médica da cidade se prontificou a ir, no mesmo instante, para o que o jogo pudesse ocorrer. “Essas coisas ainda comovem a gente, né? Você fica tocado por causa dessas pequenas histórias”, diz.

Por fim, o historiador alvirrubro traz mais um exemplo de amor ao clube demonstrado na simplicidade da boa intenção. “Tem um amigo meu que vai a todas as partidas e fala assim: ‘eu jogo todo jogo na loteria, porque se eu ganhar eu vou assumir o Noroeste. Eu vou resolver os problemas do Noroeste’. Não é uma coisa linda, isso?”, pergunta.

De fato, é desse espírito que os clubes precisam. É exatamente isso que falta a alguns dirigentes de pouca fé. Que, enquanto os responsáveis não acordam, os guerreiros aqui citados e os outros milhares que certamente existem não desanimem e continuem impedindo que o pior aconteça.

Olhando para o futuro

O passado foi bonito e o presente é turbulento. E isso obviamente preocupa, já que tudo o que vem sendo feito hoje terá reflexo no cenário dos próximos anos. Assim como os erros do passado causaram distanciamento e atrapalharam o nascimento de novas paixões nas últimas décadas, a repetição ou continuidade do descaso e de falhas administrativas pode ser crucial para determinar o futuro da torcida, que cada vez mais se consolida como o maior patrimônio que esses clubes têm. E o que fazer para resgatar a atenção de uns e semear o amor em outros?

Serão os jovens de hoje os responsáveis por tocar a Ferroviária, o Juventus, o Noroeste e o XV de Jaú no futuro. Se não houver renovação, nem paixão, essas tradicionais e queridas agremiações dificilmente vislumbrarão algo positivo no caminho que as espera. Já é difícil demais com os apaixonados ao lado. Sem pessoas que estejam ali, dando parte de seu suor pelo clube, ele não tem muitas chances de sobreviver, principalmente no cenário do futebol do interior, no qual as equipes ficam cada vez mais sufocadas pela falta de apoio da Federação Paulista de Futebol e pela cruel crise financeira que afeta a todos - uns mais, outros menos - de maneira devastadora.

Por outro lado, a falta de verba não é desculpa para tudo. Muita coisa pode e deve ser feita, e isso precisa partir dos próprios clubes. Vai além de montar times decentes para buscar os sonhados acessos. É claro que esse é um fator importantíssimo - como já foi citado, bons resultados inegavelmente atraem pessoas ao estádio - mas, talvez, promover a proximidade com a comunidade seja tão fundamental quanto isso, ou até mais.

Isso pode ser executado por meio de ações simples, completamente viáveis e que precisam ser tomadas urgentemente. Os torcedores que aí estão, dando o sangue para que o clube não morra, precisam do respaldo do próprio clube e isso, por incrível que pareça, praticamente não acontece. Mesmo no caso do Juventus, a administração em si não tem praticamente nenhuma parcela na incrível renovação da torcida e na retomada da identidade com o bairro. Tudo partiu de fora para dentro. É possível chegar à conclusão de que os próprios clubes têm uma grande culpa no distanciamento com a comunidade.

Os times precisam voltar a estar presentes no cotidiano das pessoas. Elas têm que sair de casa e se deparar com os

escudos, as bandeiras e as cores de seus representantes futebolísticos. Precisam saber que vai ter jogo, que as portas estão abertas e mais do que isso: que os clubes estão necessitando delas. “Você faz a festa, não convida ninguém e quer que todo mundo vá”, afirma Alessandro Bocchi, definindo perfeitamente a situação.

O curioso é que, em Bauru, isso literalmente aconteceu. Fernando BH conta que, em 2013, o Noroeste organizou uma festa junina com barracas de entidades filantrópicas e até um show de um cantor local, mas tudo foi feito em cima da hora e com pouca divulgação. Resultado: o evento não recebeu mais de trezentas pessoas. “Aí eu te pergunto: a festa da faculdade está cheia e a da igreja também, por que a do Noroeste não enche? Existe uma crise de identidade muito forte, que precisa ser melhor estudada e pensada”, declara.

O próprio BH propõe algo que parece básico: “Para mim, tem que ter Noroeste pra todo lado. O escudo do time tem que estar em outdoor, tem que aparecer. Essa marca tem que voltar para o dia a dia das pessoas”. O jornalista contextualiza com o exemplo do Bauru Basket: “Você entra no Bauru Shopping e encontra várias placas do Larry Taylor lá. Isso é conversar com a comunidade. Isso é apoiar o time, usufruir da imagem e aproveitar a identidade dele com a cidade. Hoje, o Noroeste não faz isso”. A verdade é que, na maioria das vezes, só são encontrados símbolos de alusão aos clubes em estabelecimentos comerciais e camisas de torcedores nas ruas.

É preciso atentar para a questão da imagem. Quem está no comando necessita, antes de tudo, aceitar que existe um problema e que ele precisa ser resolvido. Depois, deve perceber que tem em mãos um incrível potencial. Se a história e os

nomes desses clubes são tão ricos, valiosos e cheios de significado, qual o sentido de não explorá-los? Não seria exatamente a esse potencial enorme que as instituições deveriam se apegar para resgatar e cativar cada vez mais pessoas?

Tudo aponta para o marketing. E não, isso não implica investir milhares de reais em propagandas na TV e grandes anúncios. Também não significa uma rendição ao tal “futebol moderno” com consequente extinção do romantismo dos clubes. Tem muito mais a ver com ações que caibam na realidade atual das instituições e que reaproximem seus caminhos aos da comunidade. “O marketing tem que entender a realidade regional. É um trabalho de formiguinha, de gastar sola de sapato e bater de porta em porta”, explica Fernando BH.

Existe muito a ser feito. E são coisas que podem parecer pequenas hoje, mas que, feitas em conjunto, muito provavelmente darão frutos essenciais com o passar do tempo.

As histórias desses quatro clubes são fontes riquíssimas de ideias e oportunidades. Alessandro Bocchi critica a falta de conhecimento e vontade dos dirigentes de seu time: “Quem comanda o clube hoje parece não conhecer sua história. A Ferroviária completou 30 anos da campanha histórica da Taça de Ouro de 1983 e ninguém fez nada. Perdemos a chance de fazer ações em cima disso, de criar camisetas comemorativas e jogar com elas”.

Para que a cidade passe a olhar o clube como mais do que um time de futebol, é interessante que sua imagem esteja presente nos eventos populares, assim como fazem outras instituições. Que haja XV nas festas juninas de Jaú, Ferroviária no desfile de aniversário da Araraquara, Noroeste no carnaval bauruense e Juventus na tradicional festa de San Gennaro, na Mooca, por exemplo.

As crianças e adolescentes deveriam estar mais do que inseridas nesse trabalho. A missão dos times locais é fazer com que esses jovens os tenham agregados às suas vidas. A verdade é que boa parte das crianças que vivem nas cidades em questão não conhecem ou não têm contato algum com os times locais. Ricardo Gomes considera fundamental a presença do clube em um dos ambientes mais marcantes da infância. “Você tem que ir às escolas. Todo mundo quer ser jogador de futebol quando criança. Tem que ir até lá, levar um jogador, mostrar a camisa da AFE...mas isso não vai partir da prefeitura. É o clube que tem que ir até lá e demonstrar interesse”, aponta.

Fernando BH reforça esse ponto de vista: “O Noroeste já teve e ainda tem a intenção de ceder uma fatia de ingressos para escolas públicas, pra molecada ir assistir a um jogo da equipe, mas eu acho que vai muito além disso. Causaria muito mais proximidade se eles fossem assistir a um treinamento, ou se os jogadores fossem até o ambiente deles, dessem bonés e jogassem bola com eles na quadra da escola. Existem outras maneiras de se aproximar. O que foi feito até agora não foi suficiente. É louvável abrir as portas do clube, mas tem que fazer mais que isso. Além do mais, tem uma coisa chamada manutenção. Eles foram assistir ao jogo, mas e depois disso? Fizeram um trabalho sobre essa experiência e outro sobre a história do Noroeste? É um buraco bem fundo”.

As categorias de base podem ter uma grande participação no processo de restabelecimento de maior identidade com as pessoas, mas, para isso, elas precisam ser vistas e orientadas de maneira adequada.

Hoje, os jovens que estão vestindo a camisa dos clubes são, muitas vezes, tratados apenas como oportunidades de fatura-

mento em curso prazo em alguma transação que os envolva. E isso não está totalmente errado, já que é impossível virar as costas para os problemas financeiros que existem. A questão é que eles podem trazer outros retornos positivos, além do financeiro.

Para Alessandro, os garotos ainda sonham vestir a camisa do time da cidade. “É o orgulho do menino que joga no sub-15 estar andando pela rua com o jaleco da Ferroviária, sabe? Ele fica feliz por poder falar para todos que está jogando na AFE”, conta.

Entretanto, isso vem se perdendo aos poucos. Os garotos estão passando a enxergar os times apenas como uma vitrine para que possam se destacar e partir para celeiros maiores. E eles não têm a menor culpa, já que querem apenas um futuro melhor e mais cheio de oportunidades em suas carreiras. Além disso, poucos conhecem, de fato, a história da camisa que vestem e isso faz muita diferença. “A importância da base na consolidação de valores é fundamental. É preciso falar para o garoto sobre o que é o Juventus e como ele pensa”, aponta Fernando Galuppo.

Serginho, que já nos idos dos anos 80 munia o treinador Cilinho de histórias para contar aos garotos do XV, dá a receita: “Para incutir esse espírito, basta se espelhar na história. Precisa de alguém para contar a história do clube, desde quando subiu pela primeira vez. Mostrar que o XV já revelou fulano, beltrano e cicrano. Você vai contando essas histórias pros caras e vai mexendo com eles. Os moleques se motivam, viram o inferno!”. Se isso for feito com seriedade e competência, talvez esses garotos estejam, dentro de algumas décadas, contando orgulhosos a seus filhos que defenderam as cores de um desses clubes.

Tratar bem o jovem atleta também faz parte do trabalho. Geralmente, são garotos da cidade e da região, que têm suas

famílias e amigos na própria cidade. Se o clube der atenção e cuidados a ele, será mais bem visto pela própria comunidade. Esse processo de reconstrução de vínculo depende da cidade ver o clube como um parceiro, que ajuda na formação de jovens e qualificação dos cidadãos.

Célio acredita que a base pode, inclusive, aumentar o número de pessoas no estádio. “Eu costumo falar que um menino na escolinha equivale a no mínimo quatro pessoas. Se o time profissional do XV vai jogar num domingo às 10h, por exemplo, e você põe a molecadinha do sub-15 pra jogar, vai a família toda do garoto e os colegas de escola dele pra ver ele em campo. Você vai segurar essas pessoas no estádio, elas vão estar no próximo jogo também”, supõe.

Se trazer novas caras ao campo é importante, saber preservar as que costumeiramente estão indo também é. As ações podem ser feitas durante os jogos, aumentando ainda mais a integração entre o público presente e o anfitrião do evento: o próprio time. Mais do que abrir as portas de casa, é preciso tornar o evento ainda mais atrativo. Para isso, a criatividade é fundamental. Raoni, o narrador que já esteve por muito tempo nas arquibancadas, apresenta sua ideia: “Temos um grande palco, que é nosso estádio Conde Rodolfo Crespi, e você não vê uma ação para torcedores dentro dele. Sorteia um cara que está no estádio pra bater um pênalti durante o intervalo. É uma coisa que ele nunca vai esquecer na vida. Ele vai passar a comprar na loja e a vir sempre ao campo. E vai trazer mais uns dez com ele no próximo jogo. Isso vai lotando o estádio, dando uma outra cara a ele”.

Formado em comunicação, o locutor acredita que essa área deve ser melhor explorada pelos times, de forma oficial. Já

existem as rádios, comunidades e páginas virtuais das torcidas, mas ninguém melhor que o próprio clube para manter contato com seu público de forma interativa. “O Juventus só não está maior hoje, em termos financeiros e de imagem, porque não investe em projetos de comunicação. Demorou a trabalhar com o site, nas mídias sociais e a ter um canal no YouTube e uma loja dentro do próprio estádio”, opina.

Para que tudo o que foi citado e outras tantas outras ideias saiam do papel, é preciso que aqueles que estão à frente dos clubes tenham, além de visão administrativa, boa vontade. Fernando Galuppo toca em um ponto interessante. Para ele, uma solução pensando no futuro é que as pessoas que estão do lado de fora, com ideias e desejo de mudança, encontrem maneiras de participar da vida política do clube e coloquem mais sentimento dentro dela. “Torço para que essas pessoas que hoje estão próximas do clube, nos núcleos de arquibancada, possam vir a participar também de sua vida política, renovando suas bases e colocando os conceitos que eles militam de forma mais viva dentro da instituição. São pessoas muito competentes dentro de suas vidas profissionais, que amam o clube e têm vínculo com ele. Quando você perde o vínculo com a instituição, ela se arrebenta. Vira uma coisa fria, um modelo pasteurizado, algo híbrido. Há de se ter paixão, ainda mais em um clube como um Juventus. A Mooca vive de paixão, ela tem uma história apaixonante. Sem essa mola propulsora, o clube se apaga e aí são erros em cima de erros. Se abre espaço para que comecem a induzir o clube por um caminho que não condiz com aquele para o qual ele foi criado, que é o de valores, de cultivar o esporte e de se firmar como uma referência para seu bairro, sua gente, sua coletividade. Precisa-se de pessoas

que possam começar a traçar planos para o futuro, colocar suas ideias e sonhar com um Juventus muito melhor do que o que se apresenta. Um Juventus vivo, como sempre foi”, expressa.

Assim como o Juventus, os outros clubes precisam ser movidos a paixão. Toda frieza, vaidade, indiferença e falta de compromisso devem ser rechaçadas. Isso não combina com histórias tão lindas, que conseguiram ser escritas graças à “mola propulsora” chamada sentimento. Unir amor, competência e visão de futuro é a saída para que esses clubes possam sobreviver por muito tempo e, mais do que isso, consigam continuar sendo o orgulho daqueles que vivem ao seu redor.

PÓS-JOGO

Declarações de amor

**NA VITÓRIA OU
NA DERROTA
ATÉ QUE A MORTE
NOS SEPRE!**



Há quem acredite que as pessoas mostrem seu lado mais sincero ao falarem de suas paixões. Mesmo os que não dominam muito bem a arte da fala demonstram claramente satisfação, em suas expressões, quando o assunto é o que faz seus corações baterem com mais intensidade.

É claro que paixão se demonstra com muito mais do que palavras, e é tocante quando alguém, ao tentar explicar o que sente, consegue, por um momento, calar tudo a sua volta e manifestar por alguns segundos um pouco do que significa um clube em sua vida. O amor não pede justificativas, mas é fácil explicar a razão de tanta devoção: suas histórias com seus clubes se confundem com suas próprias histórias de vida.

Este breve capítulo é dedicado a registrar algumas declarações de amor. O sentimentalismo se fez presente ao longo de todos os parágrafos, por isso nada é mais justo do que encerrá-los com frases de pessoas que representam o espírito que dá sentido a este livro: a paixão por um clube de futebol.

“O XV é diferente, as cores são lindas, a camisa é linda. São as cores da bandeira brasileira. Qualquer coisa que você fizer, do Galo, vai ficar bonita. Uma boa parte do sucesso do meu comércio foi o Galo que me deu. Se o XV vai jogar, já chegam os ingressos e anima tudo por aqui. Agora, se o time for desclassificado, ficamos todos desanimados. Vou te falar: o XV de Jaú é tudo. Ele me completa. Não só eu como a minha família. O XV faz e sempre fará parte da minha vida.” **José César Cardoso (Célio do Bar)**

“O XV já me fez chorar muitas vezes, de emoção e de tristeza, quando nós caímos. Quando o XV cai é difícil... Onde eu estou, sempre falo do XV. Sempre surge à mente, porque é o time do coração. É uma coisa de coração mesmo.” **Zé Maria Contador**

“A minha carreira foi feita em cima do XV. Eu era um garotinho quando cheguei na rádio, era secretário de palco dos programas de auditório. De repente, fui galgando funções e cheguei à redação de esportes quando tinha 17 anos. E aí, eu me familiarizei com o clube, passei a lidar com pessoas da diretoria, jogadores, viajava junto com o time. Comecei do nada e virei isso aí que todo mundo fala, que sou uma enciclopédia do futebol. Eu não sou, não. Eu sei um pouco daquilo que fui aprendendo na convivência com o futebol, principalmente com o XV. O XV pra minha carreira foi uma mão na roda! Estou aqui no rádio há 56 anos. Sem dúvida, o Galo é uma das grandes paixões da minha vida. Eu respiro, almoço, janto e durmo XV de Jaú, música e bateria!” **Serginho de Souza Gomes**

“É paixão de menino. No meu caso, não teve influência de ninguém. Lá em casa ninguém gosta de futebol, meu pai não gosta. É uma coisa de garoto mesmo que eu tive, de começar a gostar de futebol e ter tido a chance de ver a Ferroviária na primeira divisão durante muito tempo. É aquela coisa que passa por querer ser jogador de futebol, aí você vê que não tem talento. Mas no meu caso, eu gostava muito da Ferroviária e queria ficar perto dela. Então,

fui lá e fiz jornalismo só pra ficar perto da Ferroviária. É o meu cartão-postal. Onde eu estou, eu quero falar do meu time, e o simples fato de ele existir já me deixa feliz. Pode ser na A1, na A2 ou na A3, eu vou estar do mesmo jeito, sempre na torcida.” **Alessandro Bocchi**

“Eu vinha aqui desde moleque com o meu avô. Depois, continuei vindo com meu pai. Hoje, ainda venho com ele e daqui a pouco vou trazer o meu moleque. Acho que a questão é o elo afetivo com a minha vida. Eu sempre fui muito ligado ao esporte e a Ferroviária sempre fez parte da minha vida, por isso estou sempre no estádio. Antigamente, tinha uma barraca de fruta que vendia só mexerica, e eles a punham em uma telinha amarela. Toda criança arrancava aquela telinha e colocava na cabeça. Isso fez parte da minha infância. Naquela época, o pessoal vendia amendoim em casca, e ele era embrulhado num canudo de jornal. São recordações que eu trago da minha vida, da minha infância, e são recordações muito boas. Quando venho aqui na Ferroviária, lembro da minha família e dos momentos bons que tive com eles, com meu avô, que já se foi. Eu me sinto bem, e pelo fato de me sentir bem é que venho assistir à Ferroviária. Ela me faz bem. Espero poder continuar indo ao campo por muitos anos.” **Ricardo Gomes**

“Futebol é paixão. Se não existisse paixão, não existiria futebol, não teria graça. Você simpatiza com alguns times, mas você é apaixonado só por um time. Então, a Ferroviária é a minha paixão, cara. A gente é apaixonado

por ela. A diferença é que isso não tem fim, você não troca de time. Por que eu vou torcer para um time de outra cidade? Não interessa se é time grande, se ganha títulos. Isso não vem ao caso. O que vem ao caso é ter o prazer de ver aquele time jogar. A Ferroviária vai disputar uma Copa Paulista com um time que não vai disputar o título, e a gente sabe disso. Nós só queremos vir aqui e ver a Ferroviária jogar. Pode ser na última divisão, pode ser o que for.” **Gustavo Luiz**

“Já me perguntaram isso, sobre o que é o Noroeste para mim. É uma história bem íntima de paixão, de alegrias e de tristezas, às vezes. Até hoje algumas pessoas me chamam de maluco, dizem que eu não mudei nada, que eu sou louco, doente. De repente, pode ser verdade.” **José Roberto Pavanello**

“O Noroeste significa minha própria infância e juventude. Eu cresci vendo jogos do Noroeste, e sempre que vou ao estádio isso tudo se remonta, em um sentido até lúdico. Pra mim é bem marcante. Quando falam que o Noroeste pode acabar, eu prefiro nem pensar em uma hipótese dessas. É muito triste pensar que esse clube pode fechar. Mas sou otimista. Acho que não vai acabar e que virão dias melhores. Esportivamente, pra mim, é o que mais significa. Se um dia ele fechar as portas, eu acho que fico órfão de time. Se surgisse um outro, eu acho que não gostaria do mesmo jeito.” **Thiago Navarro**

“Sabe, eu sou movido por algumas coisas. Por idealismos e coisas que eu gosto de fazer, e o Noroeste é uma delas. Acho que a vida da gente se torna alegre e movimentada desde que nós tenhamos lugares aos quais gostamos de ir. E o Noroeste pra mim é isso. É um dos lugares em que eu me sinto bem, onde eu gosto de ir e encontrar pessoas que também têm o mesmo sentimento. Quando eu fico vários meses sem ir aos jogos, sinto falta. Hoje, talvez, isso possa parecer besteira pra mentalidade de muitos. Podem falar: ‘Pô, o Noroeste? O cara gosta de ir lá? Tem tanta coisa mais gostosa’. Cada um tem uma opção. As vidas das pessoas são construídas disso: de coisas que elas gostam de fazer e pelas quais têm amor e carinho ao longo do tempo. O Noroeste é uma das minhas.” **Henrique Perazzi de Aquino**

“Eu me arrepio quando o pessoal começa a gritar ali dentro da Rua Javari. Dá vontade de sair correndo e entrar lá só pra gritar junto. Eu sou torcedor mesmo. Um dia a galera vai me ver torcer lá dentro, porque eu sou torcedor verdadeiro. Eu amo e sou Juventus, com certeza. É a minha família.” **Valdemir Mazza (Cebola)**

“Cara, o Juventus representa muito para a minha vida. Principalmente porque eu encontro nele uma coisa que eu não tive a oportunidade de vivenciar. Minha família participou muito do clube. Eu não conheci meu bisavô, e dizem que ele frequentava muito a Rua Javari. Muito mesmo. O filho dele, que é meu tio-avô, também vinha muito e tinha o sonho de ser narrador. Ele imitava o Fiori

Gigliotti e esses caras 'da antiga'. Depois deles, minha família parou um pouco de frequentar. Esse hábito só voltou comigo e com meus irmãos. Quando eu estou sentado na arquibancada, sempre imagino que meu bisavô e meu tio-avô já estiveram ali. O Juventus para mim é uma tentativa de estar próximo às pessoas da minha família com as quais eu não convivi. Fora a questão de ser torcedor e tudo o mais, é uma oportunidade de manter vivos os laços da minha família com o clube. O Juventus representa mais do que uma grife, um time de futebol. É a minha casa. Quero passar isso para os meus filhos, netos e bisnetos, e espero que eles possam, um dia, dar entrevistas falando que o avô ou bisavô deles narrou no estádio do Juventus.” **Raony Pacheco**

Referências bibliográficas

COELHO, P. V. **JORNALISMO ESPORTIVO**. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMATTA, R. **ESPORTE E SOCIEDADE: UM ENSAIO SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO**. In: DAMATTA, R. (org) **UNIVERSO DO FUTEBOL - ESPORTE E SOCIEDADE BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 19-42.

DANTAS, A. **TEMPO DE REPORTAGEM**. São Paulo: Leya, 2012.

HUIZINGA, J. **HOMO LUDENS - O JOGO COMO ELEMENTO DA CULTURA**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RODRIGUES, N. **À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS: CRÔNICAS DE FUTEBOL**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VILLAS BOAS, S. **JORNALISTAS LITERÁRIOS - NARRATIVAS DA VIDA REAL PRODUZIDAS POR NOVOS AUTORES BRASILEIROS**. São Paulo: Lummus, 2007.

VOGEL, A. **O MOMENTO FELIZ - REFLEXÕES SOBRE O FUTEBOL E O ETHOS NACIONAL**. In: DAMATTA, R. (org) **UNIVERSO DO FUTEBOL - ESPORTE E SOCIEDADE BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 75- 114.



As trajetórias de determinadas cidades ou bairros confundem-se com a de seus próprios clubes de futebol. São décadas de envolvimento, suficientes para que fossem escritas histórias eternizadas no imaginário das populações locais. Alguns times representam um povo, bem como seu modo de viver, suas tradições e seu bairrismo.

Em períodos em que alguns times locais travam uma árdua luta diária para sobreviver, muitos desanimaram e desistiram de segui-los. Outros, porém, compram a briga e se dispõem a sofrer e sorrir - quando se é possível - junto com seus times. Se depender deles, o desamparo e abandono são situações com as quais esses clubes jamais terão que lidar.

“Movidos a paixão” busca trazer um pouco do que essa relação foi capaz de construir e do que pode continuar construindo em quatro lugares onde vivem times tradicionalíssimos e queridos de nosso esporte. Serão relatadas histórias de amor, no sentido mais puro e verdadeiro que essa palavra abstrata pode assumir.

Viva o futebol!